SUPER EDIÇÃO DE ANIVERSÁRIO

SET

CINEMA VÍDEO

EXEMPLAR DE ASSINANTE VENDA PROIBIDA

EDITORA AZUL

5633 - Junho, 1993 - Ed. 72 – Ano VII - Nº 06 - Cr$ 190.000,00

VÍDEO

AS VERSÕES ORIGINAIS DE *KING KONG* *NOSFERATU*

E MAIS 40 LANÇAMENTOS

A MAGIA DE *ALADIM*

WALT DISNEY COMO NOS BONS TEMPOS

JURASSIC PARK

DINOSSAUROS ATACAM!

A NOVA PRODUÇÃO MILIONÁRIA DE SPIELBERG

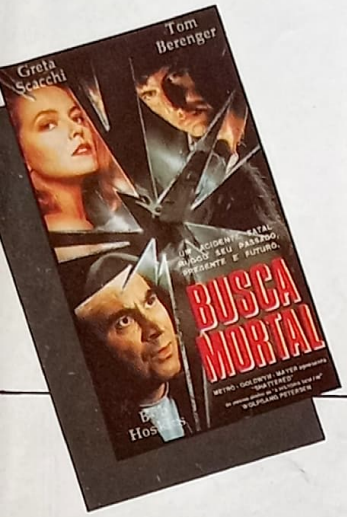
ESPECIAL A HISTÓRIA E A GLÓRIA DO FESTIVAL DE CANNES

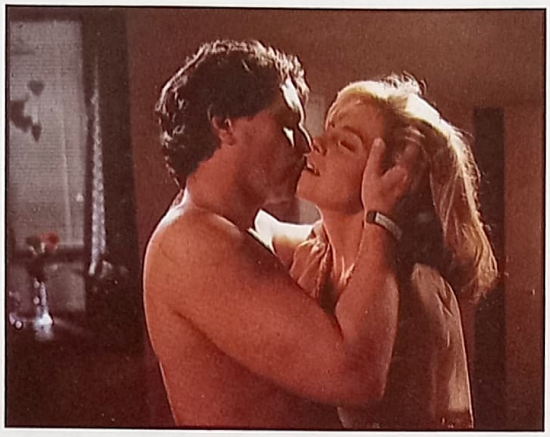
ISSN 0104-1592

9 770104 159003 72>

LANÇAMENTOS

JÁ NA SUA LOCADORA



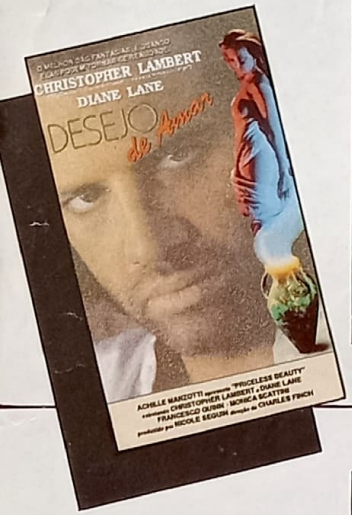


BUSCA MORTAL

TOM BERENGER · GRETA SCACCHI
BOB HOSKINS

VÍTIMA DE AMNÉSIA, ELE TENTA RECONSTITUIR SUA VIDA NUM CLIMA DE PAIXÃO, SEXO, PERIGO E SUSPENSE.

LANÇAMENTO SIMULTÂNEO CINEMA E VÍDEO

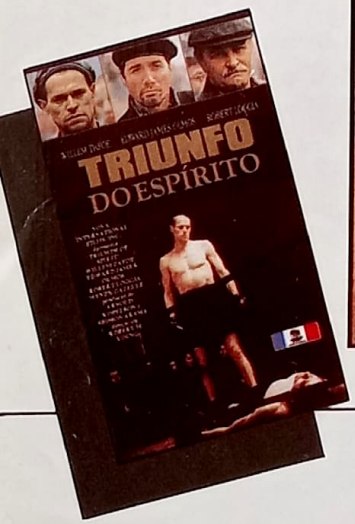


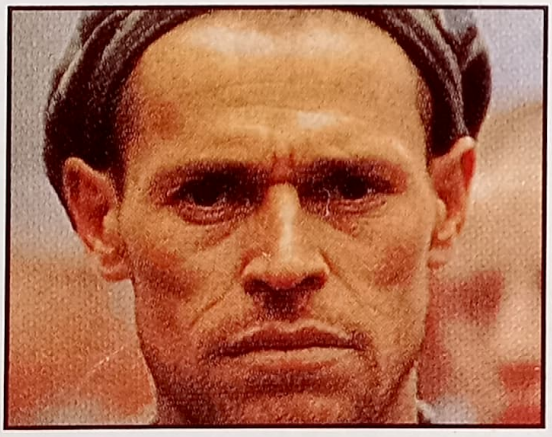
DESEJO de Amar

CHRISTOPHER LAMBERT — DIANE LANE

O MELHOR DAS FANTASIAS, É QUANDO ELAS PODEM TORNAR-SE REALIDADE

LANÇAMENTO SIMULTÂNEO CINEMA E VÍDEO





TRIUNFO DO ESPÍRITO

WILLEM DAFOE · ROBERT LOGGIA
EDWARD JAMES OLMOS

AS REGRAS ERAM SIMPLES: VOCÊ PERDE, VOCÊ MORRE. SOBREVIVER ERA O PRÊMIO.

LANÇAMENTO SIMULTÂNEO CINEMA E VÍDEO

ESTES SUCESSOS ESPERAM POR VOCÊ!!!

PROGRAMA

Fotos de capa: Jurassic Park (UIP), Aladdin (Walt Disney)

Ciência e tecnologia a serviço da arte e da fantasia – a fórmula mágica que resume a essência do cinema – virou quase sem querer o tema de nossa edição de sexto aniversário. Afinal, não é todo mês que estréiam produções de griffes tradicionais da bruxaria hollywoodiana como Steven Spielberg e os estúdios Disney.

Jurassic Park **chega como uma mega produção de 56 milhões de dólares, realizada especialmente para consolidar a nova Universal Pictures – agora propriedade da japonesa Matsushita. E os patrões nipônicos de Spielberg parecem tranqüilos. Afinal, ele está em seu território: muita ação, efeitos especiais de tirar o fôlego e personagens sem nenhum tipo de tormento existencial para complicar o desenvolvimento da história. Aproveitamos a deixa para um vôo panorâmico sobre os dinossauros no cinema, desde 1914 até hoje: estrelando tanto os bichos de borracha japoneses como os incríveis lagartos criados através da técnica de stop-motion inventada por Willis O'Brien e transformada em arte por Ray Harryhausen (o perfil ideal para o *Mito* desta edição).**

Aladim, **a prova definitiva da ressurreição do padrão de qualidade Disney e já a maior bilheteria da história da animação, também mereceu uma atenção especial. Além de investigar os bastidores de sua produção, incluímos uma mini-retrospectiva de como o estúdio atravessou as duas décadas passadas desde a morte de seu fundador – uma travessia perigosa e irregular, mas que, antes mesmo de *A Bela e a Fera*, já havia rendido algumas preciosidades injustamente relegadas ao esquecimento.**

Para não dizerem que a Redação voltou à infância, a próxima etapa da viagem aterrissa no sul da França para um ensaio fotográfico dedicado ao Festival de Cannes, o mais importante, o mais badalado, o mais sexy e o mais chique evento do calendário cinematográfico. (O Oscar? Ora, dura só uma noite e todo mundo vê pela televisão...). Falando nisso, não percam a SET de julho de jeito nenhum: enquanto esta edição era enviada para a gráfica, José Augusto Lemos e José Emilio Rondeau embarcavam para Cannes para trazer para vocês uma mega-cobertura do festival deste ano.

4 TAKES
O Quarteto Fantástico de Roger Corman
14 JURASSIC PARK
Spielberg traz a pré-história ao século 20
24 LAGARTOS EM DESFILE
Os melhores dinossauros do cinema
32 ALADIM
Um Disney como os dos bons tempos
39 CANNES ESPECIAL
Retrospectiva em fotos do mais badalado festival de cinema do mundo
48 GEORGE ROMERO
Entrevista exclusiva com o inventor do horror moderno
55 VIDEOLANÇAMENTOS
King Kong, *Nosferatu* e *Interlúdio*
68 NOVOS FILMES
Matinê, *Tartarugas Ninja 3* e *Pimentinha*
72 FREE SHOP
Novidades eletrônicas da UD
74 MITO
Ray Harryhausen, fabricante de monstros
80 CARTAS
81 FILMOGRAFIA
82 NOSTALGIA

Stills

CIVILIZAÇÕES DESAPARECIDAS

COSTNER VOLTA À TRIBO

Kevin Costner continua apaixonado pelos silvícolas americanos. Sua mais recente investida no território indígena é o documentário *500 Nações*, produzido por ele em parceria com o UCLA's Fowler Museum of Cultural History e a Pathways Productions. A série de oito horas, realizada para a TV americana, mostrará a história e o cotidiano de 500 nações americanas pré-colombianas. O detalhe é que as cidades e aldeias indígenas serão recriadas tridimensionalmente através de computação gráfica. Entre elas, a mais impressionante é Cahokia. Localizada às margens do rio Mississippi, na atual Louisiana, Cahokia possuía em 1200 – época em que os europeus ainda se arrastavam na Idade das Trevas – uma população de trinta mil habitantes e uma arquitetura notável com pirâmides de trinta metros de altura. Ah, sim! Se depois de tudo isso você ainda estiver interessado em Kevin Costner, saiba que ele apresentará e narrará o documentário.

BOXING HELENA

KIM BASINGER NÃO QUIS FAZER

A loura gelada rompeu o contrato com a produção de *Boxing Helena*, estréia na direção da filha terrível de David Lynch, Jennifer, alegando que as cenas de sexo eram muito gratuitas. Kim foi aos tribunais com a maior cara de santa, mas deve pagar nove milhões de dólares para os produtores, cujas verdinhas jura que não tem. Uma das cenas que Ms. Basinger achou pesada é esta entre a belíssima Sherilyn Fenn e Julian Sands (foto acima), que vocês podem julgar.

Columbia

R.I.P.

CANTINFLAS

Para Charles Chaplin, ele era o "melhor comediante do mundo". O prestígio do mexicano Cantinflas pode também ser medido através de seu sucesso nas bilheterias: Mario Moreno Reyes, seu verdadeiro nome, juntou uma fortuna calculada em cerca de 52 milhões de dólares. Cantinflas morreu em 21 de abril último, vítima de câncer no pulmão.

SUPERTRASH

QUARTETO FANTÁSTICO

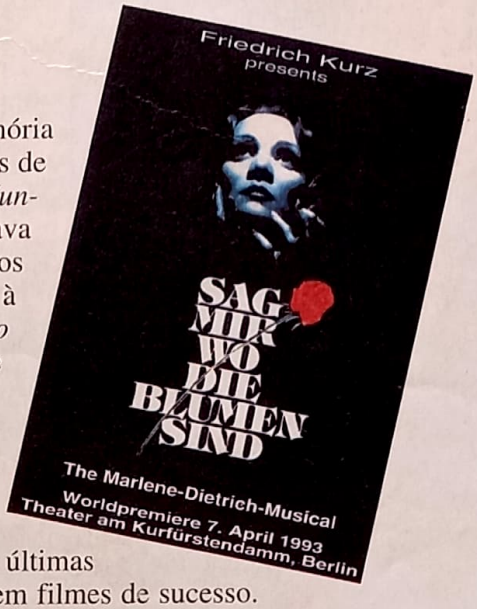
Quando perguntei a John Lang, vice-presidente da Marvel Comics, por que todos os filmes baseados em quadrinhos da editora resultavam em porcarias, ele me respondeu que isto era passado e que não mais aconteceriam desastres como *Capitão América*. Na mesma época, uma executiva da Marvel, Marina Lum-Kang, disse que entre os grandes projetos da editora para este ano estava uma versão de *Elektra* – por Oliver Stone! O que está sendo produzido é *Quarteto Fantástico*. A maquiagem está a cargo da Optic Nerve (de *A Noite dos Mortos Vivos*, de Tom Savini). Mas o orçamento é pequeno, US$ 4 milhões. A produção ficou por conta da Concorde Pictures, de Roger Corman. O filme é previsto para dezembro. Enquanto isso,aí está a foto do quarteto para você conferir.

Alex Hyde-White (Sr. Fantástico), Rebecca Staab (Mulher Invisível), Carl Ciarfalio (O Coisa), Jay Underwood (Tocha Humana)

Rogério de Campos

TEATRO

MUSICAIS



Nem tudo são espinhos para a memória de Marlene Dietrich. Pouco depois de Maria Riva ter lançado o livro *Eu Nunca Amei minha Mãe*, em que jogava lama na reputação do "Anjo Azul", os alemães fazem uma homenagem à Marlene com o musical *Sag Mir Wo Die Blumen Sind*. O espetáculo, que recupera os maiores sucessos cantados por Marlene, teve estréia mundial em Berlim em abril.

O cinema, aliás, também é fonte de inspiração para os recentes musicais da Broadway. Várias das últimas produções a estrear são baseadas em filmes de sucesso. Entre eles, *A Garota do Adeus* (que deu um Oscar de melhor ator para Richard Dreyfuss, em 78) e *O Beijo da Mulher Aranha* (com produção e direção de Harold Prince, de *O Fantasma da Ópera*). Até o ano que vem chegarão aos palcos versões de *O Crepúsculo dos Deuses*, *Sapatinhos Vermelhos* e da animação *A Bela e a Fera*.

TRAILER

BREVE NUM CINEMA PERTO DE VOCÊ

ARNOLD SCHWARZENEGGER e **JAMES CAMERON** voltam a trabalhar juntos no próximo mês, quando começam as filmagens de *True Lies*, mistura de comédia e filme de ação. Schwarzenegger deve fazer o papel de um agente antiterrorista que enfrenta problemas familiares "inesperados".

Estava demorando para aparecer a primeira grande produção sobre a Guerra do Golfo: **TOM CRUISE** e **KIEFER SUTHERLAND** vão estar no filme sobre o episódio em que nove soldados ingleses morreram vítimas de um "friendly fire" (ou "balas amigas", a irônica definição dos americanos para os tiroteios em que soldados acidentalmente atiram contra seus companheiros). Adivinhe qual superastro de Hollywood está sendo cogitado para Saddam Hussein? Se você pensou em *Um Estranho no Ninho* e *O Iluminado*, acertou.

MEG RYAN andou freqüentando centros de tratamento para alcoólatras como preparação para seu novo filme, *Significant Other*. Ela vai interpretar uma mãe que enfrenta problemas para cortar as bebedeiras. **ANDY GARCIA** fará o marido e a direção será de Luis Mandoki, de *Loucos de Paixão*.

Após a fracassada tentativa com *Oscar*, **SYLVESTER STALLONE** vai novamente fazer um papel de mafioso. Só que desta vez não é uma comédia: ele vai ganhar US$ 7,5 milhões para representar nas telas a história real de Sammy "The Bull" Gravano, o homem que delatou o chefão da Máfia John Gotti (que será vivido por **MICHAEL KEATON**). É possível que Kevin Costner faça uma ponta como um agente do FBI.

DANNY DEVITO vai estrelar o thriller *Get Shorty*, do escritor Elmore Leonard. A produção da Columbia TriStar escalou Barry Sonnenfeld para dirigir. Diz o roteirista Scott Frank que o título não tem nada a ver com a altura de DeVito.

BILLY CRISTAL, Lowell Ganz e Babaloo Mandel escreveram o roteiro para a seqüência de *Amigos Sempre Amigos*. As filmagens de *City Slickers II: The Legend of Curly's Gold* começam no mês que vem e terão Cristal, Daniel Stern e Jon Lovitz cruzando o Velho Oeste em busca de um tesouro perdido. A direção vai ser do inglês Paul Weiland.

SHAKESPEARE BUCÓLICO

AÍ TEM!

O último Kenneth Branagh já estreou nos EUA. Aliás, ele volta ao que sabe fazer melhor: adaptar e dirigir obras de William Shakespeare; neste caso, a comédia *Muito Barulho em Torno de Nada*, sobre cavaleiros em guerra e donzelas desprotegidas na Itália do século 16. Enquanto os heróis se digladiam, as mulheres se divertem nos campos. O clima pueril está mais do que claro nesta foto com Emma Thompson e Kate Beckinsale desfrutando momentos de paz (e amor?). O cast conta ainda com Denzel Washington, Robert Sean Leonard, Michael Keaton e Keanu Reeves.

Stills

STANLEY KUBRICK

DE VOLTA ÀS BATALHAS

O diretor de *Nascido para Matar* está longe das filmagens há seis anos. Depois desta dieta prolongada, Kubrick retorna aos filmes de guerra com *Wartime Lies*, baseado no aclamado romance de Louis Begley, que recebeu os prêmios National Books Critics e National Book em 1991. O livro conta as tristes lembranças das crianças polonesas perseguidas pelos nazistas durante a segunda guerra.

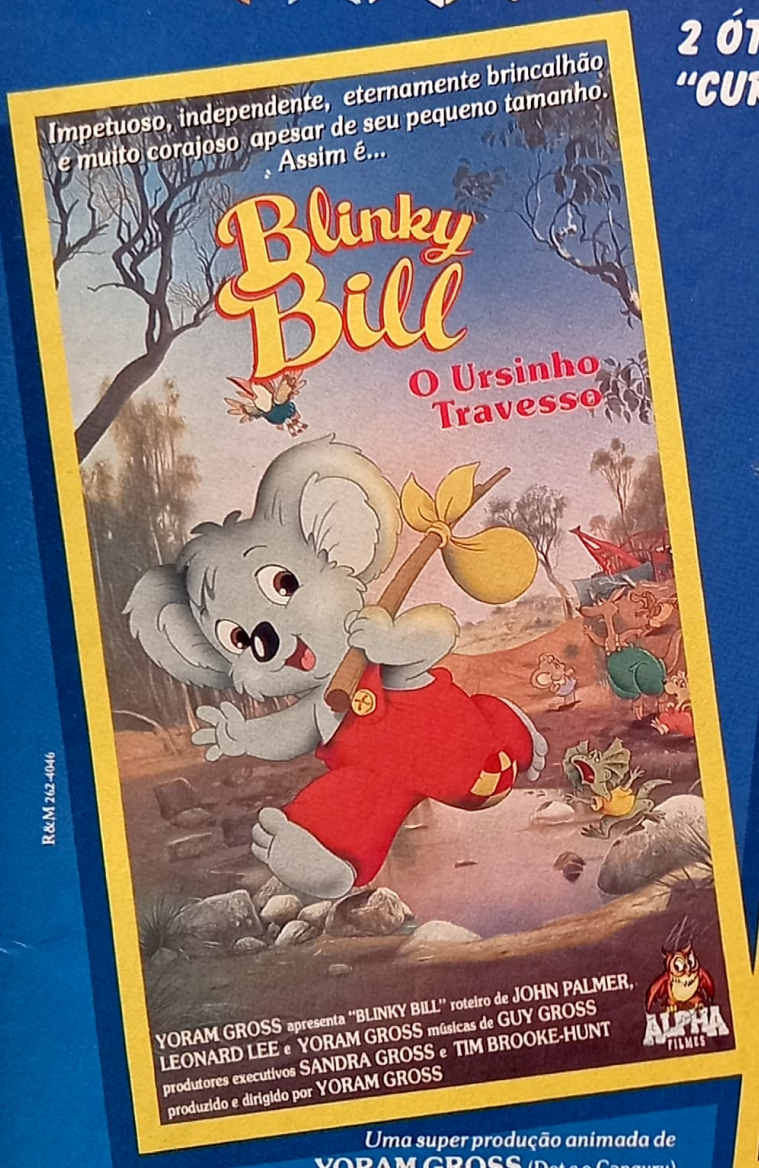
ROBERT ALTMAN

FIM DO SONHO AMERICANO

Um filme de três horas que pretende ser um retrato dos EUA no final do milênio. A idéia parece pretensiosa? Seria se a assinatura de *Short Cuts* não fosse do mesmo Robert Altman (foto) de *O Jogador* (92). O diretor adaptou as crônicas, sobre a América atual, do escritor Raymond Carver. As tramas se intercalam e contam histórias ordinárias, como a da jovem mãe (Jennifer Jason Leigh) que ganha uns trocados fazendo sexo por telefone ou da cantora famosa (Annie Ross) que acabou num cabaré fim de linha. O filme só chegará às telas americanas em outubro, mas foi entusiasticamente aplaudido por uma platéia de notáveis numa avant-primière realizada em Nova York, em abril. Entre o distinto público estavam Gore Vidal, Arthur Miller, Jonathan Demme, Norman Jewinson e Garry Trudeau. É esperar para conferir.

EM JUNHO A ALPHA TÁ FAZENDO A MAIOR FESTANÇA!

2 ÓTIMOS FILMES PRÁ VOCÊ "CURTIR A DOIDADO" NESTAS FÉRIAS!

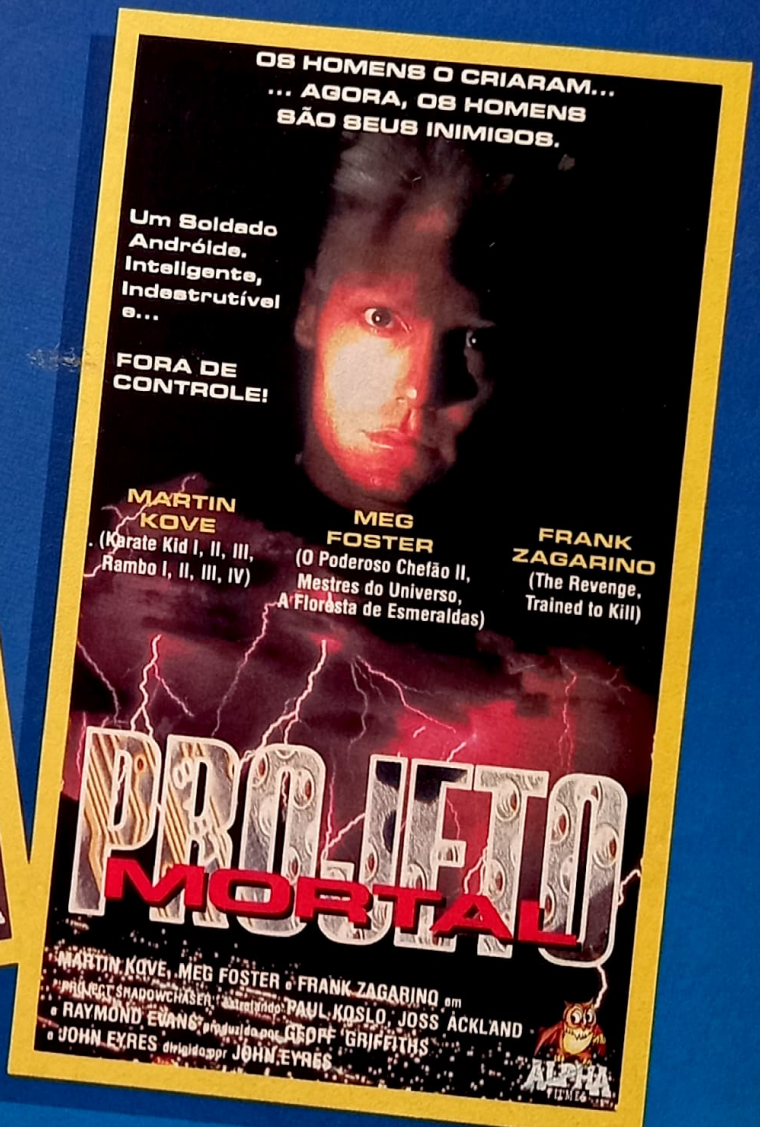


R&M 262-4046

Uma super produção animada de
YORAM GROSS (Dot e o Canguru)

Numa linda floresta, onde vivem animais tranquilos e felizes, um dia, subitamente, o silêncio do amanhecer é interrompido pelo barulho de madeireiros clandestinos que, junto com suas serras elétricas e machados, começam a derrubar as árvores.
Blinky Bill - O Ursinho Travesso, nos conta as aventuras dos animais da floresta, em sua luta para reconstruir seu pequeno mundo destruído pelos humanos, uma lição que ninguém jamais esquecerá.

DURAÇÃO 97' aprox.
© 1992



Romulus (FRANK ZAGARINO) um andróide de Um Bilhão de Dólares, é implacável e indestrutível. Junto com terroristas e armas sofisticadas, seu alvo é Sarah (MEG FOSTER), a filha do presidente.
Resgate exigido: 50 Milhões de Dólares.
Imediatamente o F.B.I. envia uma equipe de resgate dando início a uma perseguição mortal.

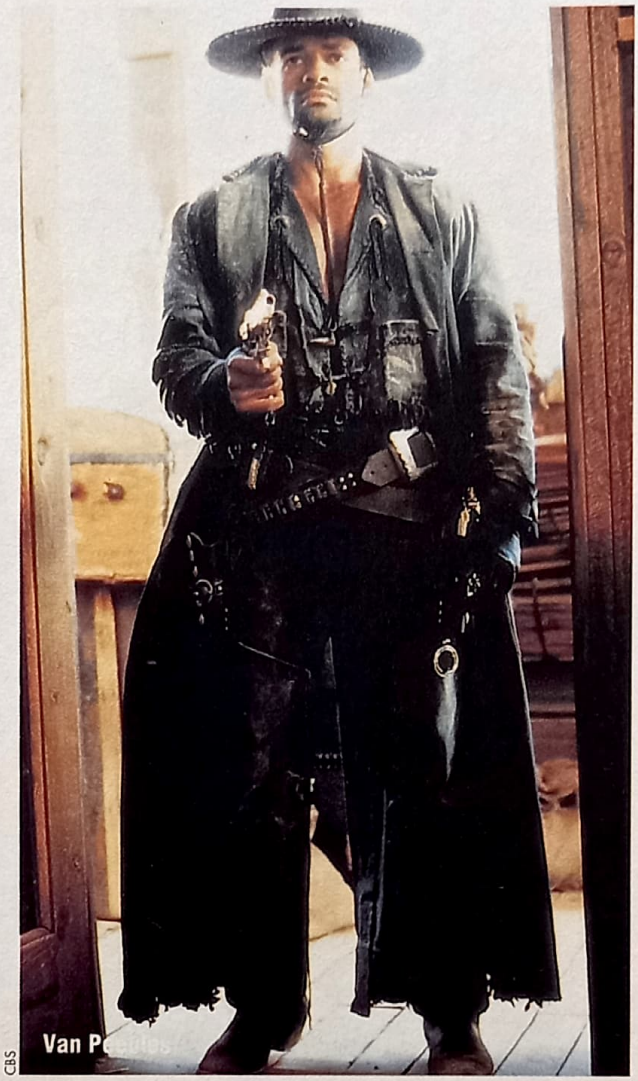
© 1992

ALPHA FILMES

R. Mauá, 836 - casa 18 - Sta. Efigênia - 01028-000 - São Paulo SP - Tels: (011) 229-3864 / 0240 - 228-2230 - Fax: (011) 227-1957

CAVALEIRO NEGRO

Faroeste só com negros? Novidade não é. *Um por Deus, Outro pelo Diabo* (72), estrelado por Harry Belafonte e Sidney Poitier, também diretor do filme, está aí para não nos deixar mentir. Mas que são raros, são. E é por isso que *Posse* causou certa surpresa em Hollywood. É um western quase 100% negro dirigido e estrelado por Mario Van Peebles, o mesmo de *New Jack City*, e os poucos personagens brancos são vilões. Os demais protagonistas fazem parte da turma – ou "posse", na gíria do final do século passado – de Jessie Lee (Van Peebles). Curiosidade: ao final deste western politicamente correto, são proferidas as mesmas palavras de ordem que movimentaram Los Angeles nos últimos dois anos de crise racial: "sem justiça não há paz"



WESTERMANIA

O sucesso internacional de *Os Imperdoáveis* acabou gerando uma avalanche de westerns em Hollywood. Anote:

• *Tombstone*, dos Estúdios Disney, trará Kurt Russell no papel do lendário xerife Wyatt Earp. O filme estréia em dezembro nos EUA.

• Gerônimo, o chefe índio que infernizou a vida da cavalaria americana, também estará nos cinemas em duas versões. A Columbia prepara uma com Wes Studi (*O Último dos Moicanos*) no papel do silvícola e Jason Patric como um oficial do exército. E a Turner News Network, maior rede de TV a cabo americana, também escala elenco para realizar a história, que deverá chegar à telinha em 1994.

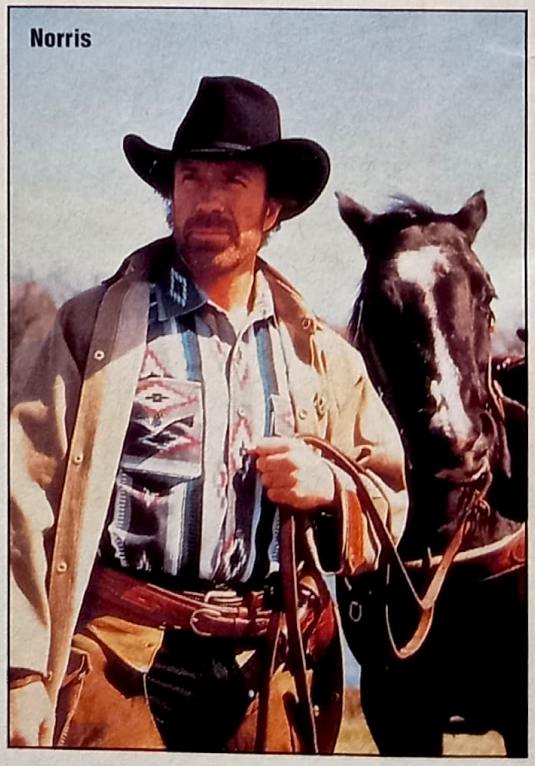
• Mas o que ninguém esperava é que Chuck Norris abandonasse o karatê para se dedicar ao tiroteio. Norris está na nova série *Walker, Texas Ranger*, da rede de TV CBS. Óbvio: ele é Texas Ranger, um cara que resolve problemas na melhor tradição bang-bang.

ROCK & HUDSON

CAUBÓIS GAYS VÃO AO CINEMA

Rocky & Hudson são os caubóis mais bichas (no bom sentido!?!) das histórias em quadrinhos. Foram criados pelo desenhista gaúcho Adão Iturrusgarai e suas tiras são publicadas nas revistas brasileiras *Dundum* e *Animal* e atualmente na francesa *Flag*. Agora eles viraram desenho animado num longa-metragem (produzido em 35 mm) que será lançado em salas especiais de cinema e também em *homevideo*. A Otto Desenhos Animados e a Prisma Produções, que bancam a empreitada, planejam lançar o vídeo até julho e já preparam versões em francês, inglês e espanhol para colocação no mercado externo. Quem quiser conhecer o trabalho da Otto Desenhos Animados pode procurar nas locadoras a fita *O Natal do Burrinho*. Trata-se de uma coletânea com três curtas-metragens onde o principal é uma bobeira infantil, mas os outros dois – *O Reino Azul* e *Trailer* – são coisa finíssima.

Carlos Eduardo Miranda


Norris

Elas se tornaram iguais.
Agora, uma delas vai ter que desaparecer.
Duas atrizes de primeira num suspense cheio de adrenalina.
BRIDGET
FONDA
JENNIFER JASON
LEIGH
A pessoa com a qual Allie
divide o apartamento está
pegando emprestado algumas
de suas coisas sem pedir licença.
Suas roupas...
Seu namorado...
Sua vida.
Para subir ainda
mais a adrenalina,
veja também
Jean-Claude
VAN DAMME
Dolph
LUNDGREN
SOLDADO
UNIVERSAL
MULHER SOLTEIRA, PROCURA...
MS do West Side, procura outra pessoa para
dividir apartamento.
Dividir o apartamento com alguém pode ser fatal.
20·20
VISION
LK-TEL
VIDEO

Chiara Matroianni

BELA RAGAZZA

Se depender só de *pedigree* o sucesso está garantido, mas Chiara Mastroianni está disposta a provar que tem talento à altura dos pais Marcello Mastroianni e Catherine Deneuve. Enquanto seu *début* nos cinemas, *Ma Saison Préférée* (de André Téchiné), não chega às nossas telas, o único julgamento possível é sobre o belo fruto que a explosiva união franco-italiana produziu.

GAROTOS PRODÍGIOS

SENSAÇÃO EM HOLLYWOOD

Misture as estruturas do clássico *O Crepúsculo dos Deuses* (50) e de *Os Bons Companheiros* (91), dê ao resultado um ponto de vista negro, acrescente dois jovens diretores, cada um de 20 anos, irmãos gêmeos, e o que você tem? *Menace II Society*, estréia triunfal dos irmãos Hughes, dois garotões do subúrbio de Los Angeles, diretores de clips rappers, que, da noite para o dia, viraram a maior sensação de Hollywood. Depois de terem recebido inúmeras ofertas de filmes ("todos eram scripts de filmes rap babacas", sentencia Allen), os irmãos resolveram escrever eles mesmos um roteiro com a ajuda do amigo Tyger Williams, conseguiram financiamento de três milhões de dólares e distribuição da New Line, um elenco desconhecido e filmaram *Menace II Society*. Allen explica o título: "O protagonista, Kane, é considerado uma ameaça à sociedade mesmo antes de praticar um único crime. Com essa expectativa, só resta a ele ir em frente e cometer os tais crimes".

Jason e Lauren

BRUCE LEE

A HISTÓRIA DO DRAGÃO

Vinte anos depois de sua morte prematura e misteriosa justo às vésperas do mega-estrelato, Bruce Lee ganha sua cinebiografia, *Dragon: the Bruce Lee Story*. O estreante Jason Scott Lee tem o papel principal do filme, baseado em grande parte nas memórias da viúva de Bruce, Linda (vivida por Lauren Holly). Em nenhum momento, porém, o roteirista e diretor Rob Cohen especula a respeito da morte de Bruce. "Esse filme não é sobre artes marciais", Rob avisou numa entrevista à revista americana *Premiere*, "mas, sim, sobre o relacionamento entre duas pessoas, Bruce e Linda". Mas que os fãs de cineporrada não se desesperem: o filme traz algumas das seqüências de luta mais eletrizantes que já se viu nas telas.

ALVORADA

ALVORADA ALVORADA ALVORADA ALVORADA ALVORADA ALVORADA ALVORADA ALVORADA ALVORADA ALVORADA ALVORADA

ALVORADA. O NASCER DO SOM.

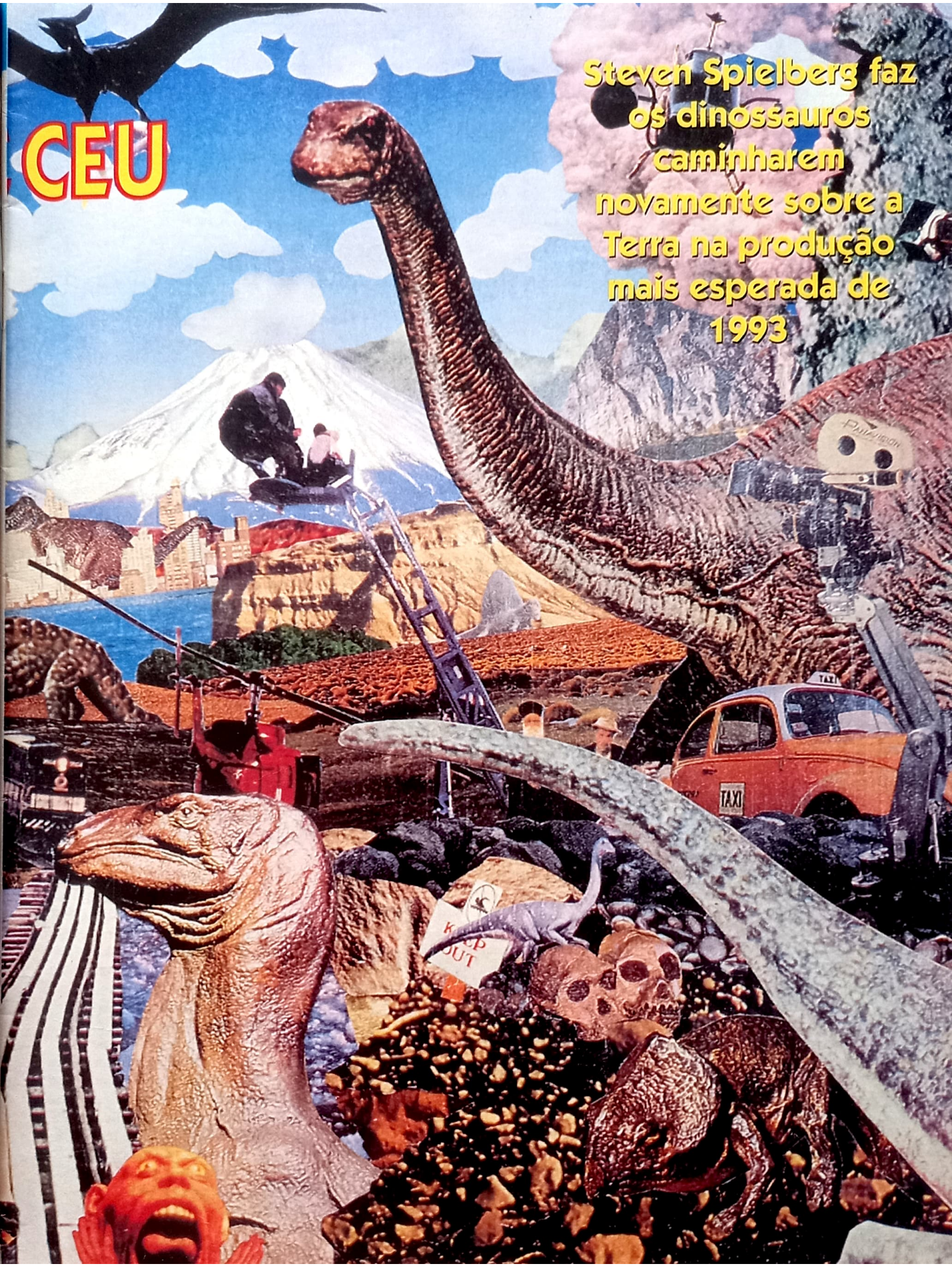
Uma orquestra tem quase 100 instrumentos.
Mas 95,7 megahertz fazem o mesmo efeito.

RÁDIO
ALVORADA
FM 95,7 - Rio de Janeiro

Sistema Alvorada de Comunicação
Rio de Janeiro (021) Tel.: 232-1667/232-811
FAX (021) 232-1660 - Ger. Comercial 224-7679
TELEX (021) 37968

ALVORADA ALVORADA ALVORADA ALVORADA ALVORADA ALVORADA ALVORADA ALVORADA ALVORADA ALVORADA ALVORADA

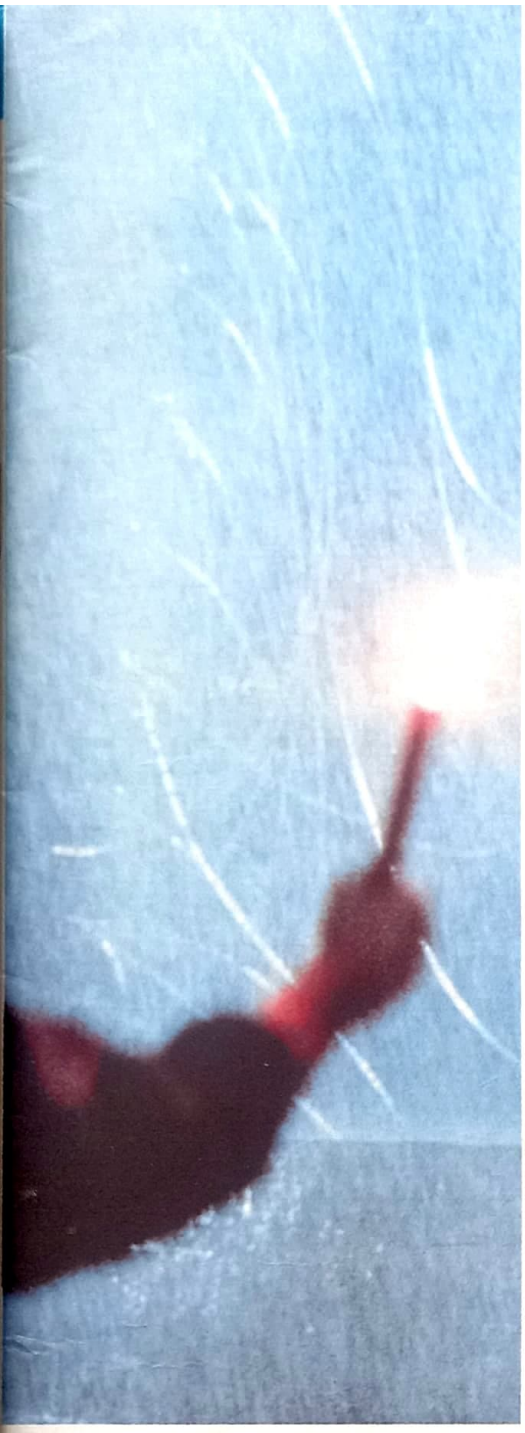
JURASSIC PARK
O MUNDO QUE
O TEMPO ESQUE
Ilustração: Alex Sarnanbi


CEU
Steven Spielberg faz os dinossauros caminharem novamente sobre a Terra na produção mais esperada de 1993
TAXI
TAXI

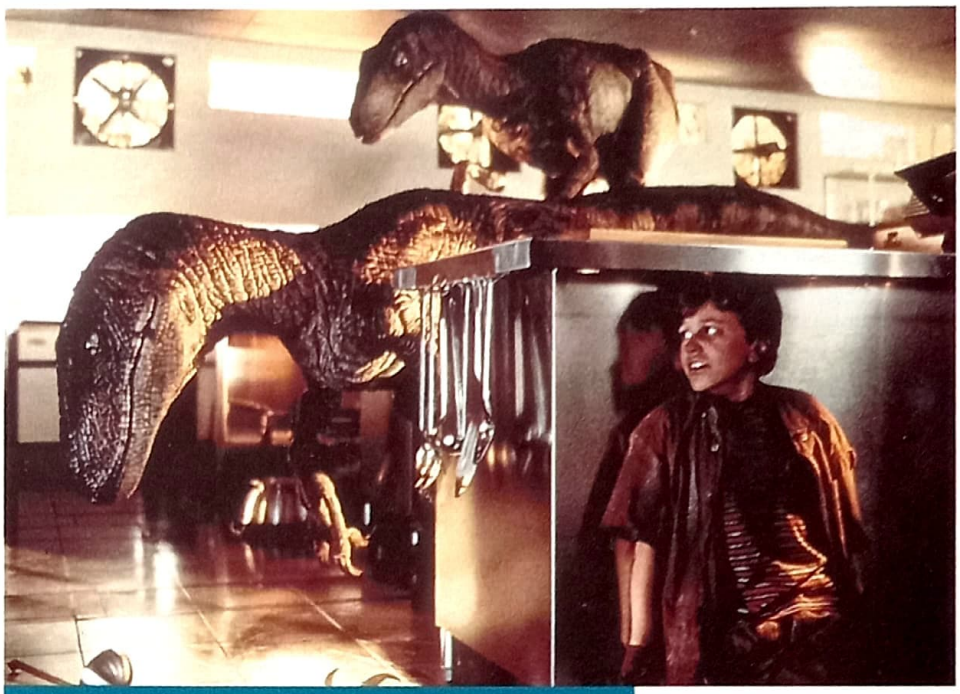
Quando, no último dia de novembro de 1992, fechou a tampa das filmagens de *Jurassic Park* – a esperadíssima ficção científica que traz os dinossauros de volta à vida na Terra do século 20 – , Steven Spielberg estava adiantado doze dias em sua planilha de produção, e conseguira gastar consideravelmente menos do que o previsto em seu orçamento inicial, avaliado em 56 milhões de dólares. Ele havia sobrevivido a dois anos de meticulosa pré-produção, à ingrata tarefa de dirigir (e bem) criaturas mecânicas de dez metros de altura e quatro toneladas, e até a um furacão – o Iniki, que atacou a equipe na ilha havaiana de Kauai sem provocar danos maiores que um dia de atraso. Hora de descansar? Nem em sonho: na hora que for vendido numa bilheteria americana o primeiro ingresso para *Jurassic Park*, no dia 11 de junho, começa o julgamento do projeto mais importante da carreira de Spielberg e é colocado sob a ameaça da lâmina de uma guilhotina – proverbial, mas nem por isso menos letal – o pescoço de Sid Sheinberg, presidente da MCA, Inc., o grupo a que pertence a Universal Pictures.

Desde que foi comprada pelo grupo japonês Matsushita, por 6,59 bilhões de dólares, dois anos e meio atrás, a MCA, Inc. ainda não provou seu valor, ou seja, ainda não deu o retorno esperado aos novos donos – *Um Sonho Distante*, estrelado pelo cada vez menos infalível Tom Cruise, é o exemplo mais recente dessa frustração de expectativas. E *Jurassic Park*, espera Sheinberg, será o agente da mudança que trará novos e mais prósperos tempos à companhia. "Se o retorno desse filme for como o de qualquer outro", disse Sid numa entrevista ao *Wall Street Journal*, "então somos uns estúpidos". Mas se der certo, "ele demonstrará o poder da união de forças entre a MCA e a Matsushita".

Para garantir uma base sólida ao projeto, Sheinberg envolveu todas as divisões da MCA, Inc. no apoio a *Jurassic Park*. Com reuniões que começaram a acontecer com regularidade, entre executivos representando áreas de merchandising, publishing musical, parques de diversões e *home video*, Sheinberg traçou um verdadeiro plano de guerra, que asseguraria ao filme visibilidade absoluta e empuxo máximo através da popularização da marca e do produto de todas as maneiras possíveis



Fotos UIP

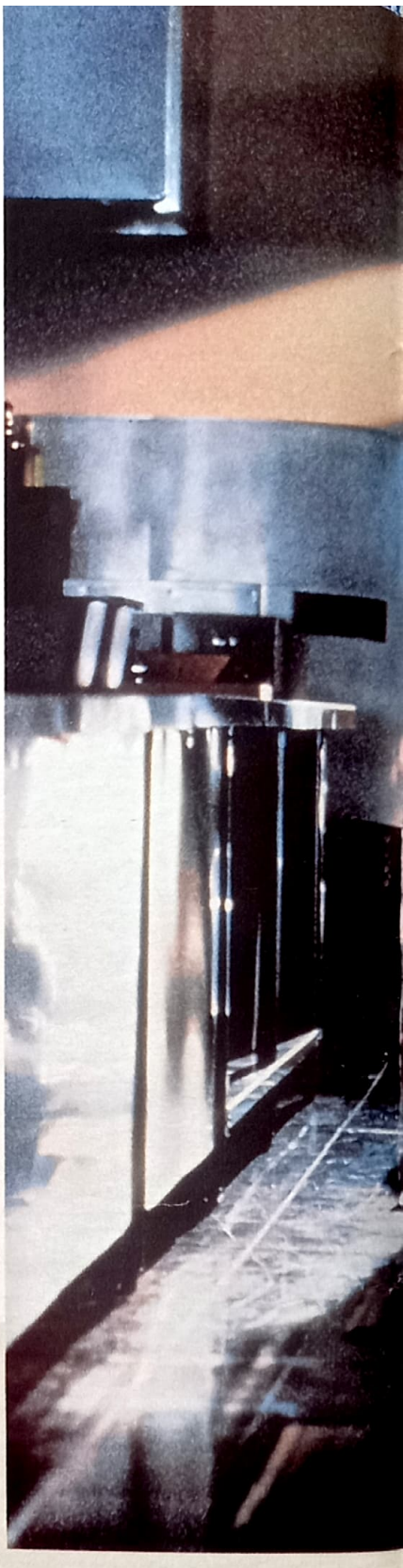


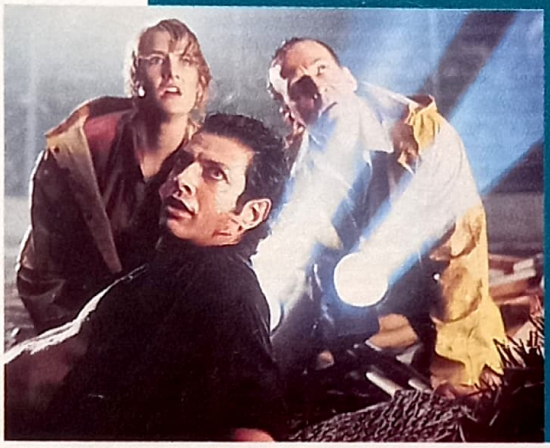
O *homo sapiens* encara as criaturas mesozóicas: acima, os velociraptores tentam comer uma criança. Abaixo, Sir Richard Attenborough, Laura Dern e Sam Neill assistem ao nascimento de um baby sauro. À direita, a entrada do Jurassic Park

e imagináveis. Em determinado momento, 125 executivos de sucursais no mundo inteiro da MCA, Inc. se reuniram num mesmo período, no quartel general da empresa, em Los Angeles, para traçar a melhor estratégia para se vender o filme e seus produtos correlatos. Uma reunião da qual participou até a principal arma do estúdio: Steven Spielberg.

O relacionamento de Spielberg com Sheinberg vem de longa data, e tem sido bem-sucedido. Foi Sid quem deu a Steven a chance de dirigir seu primeiro filme. E foi Spielberg quem deu a Scheinberg o maior líder de bilheteria da história do cinema, *ET – O Extraterrestre*. Há, portanto, um elemento de confiança mútua e absoluta que permite ao presidente da MCA respirar tranqüilo quando o diretor

Fotos UIP





Spielberg ensina Joseph Mazzello a se comportar diante de um dino. À esquerda, Jeff Goldblum tenta escapar dos bichos. Na foto maior um velociraptor, mais inteligente que um chimpanzé e mais perigoso que um tiranossauro

lhe diz que Sid só verá o filme apenas quando ele estiver pronto.

Não que ele precise se preocupar: o próprio Spielberg, por exemplo, se encarregou de retirar as cenas mais violentas do filme, para garantir que o público infantil – aquele que geralmente gosta de assistir ao mesmo filme quatro, cinco, quinze vezes, como fez com *ET* e, há pouco tempo, com *Esqueceram de Mim* – não fique longe dos cinemas. É esse o naco do público, aliás, que mais preocupa o diretor. Como certeza de que tudo em relação aos dinossauros do filme será bem aceito pelos mais rigorosos conhecedores do assunto – a garotada –, Spielberg contratou os serviços do "consultor paleontologista" Jack Horner, curador do Museum of the Rockies. "Depois de 'mamãe', 'papai', 'sim' e 'não", a quinta palavra que a criança geralmente aprende é estegossauro", brincou o diretor numa entrevista. Ou estava falando a sério? "Desde muito cedo, as crianças sabem tudo a respeito dos dinossauros. Não me importo que, depois do filme lançado, um paleontólogo de 70 anos me escreva dizendo que achou um pequeno defeito (*em* Jurassic Park). Mas não quero que uma criança me telefone

BICHOS ESCROTOS

As atrações da Dinolândia

Triceratops

Tiranossauro Rex

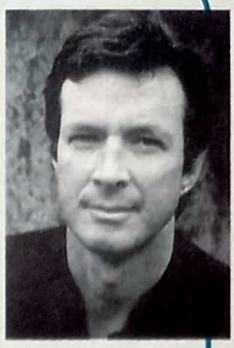
Braquiossauro

Dilosossauro

Galliminus

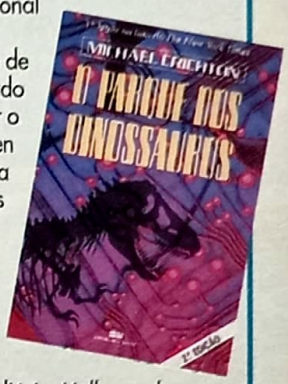
MICHAEL CRICHTON

O Mentor da História



Famoso por seus livros e filmes de ficção científica, o escritor trouxe os dinossauros ao século 20 e é o mais novo milionário de Hollywood

Não é a primeira vez que o escritor Michael Crichton – um ex-médico – se destaca em Hollywood. Como romancista, ele já forneceu matéria-prima de inúmeros filmes como *O Enigma de Andrômeda* e *O Homem Terminal*. Também dirigiu em Hollywood: são dele *Westworld – Onde Ninguém Tem Alma* e *O Primeiro Assalto de Trem*. E outro livro de sua autoria, *Rising Sun*, já virou filme com Sean Connery e Wesley Snipes protagonizando uma intriga internacional entre Japão e Estados Unidos.



Mas *O Parque dos Dinossauros* – apenas pelo envolvimento de Spielberg e pela maneira agressiva como o filme vem sendo badalado – é seu projeto mais visado, o divisor de águas que poderá elevar o autor ao mesmo platô de cachê e prestígio unânime de um Stephen King – outro que vive circulando em Hollywood, ainda que a química, pelo menos por enquanto, não tenha sido das mais espetaculares.

Michael Crichton recebeu da Universal dois milhões de dólares pelo uso do livro, mais um adicional – não revelado – pelo script, que ele mesmo escreveu a duras penas, ainda que agora o dito cujo seja mais creditado a David Koepp, com adaptação de Crichton e Malia Scotch Marmo. "Consegui reduzir o script a 140 páginas", ele disse em fevereiro de 1991 numa entrevista ao diário *Hollywood Reporter*, "mas Spielberg pediu 110 páginas, para que ele tivesse tempo o bastante para se espalhar um pouco nas cenas de ação, que ele faz tão bem. Não é nada fácil resumir um livro de 400 páginas a um script do tamanho que Spielberg precisava. É preciso muita informação no roteiro para dar credibilidade aos conceitos de que fala a história."

A idéia básica de *O Parque dos Dinossauros* ocorreu a Crichton em 1984, quando Michael sentiu-se impelido a escrever uma história sobre animais que escapavam de um laboratório, "como uma parábola a respeito da responsabilidade que é criar uma vida". Não deu certo, e a história foi relegada ao arquivo mental.

Até que, em 1988, Michael começou a escrever o que viria a ser o livro, recarregado por uma pesquisa de DNA sobre a qual havia lido: os animais que escapariam do laboratório seriam dinossauros, trazidos de volta à Terra por um prodígio da engenharia genética, graças a gotículas de sangue milenar descobertas no fóssil de um minúsculo mosquito pré-histórico.

No entanto, Crichton só se sentiu seguro o bastante para pôr tudo no papel depois de uma conversa com um colega universitário, Marvin Minsky, especialista em inteligência artificial sediado no Massachussetts Institute of Tecnology, o respeitadíssimo MIT. Crichton queria se assegurar de que suas idéias de ressurreição de monstros pré-históricos conseguiriam se sustentar em hipóteses científicas. "Eu tinha um bom terreno a explorar", disse Michael, "mas eu queria obedecer fielmente à especulação científica que havia à minha disposição".

Nas poucas entrevistas que vêm dando após a Universal ter dado a partida na campanha de lançamento do filme, Crichton faz questão de dizer que escreveu *O Parque dos Dinossauros* fora de uma pretensa "onda de dinossauros". Aliás, o livro ficou apenas no mundo das idéias ao longo dos anos 80, quando se vivia nos Estados Unidos uma dinossauromania. "Eu não queria fazer parte de uma moda passageira", diz o escritor.

J.E.R.

FILMES

O ENIGMA DE ANDRÔMEDA* (*The Andromeda Strain*, 1971) Direção a partir do romance de sua autoria

DEALING: OR THE BERKELEY-TO-BOSTON FORTY-BRICK LOST-BAG BLUES (1972) Direção, a partir do romance de sua autoria

EXTREME CLOSE-UP (1973) Roteiro

WESTWORLD – ONDE NINGUÉM TEM ALMA* (*Westworld*, 1973) Direção e roteiro

O HOMEM TERMINAL (*The Terminal Man*, 1974) Direção, a partir do romance de sua autoria

COMA* (1978) Direção e roteiro

O PRIMEIRO ASSALTO DE TREM* (*The First Great Train Robbery*, 1979) Direção e roteiro, a partir do romance de sua autoria

O DOMÍNIO DO OLHAR* (*Looker*, 1981) Direção e roteiro

RUNAWAY – FORA DE CONTROLE* (*Runaway*, 1984) Direção e roteiro

ÁLIBI PARA UM SUSPEITO* (*Physical Evidence*, 1988) Direção

BEYOND WESTWORLD Série de TV criada em março de 1980 pela rede CBS, desenvolvida por Lou Shaw com produção de John Meredyth Lucas

LIVROS

O ENIGMA DE ANDRÔMEDA – 1969 (Ed. Expressão e Cultura)

O HOMEM TERMINAL – 1972 (Ed. Expressão e Cultura) (ambos os títulos só são encontrados em sebos)

ESFERA – 1987 (Ed. Best Seller)

O PARQUE DOS DINOSSAUROS – 1991 (Ed. Best Seller, 6ª edição)

*disponível em vídeo

para dizer que o filme não pareceu real o bastante".

Realismo, por mais difícil que possa parecer, foi a palavra de ordem no set de *Jurassic Park*. Para criar os dinossauros, Spielberg chamou o mesmo Stan Winston que bolou *O Exterminador do Futuro*, e apelou ao velho amigo George Lucas. Winston ficou encarregado de construir os dinossauros protagonistas, por assim dizer: o Velociraptor, um predador carnívoro que caça aos bandos; o Braquiossauro, um herbívoro pescoçudo que mede 25 metros de altura; e, naturalmente, o Tiranossauro Rex. À Industrial Light & Magic de Lucas coube criar os dinossauros extras, em animação computadorizada. Os diversos animais – alguns movidos graças ao trabalho simultâneo de dez manipuladores – precisam parecer imponentes e pesados o bastante para derrubar caminhões, como se dá em uma cena. E um deles teria que dar uma gigantesca cusparada na cabeça de um ator humano.

Ah, sim, os humanos, mas é claro. Eles também estão no filme, nas peles de Jeff Goldblum (um matemático), Sam Neill (um paleontólogo), Laura Dern (colega e namorada do personagem de Neill) e Sir Richard Attenborough (o chefão da InGen, Inc., a empresa que cria o Jurassic Park em Isa Nubar, uma ilha na Costa Rica). Eles se confrontam com um perigo que o planeta desconhece há 160 milhões de anos no momento em que uma empresa competidora, também da área de engenharia genética, sabota o parque e põe à solta os dinossauros meticulosamente criados pela InGen para habitar sua atração turística não muito diferente da Disney World.

Ironicamente, os mesmos dinossauros utilizados no filme estão sendo guardados com cuidado para utilização numa futura atração da Universal Studios, na Flórida, que seria inaugurada daqui a dois anos, dependendo do resultado de *Jurassic Park*.

UIP

Laura Dern e Sam Neill cuidam de um Triceratops adoentado antes da bagunça começar

Mas, àquela altura, o mundo já terá sido invadido por outra "espécie": o merchandising do filme.

Mais de cem empresas no mundo inteiro adquiriram os direitos de lincenciamento de produtos ligados a *Jurassic Park*, e a variedade é desconcertante: de hambúrgueres a sapatos, de travesseiros a máscaras de látex, de patins a produtos de higiene infantil. Antes mesmo do lançamento do filme – e sem ter qualquer associação com *Jurassic Park* –, uma empresa de Chatsworth, subúrbio de Los Angeles, já está fazendo serão desde o início do ano para atender à demanda de seu produto mais popular: borrachas apagadoras na forma de dinossauros. Quando, antes do filme, o revendedor precisava esperar de 24 a 48 horas por sua encomenda, agora a Diener Industries não entrega uma borrachinha antes de 45 dias de espera.

A própria Matsushita se prepara para lançar um novo produto na onda de *Jurassic Park*: uma plataforma para videogames, que mistura o melhor dos sistemas Nintendo e Sega, cujo primeiro cartucho será um jogo baseado no filme, desenhado pelo próprio Spielberg, tido como fanático incurável dos games. E os avanços tecnológicos motivados pelo filme não param por aqui.

Spielberg não descansou um minuto de *Jurassic Park*. Mesmo depois de ter viajado para a Polônia, onde estava filmando *Schindler's List*, sobre um empresário alemão que salva vários judeus do nazismo – um *statement* artístico, todo em preto e branco, estrelado por Ben Kingsley e Liam Neeson –, não se afastou das etapas finais de conclusão de *Jurassic Park*. Durante os quatro meses que passou na Polônia, diariamente Spielberg recebia imagens digitais, via fibras óticas, de efeitos especiais completos pela IL&M e da montagem definitiva de *Jurassic Park*. Trata-se de uma nova tecnologia, batizada ImageNet, desenvolvida pela Pacific Bell e pela Vyvx, que permite a transmissão de imagens de alta definição, as quais Spielberg assistia num aparelho não muito diferente de um videofone.

Agora, quando só restaria a Sheinberg esperar o veredito, o presidente da MCA ainda está em ação, acendendo velas para todos os santos. Nos Universal Studios Tours de Hollywood e da Flórida, foram erguidos "centros de informação" para divulgar o filme, onde, meses antes do lançamento, já se era possível comprar camisetas e brochuras referentes ao lançamento. E no Japão, o segundo maior mercado de cinema depois dos Estados Unidos, a máquina de divulgação de *Jurassic Park* funciona desde janeiro: em todas as 24 mil lojas da Panasonic, espalhadas pelo país, telões exibem o trailer do filme, e os clientes podem adquirir testadores de pilhas com a marca Jurassic Park (ao todo, foram distribuídas dez milhões de unidades, até agora). Também no Japão, os apostadores podem comprar raspadinhas baseadas na marca – desde que se comprometam a preencher um questionário explicando que tipo de produto eletrônico gostariam de comprar no futuro próximo. E, *last but not least*, cada gerente de uma loja Panasonic no Japão tem a missão de enfatizar para cada cliente que *Jurassic Park* é muito melhor que *Godzilla*.

José Emilio Rondeau, de Los Angeles

FAÇA VOCÊ MESMO

Como (Re)criar Um Animal Extinto

As histórias de dinossauros na Ficção Científica podem ser divididas em três tipos básicos: "Mundos Perdidos que o Tempo Esqueceu", "Safáris Mesozóicos" e "DNA Fóssil". A primeira fase tomou seu nome emprestado justamente do romance *O Mundo Perdido* (lançado no Brasil pela Editora Melhoramentos), escrito por Arthur Conan Doyle em 1912, autor mais conhecido pela criação de Sherlock Holmes. Nesse tipo de história, exploradores descobrem uma região distante da civilização onde os dinossauros milagrosamente sobreviveram até os dias de hoje. Os enredos da fase intermediária, os "Safáris Mesozóicos", compreendem sempre uma viagem temporal ao passado. Cientistas ou caçadores retornam à Terra da Era Mesozóica, período geológico popularmente conhecido como "Idade dos Dinossauros", para estudar os animais ou abatê-los como troféus de caça. Muitos contos e romances foram escritos dentro dessa vertente. Infelizmente, a maioria não foi ainda traduzida para o português. O conto "Um Som de Trovão", de Ray Bradbury, publicado no Brasil na década de 60 pela revista *O Cruzeiro*, é um trabalho clássico dentro dessa temática.

Recentemente se inaugurou a fase atual, o "DNA Fóssil". Essa temática defende que, com o avanço das técnicas de manipulação genética e a obtenção de material genético fóssil, os cientistas de um futuro próximo seriam capazes de recriar os dinossauros em nossa era. Michael Crichton, autor de *O Parque dos Dinossauros*, não foi o inventor dessa temática. Mas é de longe o que melhor abordou o assunto. Vale lembrar, entretanto, que o escritor Robert Silverberg foi um dos precursores da temática em meados da década passada. Em seu conto "Our Lady of Sauropods" (não publicado em português), dinossauros de muitas espécies distintas convivem harmoniosamente numa reserva ecológica espacial para onde os grandes animais foram removidos após um incidente – um político importante foi devorado – ocorrido na Terra. Silverberg, porém, não explica exatamente como o padrão genético dos dinossauros foi reconstituído a partir dos fósseis. No ano passado, a Record publicou no número 22 da *Isaac Asimov Magazine*, a novela de Allen Steele, *A Terra que Treme*, escrita em 1990. Os dinossauros da história se resumem a três exemplares do gênero Deinonychus, carnívoros bípedes de porte médio da mesma família dos Velociraptores abordados em detalhe no romance de Crichton. Apresentados com boa dose de realismo, os "monstrinhos" de Steele são recriados graças à descoberta de fósseis com quantidades substanciais de material orgânico intacto.

Com precursores de tão fina estirpe, Michael Crichton concluiu em 1991 seu romance *O Parque dos Dinossauros*. A grande sacação científica do autor foi ter conseguido responder satisfatoriamente, pelo menos em termos de FC, à seguinte pergunta: como obter parcelas substanciais de DNA de dinossauros a partir dos tecidos fossilizados hoje conhecidos?

Não adianta muito pensar em resíduos orgânicos presentes nos ossos dos animais. A fossilização de tecidos ósseos é um processo que compreende a mineralização, ou seja, a substituição do material orgânico existente nesses tecidos por átomos de minerais. Esses átomos mantêm as mesmas posições das moléculas orgânicas que se decompuseram, conservando intacta a forma do esqueleto do animal fossilizado. Até hoje não se tem notícia da existência de fósseis de dinossauros que conservassem resíduos de DNA em seu interior.

Mas e quanto aos fósseis de insetos e outros pequenos animais preservados em âmbar? Todas as estruturas morfológicas externas parecem intactas em seus mínimos detalhes. E alguns insetos da Era Mesozóica, à semelhança dos mosquitos atuais, se alimentavam do sangue de animais maiores. Talvez alguns insetos aprisionados no âmbar tenham picado dinossauros. Nesse caso, teriam ainda células sanguíneas de dinossauros em seus estômagos! E essas células – glóbulos brancos, digamos – talvez ainda conservassem suas estruturas intactas para que os biólogos moleculares pudessem coletar fragmentos de DNA de seus núcleos.

Nesse caso, teríamos acesso ao padrão genético de um animal extinto há vários milhões de anos. E no padrão genético de qualquer ser vivo se encontram todas as informações necessárias para a sua, digamos, construção. Se dispuséssemos das informações contidas no código genético de um dinossauro, teríamos dado o passo mais difícil para sua recriação. E é precisamente isso que acontece em *O Parque dos Dinossauros*.

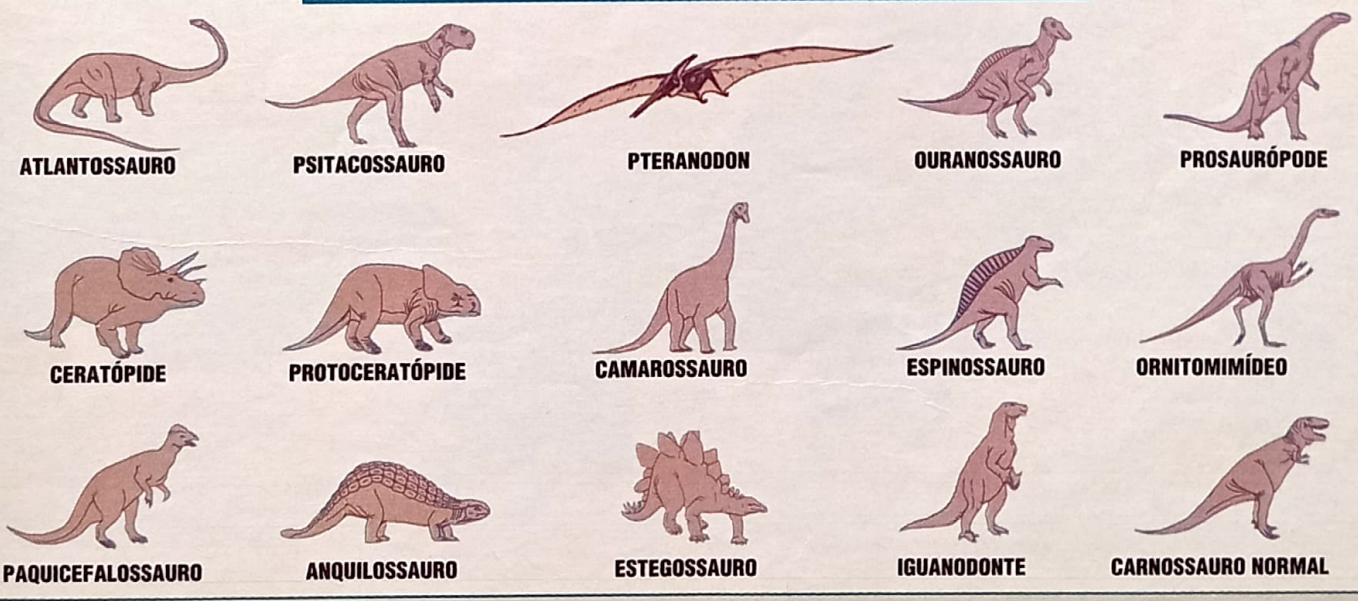
Mas será que isso é possível cientificamente? Vejamos. O ponto mais discutível é se uma cadeia macromolecular tão complexa e delicada quanto o DNA seria capaz de sobreviver durante esse tempo todo no núcleo de uma célula embebida na resina vegetal fossilizada que chamamos de âmbar. As estruturas celulares mais delicadas, nas quais se incluem as cadeias de DNA, costumam se romper, fragmentando-se em moléculas orgânicas menores, quando submetidas a um processo de fossilização desse tipo. As informações codificadas no DNA se perdem definitivamente nessa fragmentação.

Isso, porém, não significa que jamais será possível recriar dinossauros através da engenharia genética. Aliás, a experiência demonstra a leviandade a longo prazo de se afirmar categoricamente que é impossível realizar um determinado avanço técnico. Contudo, fazer dinossauros caminharem sobre a Terra será bem mais difícil do que os autores de FC estão sugerindo. Seja como for, as dificuldades técnicas presentes não comprometem a seriedade da pesquisa nessa área nem a qualidade literária dos trabalhos ficcionais da escola do "DNA Fóssil".

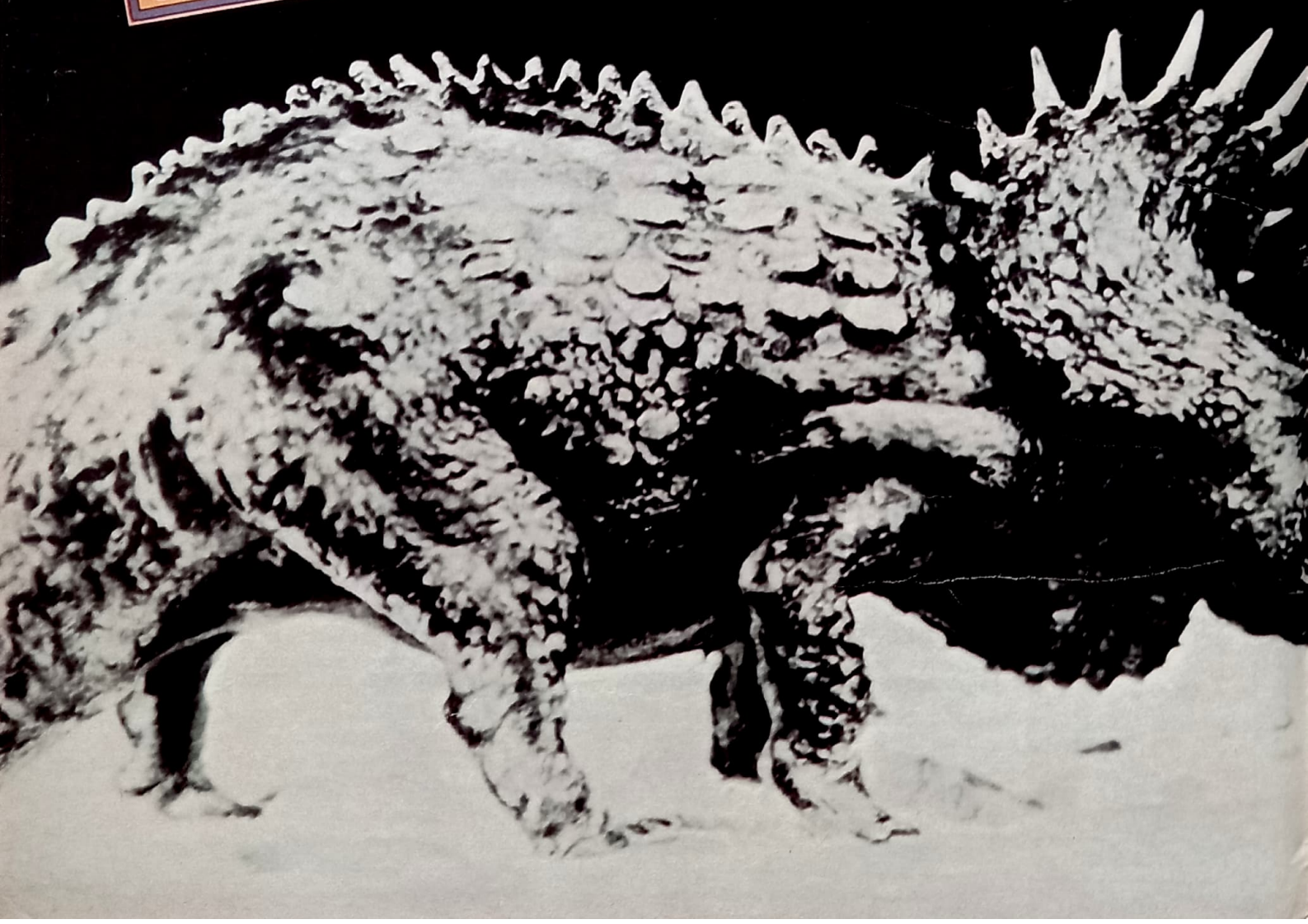
Gerson Lodi-Ribeiro

Gerson Lodi-Ribeiro é astrofísico, engenheiro eletrônico e escritor de ficção científica.

ESCOLHA O SEU BICHINHO DE ESTIMAÇÃO



QUANDO OS DIN
DOMINAVAM A T



OSSAUROS

ELA

Um desfile dos melhores lagartos do cinema, de 1914 a 1993

Gertie (no poster) foi o primeiro dino a surgir no cinema. A evolução da espécie prosseguiu em *O Mundo Perdido* (foto maior) e *O Filho de King Kong* (acima)

O navio inglês Valhalla navegava silenciosamente próximo à costa brasileira. Era uma noite clara de lua cheia e Meade Waldo e Michael Nicholl, dois membros da Sociedade Zoológica Britânica, conversavam no convés observando as águas calmas. Foi quando viram, nadando ao lado do navio, uma criatura gigantesca, muito semelhante a um dinossauro. Waldo descreve a coisa: "acima da água surgiu uma barbatana escura de mais ou menos dois metros. E vi, sob a água, um corpo gigantesco. Na frente da barbatana, emergiram uma cabeça e um pescoço de tamanho considerável que lembravam os de uma tartaruga. O animal se movia rapidamente e seguiu o navio durante quase meia hora até que desapareceu no mar".

O ano era 1905 e o relato é aparentemente verídico. OK, ingleses são eméritos bebedores e é bem possível que Waldo e Nicholl estivessem encharcados de scotch quando viram a tal criatura. O fato, entretanto, é que desde que os primeiros fósseis de dinossauros foram encontrados pelo naturalista inglês Richard Owen em 1822, os terríveis lagartos acabaram tomando a imaginação humana e destronando animais lendários como dragões, salamandras e minotauros. E o cinema, maior fabricante de lendas do século 20, não desprezou os monstros pré-históricos. Winsor McKay, criador do Little Nemo – que havia virado desenho animado em 1911 – foi o primeiro a investir no filão com *Gertie the Dinosaur* (14). Além de ser o primeiro dino do

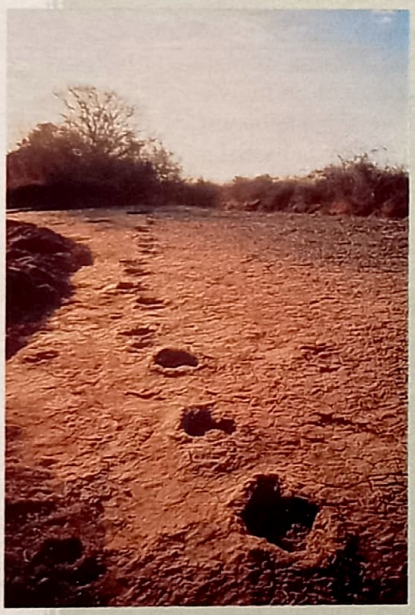
As criaturas atacam no Velho Oeste (esquerda) em *The Beast of Hollow Mountain* e durante a Segunda Guerra Mundial (acima) em *The Unknown Island*

cinema, Gertie é também o primeiro animal com expressão humana, truque que se tornaria marca registrada dos Estúdios Disney nos anos posteriores.

Os dinossauros, entretanto, só seriam consagrados nas telas em 1925 quando Willis O'Brien resolveu transformar o livro *O Mundo Perdido*, de Sir Arthur Conan Doyle, em filme. No livro, uma expedição de cientistas chega a um local na Amazônia onde monstros ante-diluvianos e homens pré-históricos tentam conviver apesar das diferenças raciais, sociais e culturais. O'Brien foi o criador da stop-motion: fotografia quadro a quadro de um modelo em escala que, quando projetada na tela, criava a ilusão de movimento. A técnica era trabalhosa: para se realizar uma cena de trinta segundos eram necessárias dez horas de filmagem. Na verdade, O'Brien já havia se aventurado pelas selvas pré-históricas em 1917 com o curta (curtíssimo, na verdade, pois só tinha cinco minutos) *The Dinosaur and the Missing Link*, realizado para a Edison Company.

Mas, depois de fazer dez filmes para a Edison, O'Brien mudou-se para a First National-Watterson R. Rothacker e resolveu levar as técnicas de stop-motion às últimas conseqüências num longa-metragem. Além dos modelos criados pelo próprio O'Brien, *O Mundo Perdido* também usou lagartos verdadeiros que, filmados em escala, transformaram-se em monstros gigantescos. Em 1960, quando O'Brien tinha 70 anos, ele realizou um remake de *O Mundo Perdido*, substituindo todos os lagartos reais por modelos. O primeiro filme, entretanto, é incomparavelmente mais charmoso.

Os dinossauros de O'Brien voltariam a dar as caras no cinema em 1933 no clássico *King Kong*, de Merian C. Cooper. Diz a lenda que Cooper teve a idéia para o filme quando realizava um documentário na África e ficou apaixonado pelos gorilas. Na época, ele também estava muito impressionado com o trabalho de efeitos especiais de O'Brien. Cooper voltou correndo para os estúdios da RKO e convenceu o chefão de plantão, David O. Selznick, a fazer o filme sobre um gorila gigante que, apaixonado por uma loira gostosa (Fay Wray), subia pelas paredes. No caso, do Empire State Building, o maior edifício do mundo na década de 30. Ernest B. Schoedsack assumiu a co-direção e O'Brien ficou com os efeitos especiais. O filme começou a ser rodado em 1932 e custou 650 mil dólares, pequena fortuna para a época. Vinte e sete modelos do gorila foram criados para o filme, além de centenas de minidinossauros que viviam com ele no seu lar-doce-lar na pré-histórica Ilha da Caveira. Em termos



As pegadas fossilizadas do Vale dos Dinossauros na Paraíba

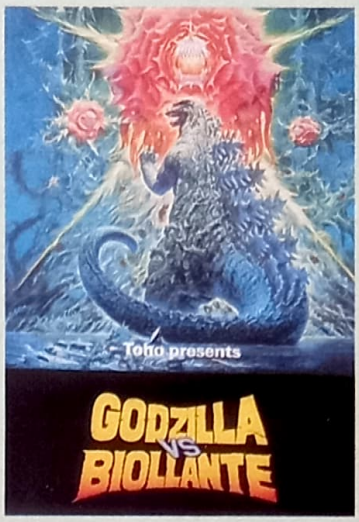
Dinossaurus Brasiliensis

Yes, Nós Temos Pré-História

Há três espécies de dinos brasileiros: o *Staurikosaurus pricei* (carnívoro), o *Antyarctosaurus brasiliensis* (um quadrúpede herbívoro de quatro metros de altura, semelhante ao brontossauro) e o celossauro, espécie menor e mais ágil. Até agora o maior número de ossadas foi encontrado na região sudeste do país, em Uberaba, interior de São Paulo, sítio descoberto na década de 40, e em Minas Gerais. Na Paraíba, entretanto, há o famoso Vale dos Dinossauros. Entre os municípios de Souza e João Navarro, a 400 quilômetros de João Pessoa, há uma trilha de 46 metros no leito seco do Rio do Peixe onde pegadas de cinqüenta espécies diferentes de dinossauros foram preservadas. As pegadas foram moldadas sobre a lama de um pântano que secou. Expostas ao sol durante milhões de anos, acabaram se transformando em rochas. A Empresa Paraibana de Turismo pretende transformar o local em um parque aberto à visitação – com reproduções dos grandes lagartos em fibras de vidro, como existe nos EUA. Quem quiser maiores informações sobre os dinos brasileiros pode entrar em contado com o projeto Dinossauros do Brasil, coordenado pelo Museu Nacional do Rio de Janeiro e pela Universidade do Vale dos Sinos, do Rio Grande do Sul. Escreva para o Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional, Quinta da Boa Vista, s/número, CEP: 290940-040, Rio de Janeiro, RJ.

Perigo Amarelo

Nascido como uma força vingadora da natureza, Godzilla atravessa os tempos como o mais antigo e popular monstro de borracha japonês



As explosões atômicas em Hiroshima e Nagazaki foram o início de uma época marcada pelo medo da guerra nuclear. Em 1954, o Japão começava a se reerguer e a produtora Toho resolveu apostar nas possibilidades criativas que a realidade nuclear trouxe à tona. No mesmo ano, nascia nas telas Godzilla, gigantesco dinossauro mutante despertado por testes nucleares no Oceano Pacífico. *Godzilla*, baseado em história de Shigueru Kayama, com roteiro de Takeo Murata e Inoshiro Honda (falecido em 1º de março último, em Tóquio) e direção do próprio Honda, foi um sucesso total e iniciou a onda dos *kaiju eiga*, ou filmes de monstros.

Inúmeras criaturas seguiram o sucesso de Godzilla, como Megalon, de *Godzilla X Megalon* (73), Mothra, Barugon, Gaos, Baran e Gamera, a tartaruga-gigante-que-voa-e-cospe-fogo, criada em 1966 no filme *Gamera*, dirigido por Noriaki Yusa e com roteiro de Nizo Takahashi.

No auge do gênero, até o monstro de Frankenstein sofreu mutação radioativa e virou gigante nas telas japonesas no disparatado filme *Frankenstein X Baragon* (65), da dupla Honda-Tsuburaya.

Além de Godzilla, Inoshiro Honda e Eiji Tsuburaya são os principais personagens da história do gênero. Dos filmes que realizaram em parceria já foram exibidos no Brasil: *A Fuga de King Kong* (62), *King Kong X Godzilla* (62) e *Latitude Zero* (69).

Quando filmou *Sonhos*, Akira Kurosawa chamou Inoshiro Honda para dirigir a ação na seqüência "Monte Fuji em Vermelho". Afinal, quem melhor do que ele para dirigir uma multidão fugindo desesperada de uma catástrofe colossal?

Eiji Tsuburaya criou e produziu as cult séries *Ultra Q* (65), *Ultra Man* (66) e *Ultra Seven* (67), dando origem à Tsuburaya Procuctions. Ao falecer em 1970, deixou para seus filhos a tarefa de conduzir a empresa e produzir a série

O Regresso de Ultra Man. Um ano depois, a série estava pronta, alcançou sucesso absoluto e consolidou a Família Ultra como os maiores matadores de monstros da galáxia.

O final dos anos 70 pareceu o término de uma era: os *kaiju eiga* perderam seu público cinematográfico e cederam seu lugar para os filmes mais baratos de TV, com super-heróis enfrentando monstros. Mas as coisas mudaram a partir de 1984. Neste ano, Godzilla ganhou uma refilmagem do clássico de 1954, a qual abriu caminho para a superprodução de dez milhões de dólares *Godzilla X Biorante* (89), que fez do velho monstro um ícone pop no Japão.

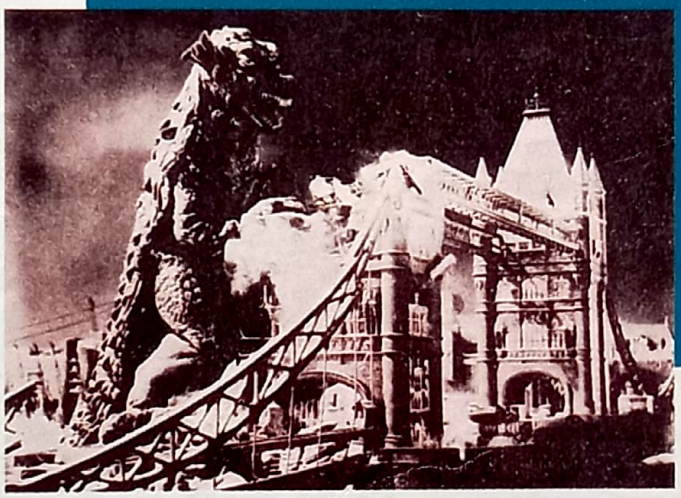
Em 1990, *Ultra Q – The Movie* trouxe um novo elenco às voltas com o novo monstro Nagira, e, em 1991, veio *Godzilla X King Ghidra*, uma produção mais infantil cuja trama complicada apresentava vilões americanos e dois monstros veteranos do cinema se enfrentando.

Além disso, Godzilla ganhou em 1992 nos EUA uma *graphic novel* desenhada por Arthur Adams (*Longshot*) e, de quebra, contracenou com o jogador Charles Barkley, um dos "gigantes" da NBA, num divertido comercial da Nike, produzido pela Industrial Light & Magic.

A mais recente aparição de Godzilla nas telas foi no final de 1992, com a refilmagem *Godzilla X Mothra*. No próximo ano, Godzilla completa 40 anos de criação. Em sua homenagem a antinipônica Holywood lançará um grandioso filme. Resta saber se o espírito do filme original será mantido, com o monstro pisando em qualquer um que cruze seu caminho. Afinal de contas, política não deve interessar muito a um monstro que tem cem metros de altura, 60 000 toneladas de peso e que expele chamas nucleares pela boca.

Alexandre Nagado

O Tirano–estegossauro radiativo em diversas encarnações. Na foto acima, Baby Zilla, filhote do bicho (?)



Londres vem abaixo sob a fúria de Giant Behemoth (acima, à esquerda) e Gorgo (ao lado). Acima, Nova York vai para o brejo com o trash *fififie O Monstro do Mar*

de efeitos visuais, *King Kong* é extremamente superior a *O Mundo Perdido*, com uma única exceção: o filme de O'Brien apresentava várias famílias de dinossauros que o filme de Cooper, mais preocupado com o gorilão, não mostrava.

Com o sucesso de Kong, O'Brien e Schoedsack voltaram à carga com *O Filho de King Kong*, também em 1933. Uma expedição volta à Ilha da Caveira e encontra o filhote do gorilão (onde foi parar a mãe do bicho é um dos grandes mistérios da sétima arte. Pelo que se sabe, Fay Wray jamais chegou às vias de fato com o Kong do primeiro filme). Desta vez, o gorila combatia os mesmos dinossauros de antes, só que para proteger os humanos, agora seus amigos.

Mas a Ilha da Caveira de Kong era brincadeira perto do lugar descoberto em 1948 no filme *Unknown Island*, de Jack Bernhard. Um piloto sobrevoa uma ilha e tira uma foto onde aparece um tiranossauro. Nos EUA, um cientista (Philip Reed) resolve fazer um safári cultural ao local e encontra um sujeito (Richard Denning) que, durante a Segunda Guerra Mundial, foi forçado a desembarcar lá. No fim, a

Declínio e Queda do Império Sáurio

Por que os grandes répteis foram extintos

Existem mais de cem teorias que tentam explicar o desaparecimento dos dinossauros há 65 milhões de anos. A mais escatológica: os dinossauros produziam tanto excremento que modificaram a vegetação do planeta. Os herbívoros morreram de prisão de ventre ou de diarréia e os carnívoros, sem alimento, também partiram desta para melhor. A mais alarmista: o sistema imunológico dos dinos encontrou um vírus imbatível (algo assim tipo o HIV) e a espécie foi destruída. A mais politicamente correta: os ovos dos dinossauros foram devorados pelos primeiros mamíferos. Ou seja, o homem – ou melhor, algum ancestral seu – seria um predador desde a mais tenra infância. A mais aceita: um gigantesco meteoro chocou-se com a Terra. A fricção com a atmosfera fez com que o oxigênio queimasse junto com o nitrogênio do ar provocando gigantescas nuvens que cobriram a luz do sol. A poeira levantada pelo impacto também contribuiu para reduzir os raios solares. A terra tremeu, as florestas se incendiaram, os mares transbordaram, a temperatura caiu e os dinossauros morreram soterrados, queimados, afogados, e, por fim, congelados.

ciência se dá mal: depois de muitos apertos, a noiva (Virginia Grey) do cientista acaba trocando-o pelo guia. A técnica de efeitos especiais também foi a stop-motion, sem o gênio de O'Brien.

Um outro parente de Kong apareceria em *Mighty Joe Young* (49), que, aliás, não tem nenhum dinossauro. Ele só entra em nossa lista porque marca o encontro de dois monstros dos efeitos especiais: Willis O'Brien e Ray Harryhausen, que continuou e aperfeiçoou as técnicas da stop-motion. Atenção para este nome, leitor: daí para frente, Harryhausen seria figurinha fácil em todo filme que envolvesse alguma criatura monstruosa. *Mighty Joe Young* ganhou o Oscar de Efeitos Especiais, criado naquele ano pela Academia.

Dinossauros mesmo, o gorilão só voltaria a encontrar em *King Kong Versus Godzilla* (*King Kong Tai Gojira*, 63), de Thomas Montgomery e Inoshiro Honda. Juntos, os dois bichos faziam mais estragos no Japão que as duas bombas atômicas lançadas pelos americanos em Hiroshima e Nagazaki.

Aliás, depois da Segunda Guerra Mundial e do nascimento da chamada Era Nuclear, estranhos dinossauros começaram a caminhar sobre a Terra. A década de 50 foi arrasada por dinos gigantescos e superpoderosos que devastavam tudo o que viam pela frente. A primeira dessas criaturas a sair do mar e se arrastar pelas ruas de Nova York foi *O Monstro do Mar* (53), de Eugène Lourié, com efeitos especiais de Ray Harryhausen, baseado no conto "The Fog Horn", de Ray Bradbury. A besta em questão era um estranho cruzamento de brontossauro com tiranossauro que acordava após uma explosão atômica (o mesmo plot, portanto, do *Godzilla*, 54). O bicho detona Coney Island até levar um tiro de bala radioativa disparado pelo implacável Lee Van Cleef.

Nem todos os monstros *fifities* eram, entretanto, derivados de criaturas pré-históricas. Eles vinham do espaço, do fundo do mar e até dos confins da América Latina. Mas em 1956, Willis O'Brien voltaria à carga em mais uma idéia maluca, *The Beast of Hollow Mountain*, dirigido por Edward Nassour e Ismael Rodriguez. Um dos westerns mais estranhos da história do cinema. Afinal, o mocinho (Guy

COMICS

Lugar de Monstro é no Gibi

Novos e velhos lagartos dos quadrinhos: de *Godzilla* à série *Dino Island*, lançada em março. *Dino Cards* é um best seller no mercado de cartões

Que cinema nada. História de dinossauro é para ser contada em gibi. No cinema, só para fazer uma meia dúzia de monstrengos já custa uns trinta milhões de dólares. Nos quadrinhos, você pode retratar uma esquadrilha de tiranossauros biônicos voadores destroçando milhares de nereidas seminuas armadas com metralhadoras no espaço sideral. Basta papel, nanquim e um bom desenhista. Não é à toa que todo personagem de quadrinhos já trombou com um dinossauro, do Tio Patinhas ao Tarzan, do Brucutu ao Super-Homem e além.

Exemplos não faltam. Na primeira década do século, o garotinho Little Nemo, criado por Winsor McKay, travou conhecimento com vários dinos na terra dos sonhos. O próprio McKay criaria o primeiro dinossauro do cinema (aliás uma brontossaura) no curta *mezzo* animado, *mezzo live action Gertie*. Não muito depois pintou a primeira série passada na pré-história, o popularíssimo *Brucutu*.

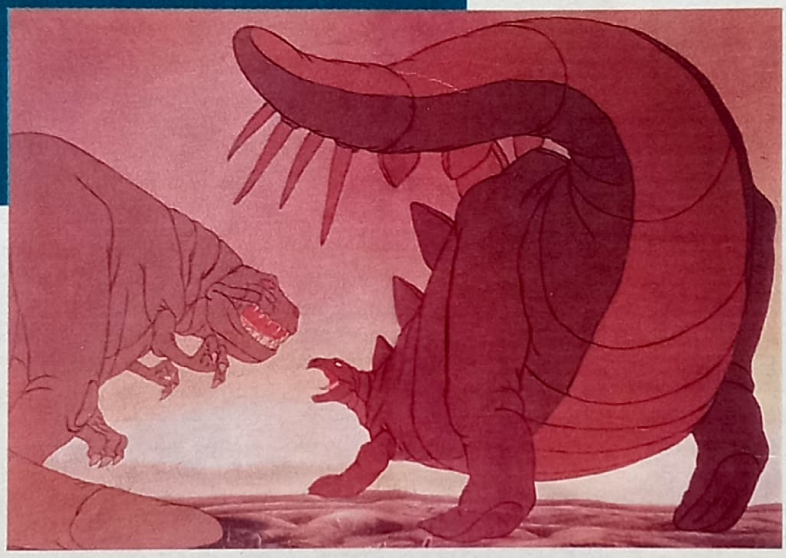
Nos anos 30, Alex Raymond encheu o planeta Mongo de monstros para combater Flash Gordon – todos seres pré-históricos clássicos, acrescidos de antenas e detalhezinhos alien quetais. Caprichou tanto na anatomia dos bichos que criou escola. De lá para cá, nenhum mundo sideral estaria completo sem dinossauros disfarçados, especialmente nos anos 50, auge da paranóia nuclear e era dourada da ficção-científica. É dessa época a série de cartões para colecionar *Dinosaurs Attack*, um delírio em que monstros mesozóicos estão sempre mastigando helicópteros e mutilando nova- iorquinos. Esses cards são tão legais que foram revividos nos 80 e até acabaram virando – adivinha – gibi.

Dos 60 para cá, a presença de dinossauros nos quadrinhos só aumentou. Alguns artistas até fizeram seu nome retratando os bichos: gente como Frank Frazetta, Al Williamson, Roy Krenkel. E Joe Kubert, que desenha qualquer coisa superbem, arrasou na série pré-histórica *Tor*.

Na virada dos 80 para os 90, um novo superastro da arte sáurica entrou na lista dos dinólatras. É Mark Schultz, criador da série *Xenozoic Tales*, recentemente rebatizada de *Cadillacs & Dinosaurs*, que deve virar desenho de longa-metragem.

André Forastieri

Os répteis animados de Spielberg e Don Bluth de *Em Busca do Vale Encantado* (acima) e de Walt Disney no clássico *Fantasia*



Madison), em vez de enfrentar índios e bandoleiros, encarava um tiranossauro de dez metros de altura. O objetivo do rapaz, porém, era dos mais nobres: capturar o bicho e vendê-lo para um circo de rodeios.

Do Velho Oeste os dinos foram ao Velho Mundo. Dois anos depois, Londres viria abaixo (mesmo!) com o *Giant Behemoth* (58), dirigido por Eugène Lourié. Meio serpente marinha e meio estegossauro, o troço arrasava a cidade, depois de ser acordado no fundo do mar por uma explosão nuclear (olha a bomba H aí de novo!). Além de pisotear os súditos da rainha, o monstro contaminava tudo o que tocava com radiatividade. No final, coitado, era detonado por um míssil nuclear no meio do rio Tâmisa.

Londres, entretanto, não ficaria muito tempo ilesa. Em 1962, era a vez de *Gorgo* humilhar o Império Britânico mais uma vez. A história começa quando um vulcão entra em erupção no mar da Irlanda. Dois cientistas vão para Nara Island estudar os estragos, e acabam encontrando uma criatura monstruosa que, aparentemente, dormia dentro do vulcão. Capturado, o bicho é levado para um circo. Mas a mãe do monstro (?!) acorda e vai em seu socorro, detonando tudo o que encontra pelo caminho – inclusive o Big Ben e a Ponte de Londres. Finalmente ela salva o filhote e desaparece nas águas do Tâmisa (de novo!). Também dirigido por Eugène Lourié, o filme fez tanto sucesso que a Charlton Comics o transformou em uma série regular de quadrinhos de 1961 a 65.

Em 1962, foi a vez de Copenhague, na Dinamarca, ir para o brejo ao ser devastada por *Reptilicus*. Encontrado num bloco de gelo, ele, a princípio, é uma coisinha ridícula que não mete medo em ninguém. Mas acontece um acidente – claro, ou o filme terminaria aí –, o monstro cresce, aparece e destrói a cidade. Só para se ter uma idéia, ao passar por uma fazenda, Reptilicus devora catorze vacas num rápido breakfast. Finalmente, o bicho é atingido por um tiro de bazuca e desmembrado. O filme, dirigido por Sidney Pink, também ganharia uma série da Charlton Comics com o nome de *Reptisaurus*.

Quatro anos depois, Harryhausen voltaria a mexer com os lagartões em *Mil Séculos antes de Cristo*, clássico do cinema trash dirigido por Don Chaffey. O filme mostra o cotidiano de uma tribo pré-histórica que, ninguém sabe como, convive com dinossauros (desaparecidos 65 milhões de anos antes do primeiro homem surgir sobre a Terra). Mas a produção tem um grande trunfo: Rachel Welch, deliciosa, rebolando o tempo todo dentro de um minúsculo (para a época) biquíni.

Os anos 70, mais preocupados com taxistas psicóticos e demônios que entravam no corpo de tenras garotinhas para vomitar abacate, não foram muito visitados por dinossauros. Com exceção de Tóquio, claro, que era devastada dia sim, dia não pelos monstros da Toho (ver box "Perigo Amarelo"). Há, porém, duas exceções ocidentais: *At the Earth's Core* (76), viagem de dois cientistas vitorianos a um mundo pré-histórico existente no centro da Terra, e *The Last Dinosaur* (77), co-produção besta e dispensável entre EUA e Japão sobre um tiranossauro rex que escapou da extinção.

Os anos 80 começaram bem. Afinal, pior que um dinossauro solto pelo planeta, só mesmo um planeta inteiro de dinossauros. Foi o que a espaçonave Odyssey encontrou em *Planet of Dinosaurs* (81), de James K. Shea: um mundo semelhante à Terra, só que muito mais jovem e habitado pelos gigantescos répteis que dominaram nosso planeta há milhões de anos. A nave é destruída logo de cara e os homens têm de se defender com arco e flecha para começar uma linhagem de mamíferos inteligentes no planeta. Coisa parecida só havia aparecido em *Women of the*

Prehistoric Planet (65), de Arthur C. Pierce, onde uma expedição espacial encontra um planeta povoado por dinos e aranhas gigantes. O filme é um remake de *Planeta Burg* (62), filme russo onde soviéticos dão de cara com lagartos gigantes na superfície de Vênus.

O mundo já se considerava à salvo dos dinos, mas em 1982 houve *Q*, de Larry Cohen, que tinha como personagem principal Quetzalcoatl, um pássaro pré-histórico trazido à vida num ritual mágico azteca. A polícia come o pão que o diabo amassou até cravar Quetzalcoatl de balas. Antes, porém, ele (?) bota um ovo. Até o momento não se sabe se nasceu um quetzalcoatlzinho pois nenhuma seqüência desta besteira foi realizada. Ainda bem.

Em 1985, foi a vez de Disney investir no filão e fazer o idiota *Baby, o Segredo da Lenda Perdida*, história melosa de um brontossauro órfão encontrado na África por Sean Young e William Katt.

Steven Spielberg começou a se interessar pela espécie em 1988, ao produzir a animação pré-histórica *Em Busca do Vale Encantado*, sob direção de Don Bluth. O filme conta a história de um bebê brontossauro que fica órfão depois que sua mãe é morta por um tiranossauro. Acompanhado de alguns pequenos amigos – um triceratops, um anatossauro, um pterodáctilo e um estegossauro – eles partem em busca do vale encantado, num mundo já abalado pela era glacial. Uma espécie de *Bambi* pré-histórico, sem o sentimentalismo lacrimejante de Disney. O filme faturou sete milhões de dólares só na primeira semana, cifra considerável para um desenho animado.

Em 1991, estreou na rede americana ABC a divertida *Família Dinossauro*, de Michael Jacobs e Jim Henson, com seus sáurios humanóides de humor afiado, sempre prontos a ridicularizar o *american way of life*. Na trilha deles veio, no mesmo ano, *Dinossauros – O Filme*, baba dirigida por Brett Thompson. Três garotos são transportados no tempo para Dinosssauro City, cidade pré-histórica habitada por dinos humanóides e inteligentes. Vale lembrar ainda os dinossauros dançarinos de Disney em *Fantasia* (40) e a participação muito especial dos bichos pré-históricos na série *Os Flintstones*, de Hanna-Barbera.

A década de 90 promete. Como sempre acontece na Hollywood dos dias atuais, *Jurassic Park* deve trazer de volta à vida uma legião de bestas pré-históricas. Os dinomaníacos e os trashmaníacos não terão do que reclamar.

Edson Arantes

Pré-história em vídeo

Baby prepara-se para sacanear o papai Dino num dos episódios de *Família Dinossauro*

FAMÍLIA DINOSSAUROS – VOLUMES 1 A 7★★★★
(Dinosaurs, EUA, 1991) Produtor executivo: Michael Jacobs e Brian Henson Direção: vários. Abril Vídeo.
Os bonecos mais geniais da TV desde os Muppets, criados por Jim Henson, pai do produtor Brian. A família de Dino da Silva Sauro é exemplar ao mostrar o "modo de vida" dos dinossauros. Cada fita tem dois episódios; e atenção para "O Dia do Arremesso", no volume 1, e "Criança de Ouro", da fita 4, imperdíveis.

DINO E JULIETA★★★
(Dino & Juliet, EUA, 1964) Produtores executivos: William Hanna e Joseph Barbera. Vídeo Arte.
Fred Flintstone cria caso com novos vizinhos, os Loudrock, e põe Dino para protegê-lo. Mas o tiro sai pela culatra quando o animal descobre que quem protege os inimigos é uma charmosa dinossaura.

DINOSSAURO★★★
(Dinosaur, EUA, 1985). Direção: Robert Guenette. Narração: Christopher Reeve. Univídeo.
Documentário sobre o modo de vida dos dinossauros. O trabalho de animação que recria o mundo dos répteis gigantescos é razoável, permitindo uma visão realista dos monstros pré-históricos. Serve ainda para mostrar que eles não eram tão poderosos como se pensa, numa constante luta pela sobrevivência. A narração de Christopher Reeve é apenas um detalhe, já que o filme é dublado.

O HOMEM DAS CAVERNAS★★
(Caveman, EUA, 1981). Direção: Cral Gottlieb. Com Ringo Starr, Brabara Bach, Shelley Long. Warner.
O ex-beatle Ringo Starr embarcou de cabeça nessa investida como ator. Vestido de peles e batalhando pela caça de cada dia, ele aparece neste filme sem diálogos lutando contra um dinossauro para proteger Shelley Long. Espertinho, ele dá maconha para o bicho, que vai a nocaute. Uma piada.

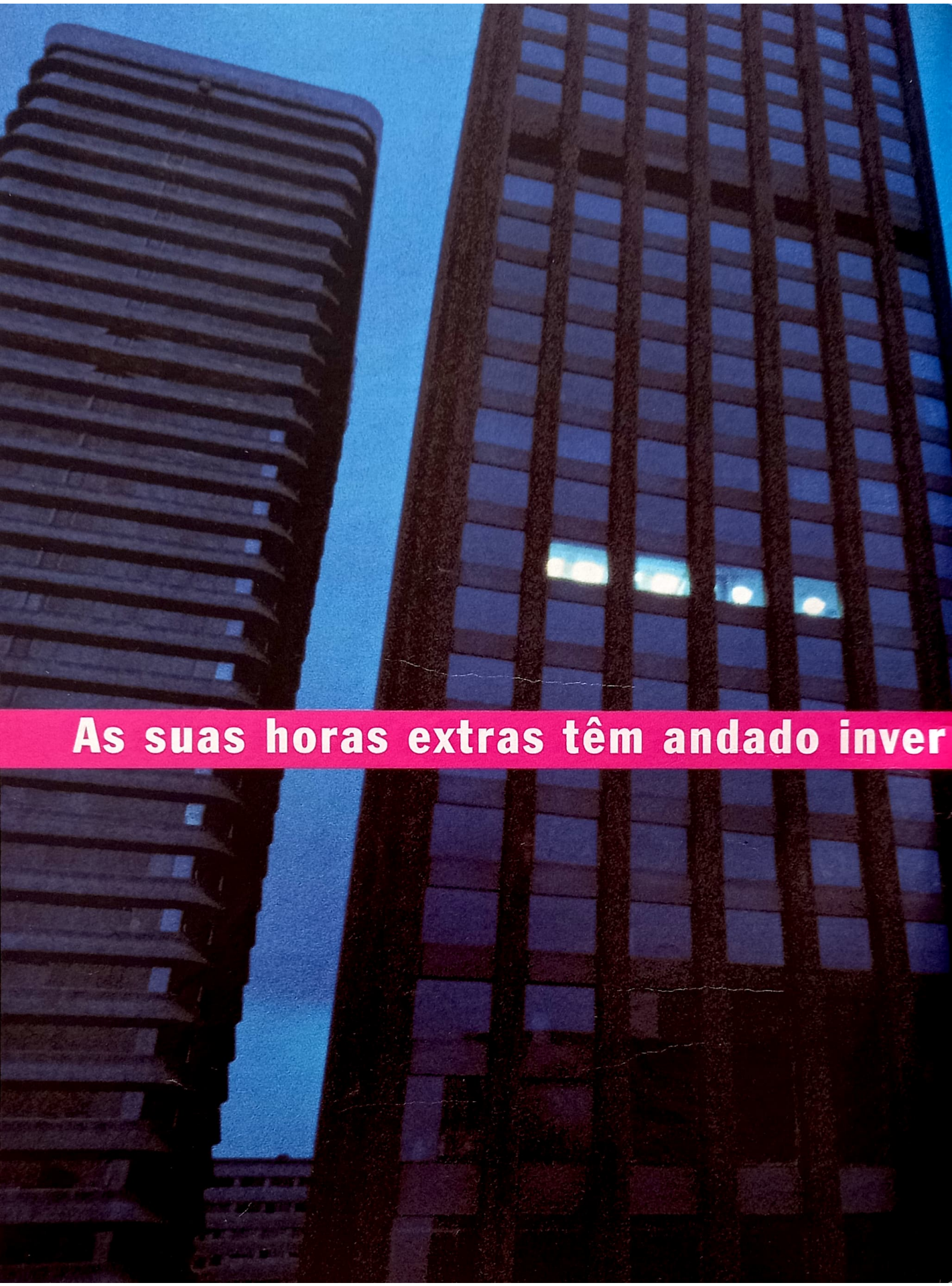
BABY, O SEGREDO DA LENDA PERDIDA★
(Baby – Secret of the Lost Legend, Inglaterra, 1985) Direção: Bill L. Norton. Com William Katt, Sean Young, Patrick McGoohan. Abril Vídeo.
A bela Sean Young, no papel de uma cientista em expedição pela África, cai de amores por um filhote de brontossauro. Ela e o marido (William Katt) tentam manter o animal longe de um colega ambicioso, numa trama lacrimosa. O pequeno Baby, aliás, tem os mesmos olhos do E.T.!

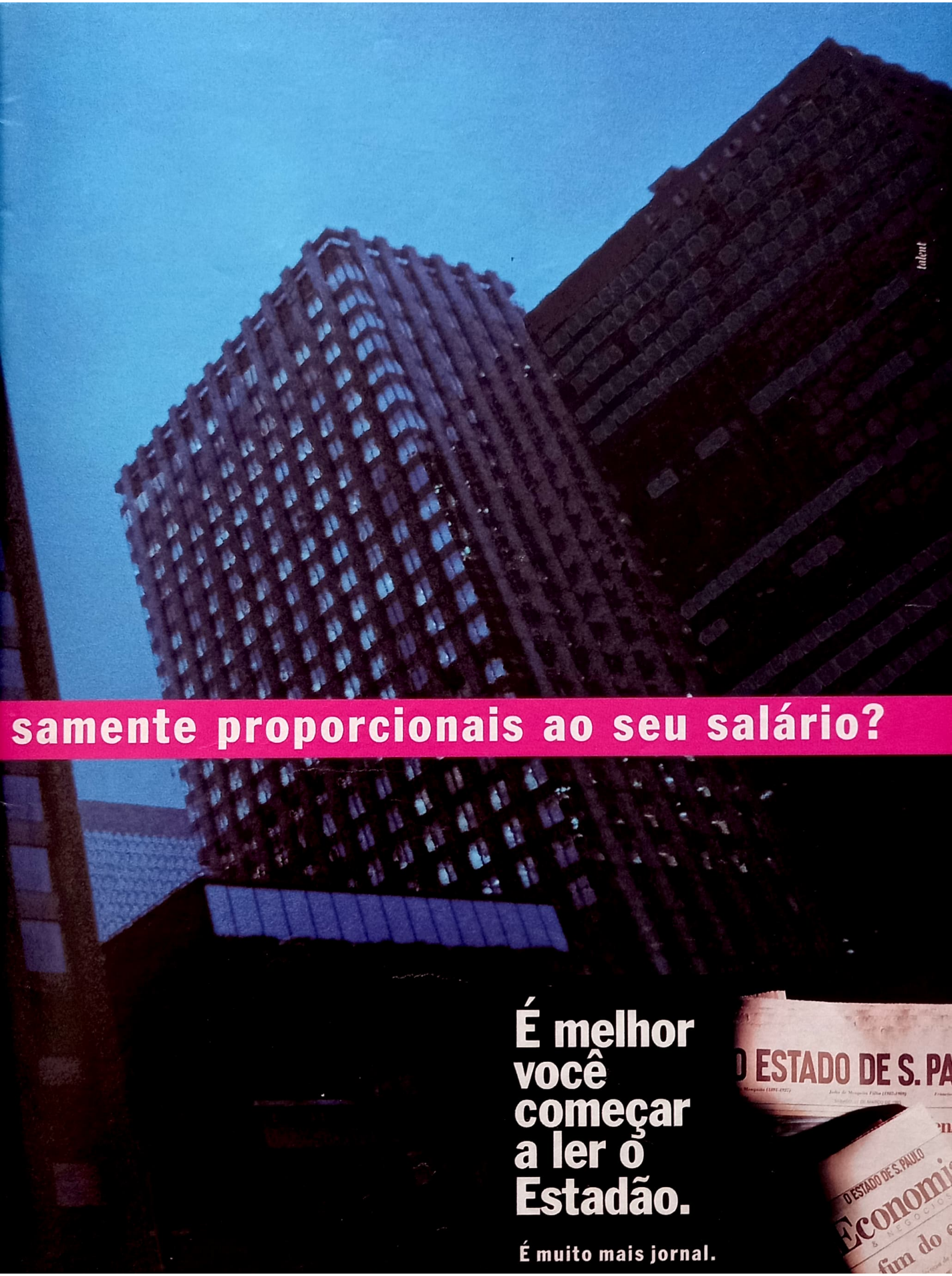
FANTASIA★★★★★
(Fantasia, EUA, 1940) Supervisão: Ben Sharpsteen. Abril Vídeo.
Numa das seqüências mais impressionantes deste clássico, a imaginação delirante de Walt Disney mostra a criação do mundo ao som da "Sagração da Primavera", de Stravinsky. Dinossauros surgem brigando para ver quem escapa da seleção natural, mas acabam sucumbindo à falta de alimento.

DINOSSAUROS – O FILME★★
(Dinosaur, EUA, 1991) Direção: Brett Thompson. Com Omri Katz, Shawn Hoffman, Tiffanie Poston. Jovem Pan Home Vídeo.
Três adolescentes fissurados por uma série de televisão são teletransportados para este mundo pré-histórico. O filme mistura realidade virtual e aventura,mas sem um roteiro que entusiasme.

EM BUSCA DO VALE ENCANTADO★★★★
(The Land Before Time, EUA, 1988) Direção: Don Bluth. CIC.
Desenho animado produzido por Spielberg e George Lucas, que mais parece um vestibular para *Jurassic Park*. Narra a saga de um pequeno dinossauro órfão que tenta encontrar sua terra prometida. Do mesmo diretor de *Fievel, Um Conto Americano*.

Cesar Garcia Lima


As suas horas extras têm andado inver


samente proporcionais ao seu salário?
É melhor você começar a ler o Estadão.
É muito mais jornal.
O ESTADO DE S. PA
O ESTADO DE S. PAULO
Economi
fim do

Aladim
FANTASJA

O trigésimo-primeiro longa de animação dos estúdios Disney estréia no Brasil, depois de faturar mais de duzentos milhões de dólares nas bilheterias americanas

ÁRABE

Fotos: Walt Disney

Alegria! Alegria! Provavelmente pelo estouro inesperado do filme nos EUA, *Aladim* – que só chegaria aqui no Natal – teve sua estréia brasileira antecipada para este mês. Ao bater seu próprio recorde estabelecido em *A Bela e a Fera*, os estúdios Disney fizeram de sua visita às *Mil e Uma Noites* a maior bilheteria da história da animação. Quando o filme tiver rodado o mundo (na Europa só será lançado no fim do ano), for lançado em vídeo e forem feitas as contas do gigantesco merchandising de bonequinhos, lancheiras e similares, só os deuses sabem quantos zeros engordarão a soma final.

Não deixa de ser surpreendente que, com sua obsessão pela adaptação dos contos de fada de Hans Christian Andersen e dos Irmãos Grimm, os estúdios Disney tenham demorado seis décadas para atacar o tesouro de contos folclóricos da Índia, Irã, Iraque, Egito e Turquia compilados entre os séculos oito e nove e conhecidos como *As Mil e Uma Noites*.

A idéia de adaptar a história do jovem preguiçoso que se torna sultão com a ajuda do gênio da lâmpada foi apresentada ao presidente do estúdio Jeffrey Katzenberg no início de 1988. Era um roteiro de cinqüenta páginas, assinado por Howard Ashman – dublê de roteirista e genial letrista musical, "oscarizado" por *A Pequena Sereia* e *A Bela e a Fera*, falecido antes deste último filme ficar pronto.

A inspiração vinha da onda de filmes "orientais" que atravessou Hollywood nos anos 40, principalmente *O Ladrão de Bagdá*, um marco na história dos efeitos especiais, de um colorido tão intenso que poderia ferir a retina. Uma das idéias centrais de Ashman era moldar o gênio da lâmpada a partir de cantores/showmen como Cab Calloway e Fats Waller, mestres do humor surrealista que invadiu o jazz na época. Para a fúria de Ashman, Katzenberg achou tudo "árabe demais" e investiu todas as fichas em *A Bela e a Fera*.

Ainda assim, o projeto foi tocado paralelamente até abril de 1991, quando um esboço da animação em preto-e-branco foi exibido para o chefe de animação Peter Schneider e os manda-chuvas Katzenberg e Roy E. Disney (sobrinho de Walt e filho de Roy, co-fundador do estúdio). A partir daí, várias alterações no enredo e na própria aparência dos personagens – um dos procedimentos mais comuns na história Disney – foram aos poucos dando ao filme sua forma final.

A mãe de Aladim, por exemplo, foi descartada para dar lugar a seu fiel companheiro, o macaco Abu. As versões iniciais do herói foram consideradas infantis demais até Katzenberg recomendar que os animadores estudassem o porte e as expressões de Tom Cruise em *Top Gun – Ases Indomáveis*. Para reforçar o lado galã do moço, até fotos de

Aladim

O gênio da lâmpada, o papagaio Iago e o tapete voador: coadjuvantes do romance entre o herói e a princesa Jasmine, mas três grandes trunfos cômicos do maior sucesso de bilheteria na história da animação

modelos da Calvin Klein foram parar em cima das pranchetas.

O golpe de mestre veio com a convocação de Robin Williams para a voz do gênio da lâmpada. Soltando de vez as amarras de seu talento histriônico em improvisações absurdas, o ator acabou extentendo a participação do personagem na história até torná-lo estrela principal. Pelo menos metade desse triunfo se deve ao animador inglês Eric Goldberg, recrutado pela Disney em 1990, que definiu o visual em constante metamorfose do gênio e comandou uma equipe de dezoito pessoas encarregadas desses efeitos. Eles atingem o ápice no número musical "A Friend Like Me", quando o ser azul se multiplica em um verdadeiro teatro de revista, incorporando imitações de Jack Nicholson, Schwarzenegger, Robert De Niro, Groucho Marx e Peter Lorre, além de figurinhas carimbadas da TV americana como Ed Sullivan e Arsenio Hall, que passarão batidas pelo público brasileiro (até aí tudo bem, mas sabe-se lá o que a dublagem poderá fazer com Robin Williams!).

Menos incensado pela crítica mas igualmente genial é o sarcástico papagaio Iago (dublado pelo comediante Gilbert Gottfried, um meste do humor negro). No fim, Gottfried e Williams inspiraram tanto os animadores que o próprio Katzenberg mais uma vez entrou em ação para podar-lhes a alucinação e lembrar que aquilo era um filme infantil. A partir daí, o presidente do estúdio passou a fazer marcação cerrada sobre a dupla encarregada da produção e da direção, John Musker e Ron Clements (os mesmos de *A Pequena Sereia*), temendo que acabassem gerando um sketch do *Saturday Night Live*, programa da TV americana que consagrou a escola de humor desvairado de John Belushi e Steve Martin. Aparentemente Katzenberg só aparou as arestas: toda vez que o gênio ou o papagaio aparecem na tela, a demência e o deboche reinam.

O medo do presidente da Disney beirava a paranóia e vinha de um trauma específico, com o rosto de Macaulay Culkin. *Bernardo e Bianca na Austrália*, apesar de repetir personagens de sucesso e exibir uma animação primorosa, obteve um desempenho comercial sofrível na mesma época em que *Esqueceram de Mim* fazia a criançada lotar todos os cinemas do planeta. Só de saber que *Esqueceram de Mim 2* estrearia na mesma temporada que *Aladim* deixava o executivo arrepiado.

No final, esta foi a vez de Macaulay comer poeira e todos os créditos vão para o show de animação que resgata, além ainda de *A Bela e a Fera*, os momentos mais deslumbrantes do padrão Disney de qualidade. A palheta de cores mescla azuis profundos e intensos a todos os tons dourados entre o marrom, o laranja e o amarelo. A velocidade da ação chega a provocar angústia e ansiedade por não dar tempo de absorver todos os detalhes e filigranas. O desenho dos personagens raras vezes foi tão expressivo, do longilíneo vilão Jafar (segundo os animadores, inspirado em Nancy Reagan e na figura do ator Conrad Veidt em *O Ladrão de Bagdá*) ao tapete voador, um triunfo de animação de Randy Cartwright. Por fim, o computador...

É importante frisar que a animação computadorizada ainda tem muito chão pela frente para poder se equiparar às técnicas

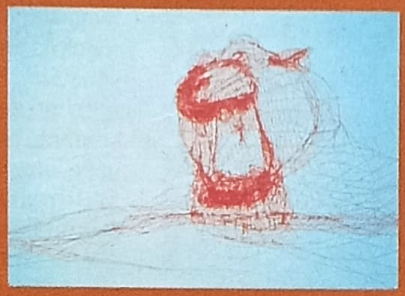
elaboradas pelo estúdio Disney nos anos 30. Desde *A Pequena Sereia*, os recursos digitais têm sido usados por eles com extrema discrição, quando a equipe busca uma tridimensionalidade realista – o caso do salão de baile em *A Bela e a Fera*. Para isso, a Disney contratara o designer de produção Richard Vander Wende, da Industrial Light & Magic, que desenvolveu especialmente para eles um sistema chamado CAPS (Computer Assisted Postproduction System), usado pela primeira vez em *Bernardo e Bianca na Austrália*.

Desta vez o CAPS se encarregou de dar vida à caverna em forma de cabeça de tigre, onde Aladim encontrará a lâmpada, e a um rio de lava. Outra utilização está numa segunda coloração dos personagens, realçando o jogo de luz e sombra em seus movimentos e criando efeitos borrados como a perda de foco na lente de uma câmera.

A verdade é que *Aladim* chega em um momento muito especial, como se para consolidar a renascença da arte da animação nos últimos dois, três anos – um movimento só comparável aos anos 30 e 40, quando o estúdio Disney sofria a concorrência (e a sátira impagável) da Warner Bros e da MGM, onde gênios como Tex Avery, Bob Clampett e Chuck Jones testavam os limites da insanidade, da gravidade e outras leis da física. É emblemático que, com toda a rivalidade do passado, Chuck Jones – o único sobrevivente dos três citados – tenha declarado, sobre *Aladim*: "É o filme mais divertido já produzido!"

A última safra de longas de animação realizados fora dos estúdios Disney – *Ferngully, Cool World, Rock-A-Doodle* , *Fievel Vai para oOeste* e a medonha adaptação do *Little Nemo* de Winsor McCay – não apresentou nada de novo. A exceção veio do Japão, com a obra-prima (sem computadores!) *Akira*. Mas o sucesso dos fabulosos Simpsons e da doente dupla *Ren & Stimpy* (infelizmente inédita no Brasil) mostram que pelo menos na TV a renascença vem a todo vapor. Foi exibida pela MTV brasileira, no ano passado, a primeira temporada da série *Liquid Television* – uma assombrosa revolução para a tela pequena, comandada pela produtora Colossal Pictures (que contribuiu com efeitos especiais para o *Drácula* de Coppola e que ainda vai dar muito o que falar).

Outro campo rico para a animação está nos videogames, onde ela vem se sofisticando cada vez mais desde o clássico *Prince of Persia*, de 1990, cujo autor Jordan Mechner passou um ano estudando filmes de capa-e-espada hollywoodianos para obter total realismo nos movimentos corporais. Coincidentemente, a história é quase a mesma de *Aladim* : o jovem príncipe tem de enfrentar um maligno grão-vizir com o mesmo nome, Jafar, só que sem a ajuda de nenhum gênio da lâmpada. Hoje, os novos jogos produzidos para CD-ROM vão fundo em animações sofisticadíssimas, incorporando de vez os programas de desenho tridimensional e as técnicas de animação descobertas por Disney e sua equipe, seis décadas atrás. Ao mesmo tempo, os joguinhos eletrônicos permitem entrar na pele de personagens como o Coiote de Chuck Jones e o próprio Mickey, você escolhe. Substitua a expressão videogame por "animação interativa" e terá uma idéia do que ainda vem por aí...

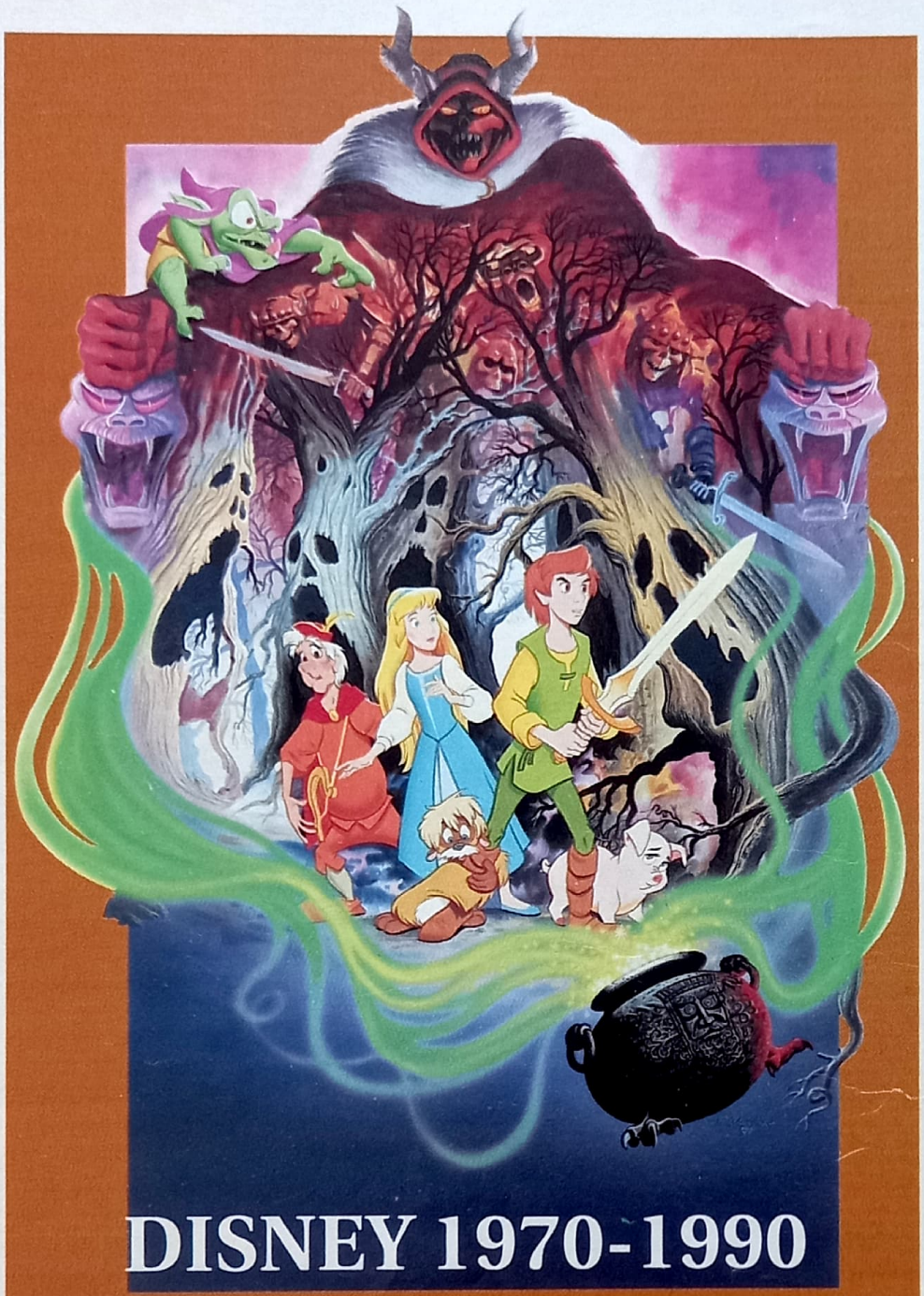


Acima, a caverna em forma de cabeça de tigre: ilusão tridimensional gerada em computadores. Ao lado, o videogame *Prince of Persia* de Jordan Mechner: versão interativa do mesmo conto das *Mil e Uma Noites*

Para sua sorte, a Disney entrou na década de 90 preparada para continuar liderando o *métier*. Há três anos, logo depois do sucesso da *Pequena Sereia*, o relançamento de *A Guerra dos Dálmatas* faturou uma bilheteria de 60 milhões de dólares, está até hoje na parada de vídeos mais vendidos e chegou a provocar um aumento considerável na venda de filhotes de dálmata nos EUA.

Com os frutos de sua tradição financiando uma volta ao padrão de qualidade que conquistou o planeta, os novos projetos do estúdio sinalizam um futuro brilhante. A começar pela reconciliação com Tim Burton, que os abandonara após o caso *Caldeirão Mágico* (veja matéria a seguir). Está prevista para novembro, nos EUA, a estréia de *Nightmare Before Christmas* – uma animação de marionetes escrita e dirigida por Burton, em que um esqueleto rapta Papai Noel. Também em andamento estão *The Lion King*, descrito por Katzenberg como "Bambi na África", com música de Elton John e Tim Rice; *Pocahontas*, uma história de amor mais "adulta", para 94; e para 97, uma nova versão de *Fantasia*.

José Augusto Lemos



DISNEY 1970-1990

DECADÊNCIA E RESSURREIÇÃO

O último longa de animação cuja produção Walt Disney acompanhou foi *Mowgli, o Menino Lobo*. Mesmo assim, quando o filme estreou nos EUA, em 1967, ele já estava morto e seu império enfrentava o maior desafio de sua história: dar continuidade à tradição e ao padrão de qualidade estabelecidos por seu criador.

Mowgli fechava com chave de ouro uma trajetória gloriosa, que definira as leis e técnicas da animação como ciência, principalmente a partir da incorporação do som em 1928 e da cor em 1932. Em seu auge, na década de 30 – ao mesmo tempo em que faturavam uma fortuna com os curtas do megastar Mickey Mouse –, exploravam todos os aspectos técnicos de sua arte na série *Silly Symphonies*. Pesquisava-se o máximo de realismo em efeitos de luz e sombra, chuva e tempestade, vento e neve etc., e desenvolvia-se a câmera multiplano, que dava a ilusão de profundidade às cenas – um recurso que nenhum outro estúdio pôde usar: um minuto de filmagem custava 45 mil dólares.

Deste laboratório surgiu, enfim, a fusão de arte e ciência que na tela virou pura magia, culminando no momento em que Disney se sentiu preparado para partir para a produção de longas-metragens em *Branca de Neve* (37), *Pinóquio* (40) e principalmente *Fantasia* (40) – o ápice da estética, linguagem e concepção das *Silly Symphonies*.

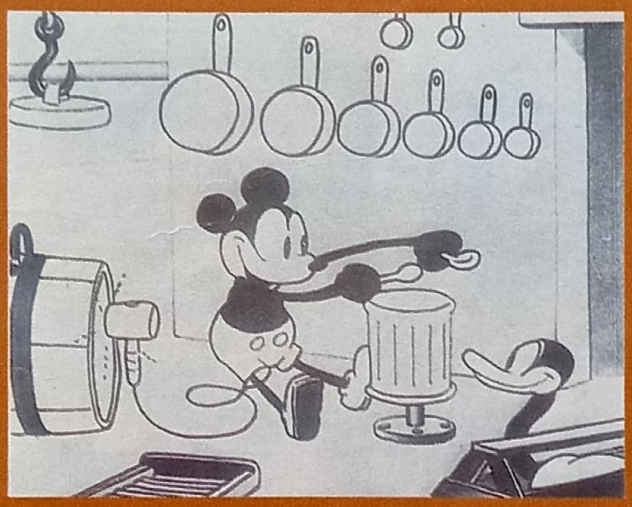
Resultado: *Branca de Neve* obteve a maior bilheteria do ano de 1938 nos cinemas americanos e levantou munição para a longa série de filmes que possivelmente fizeram das crianças do século 20 as mais felizes da história da humanidade. Mesmo abalado financeiramente pela Segunda Guerra, o estúdio voltou com tudo nos anos 50 até transformar-se no império de Disneylands e Disney Worlds. Enquanto isso, a equipe de animadores-chefe batizada por Disney de "Nine Old Men" (os "Nove Velhos") desovava obras-primas como *Peter Pan* (53) e *A Guerra dos Dálmatas* (61).

Após a morte de Disney, foram eles quem inicialmente seguraram a onda na travessia da década de 70. Mas não conseguiram evitar a decadência e a crise de identidade que levariam às mudanças administrativas que abalaram o estúdio em 1985. Ainda assim, nenhuma criança e nenhum fã da animação pode perder nenhum dos filmes ao lado: um sinal de que, mesmo sem o rigorosíssimo controle de qualidade exercido por Walt, a magia sobrevivera.

Aristogatas *(The Aristocats, 72)* e **Robin Hood** *(75)* Dividindo a Direção de Animação, três dos "Nove Velhos" – Milt Kahl, Ollie Johnstone e Frank Thomas – seguiram a fórmula Disney à risca, mas sem grandes vôos de imaginação. Com a exceção de uma cena e outra, são os filmes mais burocráticos da história do estúdio e mostram como seria difícil manter a magia sem seu fundador.

Bernardo e Bianca *(The Rescuers, 77)* Os personagens criados pela escritora Margery Sharp comprovaram que os ratinhos mantinham seus poderes milagrosos na história Disney. Em seu último filme, Kahl, Johnstone e Thomas capricharam para valer, com a ajuda de sangue novo na direção de animação: Don Bluth. As bilheterias responderam bem a essa deliciosa aventura nos pântanos da Louisiana, mas Bluth acabaria saindo dois anos depois, já na pré-produção do seguinte longa, declarando que os estúdios já não seguiam mais seu padrão de qualidade. Apesar de mostrar ser mais piegas e meloso ao dirigir *Fievel, um Conto Americano* para Spielberg, Bluth revelou seu caráter visionário tornando-se um dos pioneiros do videogame como novo campo para a animação, lançando os jogos *Dragon's Lair* e *Space Ace*.

O Caldeirão Mágico *(The Black Cauldron, 85)* Um marco na história da animação, injustamente relegado ao esquecimento por ter provocado a maior crise de identidade na história do estúdio. Durante quatro anos e meio, uma nova geração – comandada por Tim Burton e pelo alemão Andreas Deja – agarrou com unhas e dentes a oportunidade de mostrar seu talento em cada quadro do filme. O livro de Lloyd Alexander, *Chronicles of Prydain*, não passava de um sub-*Senhor dos Anéis*, mas recebeu um tratamento visual requintado e revolucionário. Os problemas começaram quando os acionistas decidiram mexer na direção do estúdio. Foi quando entrou Jeffrey Katzenberg, vindo do comando da Paramount, que achou o filme lúgubre, sombrio e adulto demais. Quando os animadores disseram ser impossível reeditá-lo, o próprio Katzenberg foi para a sala de edição e acabou cortando de dois a três minutos. "Os vendilhões invadiram o templo!", arrepiaram-se os artistas. Como se não bastasse, nos sete anos em que a animação Disney permanecera ausente dos cinemas, dois cineastas chamados Steven Spielberg e George Lucas haviam lhe roubado a vanguarda tecnológica na fabricação de fantasia. Nessa, Tim Burton acabou caindo fora para tornar-se o brilhante diretor de Os *Fantasmas se Divertem (Beetlejuice)*, e o futuro parecia mais negro que o caldeirão. Quanto ao filme, disneyófilos radicais esperam até hoje o lançamento em vídeo e laser disc da versão original – ou, na pior das hipóteses, da versão exibida nos cinemas.



De cima para baixo: *Dança Macabra* (29), a primeira Silly Symphony; *Flores e Árvores* (32), também da série das "Sinfonias Tolas", primeiro curta do estúdio a usar cor; e *Steamboat Willie* (28), estréia de Mickey e primeiro Disney sonorizado. Na página ao lado, a arte do cartaz de *O Caldeirão Mágico* (85): uma obra-prima considerada "lúgubre" e "adulta" demais pela direção do estúdio

As Peripécias de Um Ratinho Detetive *(The Great Mouse Detective, 86)* Mais ratos, numa adaptação infantil de Sherlock Holmes. Estréia a dupla Clements e Busker, consagrada em *A Pequena Sereia* e *Aladim*, revezando-se nas funções de roteirista e diretor. A animação é até modesta para os padrões Disney, lembrando o grafismo da fase *Aristogatas* e *Robin Hood*, mas com narrativa ágil e personagens marcantes como o vilão Ratigan – dublado à perfeição por Vincent Price (assim como Robin Williams em *Aladim*, eliminado pela dublagem no lançamento brasileiro).

Oliver e Seus Companheiros *(Oliver & Company, 88)* Cães e gatos encenam o *Oliver Twist* de Dickens, uma "gracinha" que quase chega ao insuportável limite dos Ursinhos Carinhosos (em si uma paródia abjeta dos bichichos Disney). O ponto mais baixo na trajetória do estúdio, felizmente eclipsado pelo filme abaixo.

Uma Cilada Para Roger Rabbit *(Who Framed Roger Rabbit?, 88)* O maior momento da arte cinematográfica nos anos 80? Antes de mais nada, uma declaração de amor à animação. O primeiro grande acerto da nova direção do estúdio foi dar o braço a torcer e propor a co-produção à Amblin Entertainment, de Spielberg. Com a Industrial Light & Magic, de George Lucas, fornecendo a tecnologia *state of the art*, Robert Zemeckis na direção e o canadense Richard Williams na direção de animação, velhos personagens como Mickey e Donald puderam pela primeira vez contracenar com seus arqui-rivais da Warner Bros, como Pernalonga e Patolino, e da MGM.

A Pequena Sereia *(The Little Mermaid, 89)* Princesinhas e fadinhas bobinhas e ingênuas, nunca mais! Começa aqui a redefinição pós-feminista das heroínas Disney, levada às últimas conseqüências em *A Bela e a Fera* e na princesa Jasmine de *Aladim*. A trilha – com momentos geniais como "Under The Sea" – deu o primeiro Oscar para Howard Ashman e Alan Menken. Genial animação subaquática. Um sucesso de bilheteria como o estúdio não via há décadas: 84 milhões de dólares na bilheteria e 8 milhões de cópias em vídeo vendidas só nos EUA. Enfim, o início da renascença da animação Disney.

Bernardo e Bianca na Austrália *(The Rescuers Down Under, 90)* Volta o casal de ratinhos num filme maravilhoso, ao qual nem as bilheterias nem a crítica responderam à altura. A animação Disney encontra a peculiaríssima fauna australiana e, pela primeira vez, o computador é utilizado para efeitos de tridimensionalidade e perspectiva. O vôo da águia dourada, totalmente animado à mão, encheria o velho Walt de orgulho.

A Bela e a Fera *(Beauty and The Beast, 91)* O primeiro desenho animado a receber indicação para o Oscar de Melhor Filme e a superar a bilheteria de 100 milhões de dólares. Infelizmente o Oscar de Melhor Música tornou-se um prêmio póstumo para Howard Ashman.

J.A.L.

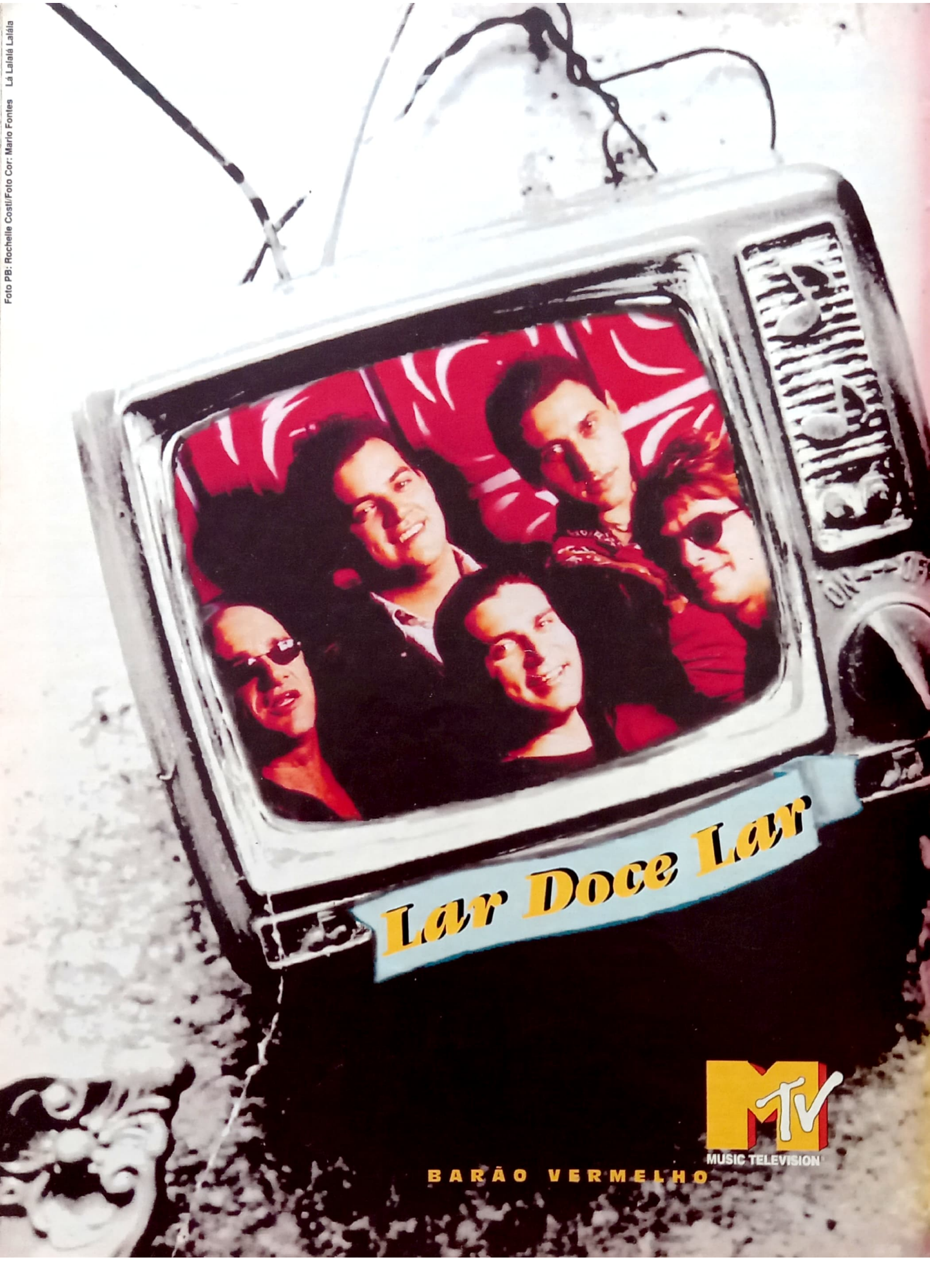
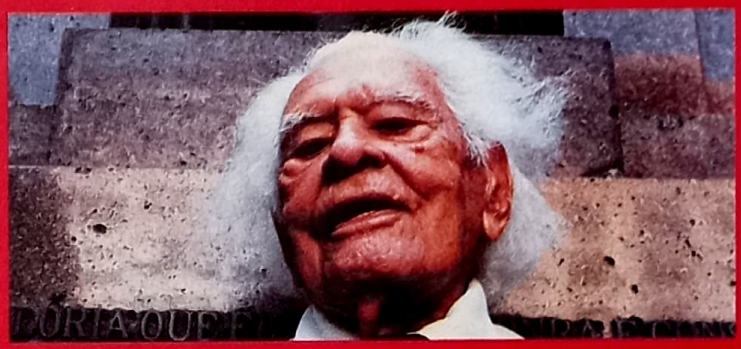


Foto PB: Rochelle Costi/Foto Cor: Mario Fontes La Laiaiá Laiáia
Lar Doce Lar
MTV
MUSIC TELEVISION
BARÃO VERMELHO

INTERVIEW. A REVISTA ONDE GENTE INTERESSANTE FALA PARA GENTE INTERESSANTE.



Prepare-se.
Vem aí a notícia mais esperada pelos leitores de Interview...

PRT/SP-4368/93
UP-AC CENTRAL
DR/SÃO PAULO

CARTÃO-RESPOSTA
Não é necessário selar.

O selo será pago por
A.R.& T. Editores Ltda.

05999-999 - SÃO PAULO - SP

ASSINATURA ANUAL DE INTERVIEW

INTERVIEW, A MAIS CHARMOSA.

Nenhuma revista é tão irreverente quanto Interview. De Carmem Mairink Veiga a Maguila, de grandes estrelas a criminosos foragidos, suas páginas estão repletas das mais diferentes personalidades, com revelações incríveis. Tudo isso com qualidade gráfica internacional e fotos que mostram a verdadeira cara de gente que é notícia.

INTERVIEW, A MAIS POLÊMICA.

Basta mencionar alguns exemplos para confirmar. Todo mundo se lembra das controvertidas entrevistas de Neuzinha Brizola, Luiz Antônio de Medeiros, Betty Faria, Osmani Ramos, D. Paulo E. Arns e muitos outros. Interview é assim: a fonte dos assuntos que se tornam comentário nacional.

INTERVIEW, A MAIS VERSÁTIL.

Por que as pessoas contam para Interview o que nunca contariam para outra revista? É simples. A linha editorial de Interview é a própria entrevista. É ela, além do talento do entrevistador, o que faz a diferença. Aliás, os entrevistadores de Interview são mestres do jornalismo que sabem exatamente como captar o melhor, o mais interessante, o secreto. E você sabe: gente importante se solta quando fala com gente importante. Daí todo o sucesso, a polêmica e toda a magia de Interview.

G&K

FINALMENTE VOCÊ PODE RECEBER EM CASA A REVISTA MAIS CHARMOSA, POLÊMICA E VERSÁTIL DO BRASIL.

ASSINE AGORA! INTERVIEW

Preencha este cupom com seus dados pessoais e deposite-o em qualquer caixa ou agência dos Correios.
Não é necessário selar.

SIM, quero receber mensalmente em meu endereço, durante um ano, a revista Interview, conforme opção de pagamento que indico abaixo:

A B

☐ Cobrança Bancária ( ) À vista: Cr$ 2.400.000,00 ( ) 3 x Cr$ 1.050.000,00

☐ Cartão de Crédito. Autorizo o débito de Cr$ 2.400.000,00 em meu cartão de crédito.
( ) Credicard ( ) Visa ( ) American Express ( ) Diners

Número do cartão: _____ Validade: / (Mês Ano)

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ CEP: _____

Cidade: _____ Estado: _____

CPF: _____ Tel.: _____

Data: / / Assinatura _____

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA. OFERTA VÁLIDA PARA POSTAGEM ATÉ 15/06/93.

INTERVIEW, TODO MÊS NA SUA CASA.

Chegou a hora de você receber tudo isso em sua casa. Assinando Interview, você garante as próximas 12 edições, mesmo se esgotadas. E o que é melhor: o preço da assinatura não terá qualquer alteração, mesmo que aumente o preço dos exemplares avulsos.

Se preferir, assine por telefone:

(011) 829.2599

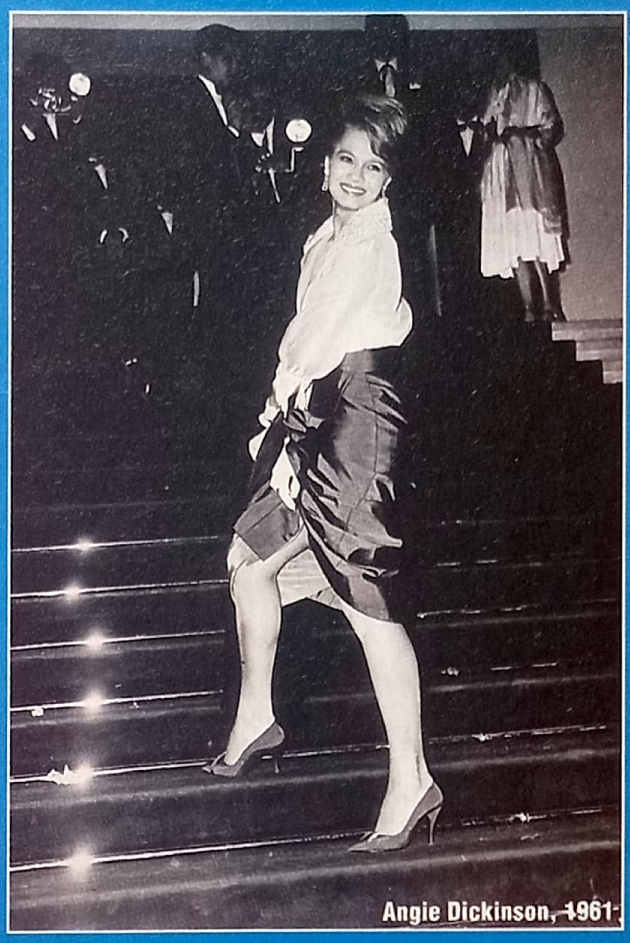
A.R. & T. EDITORES LTDA.

CANNES

ESPECIAL

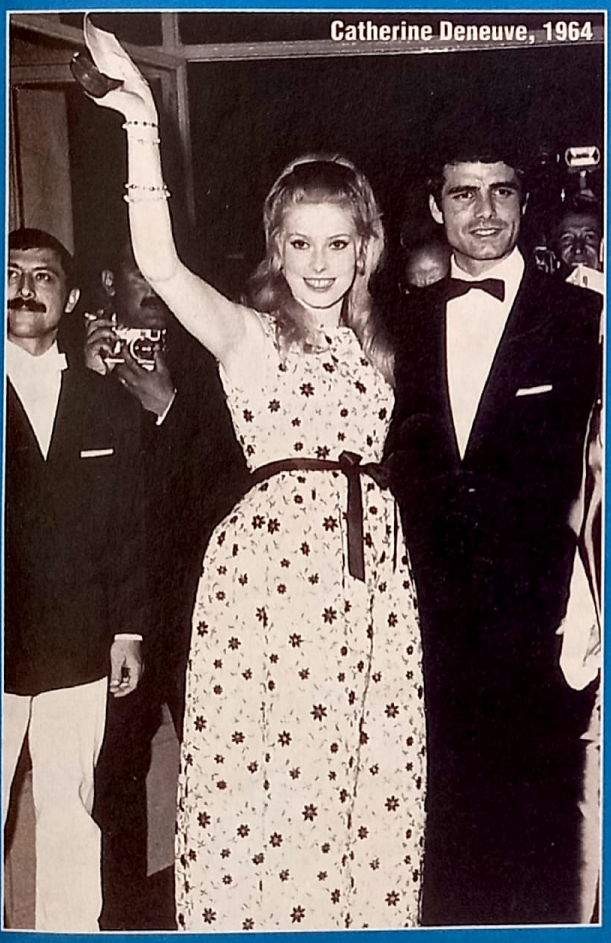
Raquel Welch, 1966

Sipa



Angie Dickinson, 1961

Stills



Catherine Deneuve, 1964

Stills

Brigitte Bardot, 1956

Sipa

Sophia Loren (1959) e o cartaz do primeiro festival

FOTOS STILLS

TRÉS ÉLÉG

Mais que uma simples competição, o Festival Internacional do Filme de Cannes, realizado pela primeira vez em 1939, é um compromisso obrigatório na agenda do *beautifull* people. Nesta retrospectiva, todo o charme & glamour que fizeram a glória do mais balado evento da sétima arte

São mais de 200 filmes em duas semanas, divididos entre a competição oficial, as mostras paralelas – como Un Certain Regard – e a Quinzena dos Realizadores, retrospectivas, homenagens e, naturalmente, o mercado do filme, já que trata-se de um evento altamente comercial.

Cannes é uma loucura, sem dúvida. Mas há método nela: os filmes chegam a tempo, os horários são respeitados, entrevistas e debates são realizados na hora programada. O problema é que não existe nenhuma possibilidade de se ver tudo. Cada vez que se faz opção por determinado programa, outro estará sendo perdido – os acontecimentos são simultâneos. E ainda há a chamada programação social, com grandes festas, almoços, coquetéis, jantares. Tudo pelo, para e a partir do cinema.

Cannes, 100 mil habitantes fixos e uma população flutuante que pode aumentar em 50 por cento durante o Festival Internacional do Filme – nome oficial do evento mais célebre de uma cidade que realiza festivais de todos os tipos e especialidades. Quem vai ao festival de cinema tem que selecionar o que assistir, do contrário acaba não vendo nada. O drama é deixar uma festa animadíssima no meio da madrugada para acordar às sete e meia da manhã, porque às oito começa a primeira sessão de cinema do dia, justamente a exibição de um filme da competição oficial para a imprensa e para outros convidados que querem ganhar tempo e se livrar do smoking ou do vestido longo, inevitável nas sessões noturnas de gala.

Após esta sessão, correria geral até o andar da imprensa no imenso Palais des Festivals, para a obrigatória coletiva de produtor, diretor e elenco. Entre uma pergunta e outra, alguns jornalistas não reprimem seu lado de fãs e arriscam um pedido de autógrafo. Fim da coletiva, corre-se outra vez, agora para um sanduíche rápido, porque sempre haverá um outro filme esperando. Ou alguma outra entrevista. Ou, debandada geral, alguém chega na sala de imprensa e conta que, por exemplo, Spike Lee está lá embaixo na rua fazendo um comício racial. Ou que Catherine Deneuve está dando uma voltinha pela Croisette, a avenida que contorna os três quilômetros da baía de Cannes, com – imaginem! – ninguém menos do que Jean-Paul Belmondo.

tradicionalíssimo Carlton – para tentar entrevistas individuais com alguma fugidia celebridade. Que, encontrada, repetirá exatamente o que já veio impresso no material de propaganda do seu filme.

Celebridades européias ou artistas do Terceiro Mundo pelo menos hospedam-se sempre dentro de Cannes. Pior é com os superstars hollywoodianos. Dez entre dez deles preferem refugiar-se no sofisticadíssimo Grand Hotel du Cap, em Cap Ferrat, a 30 quilômetros, rodeado de palmeiras, jardins suspensos e cabanas individuais à beira-mar. E, lógico, uma segurança que dificulta qualquer contato. Fãs ficam desesperados, jornalistas ficam indignados. Mas Madonna, Sharon Stone, Michael Douglas ou Liz Taylor só serão vistos à distância. A menos que decidam receber a imprensa para uma coletiva.

Nas festas, a mesma multidão, sempre. Celebridades passam rapidamente, dão o ar da graça para fotógrafos muito ávidos. E nada falam. A qualidade da comida e da bebida às vezes compensa a batalha pelo convite, mas não é sempre. Há multidões também nas sessões de meia-noite das mostras paralelas, das quais têm saído os grandes favoritos do público que em geral opta por consagrar um filme das mostras paralelas à competição.

Foi assim em 1991 com *Os Donos da Rua,* de John Singleton. Também foi assim ano passado com o australiano *Vem Dançar Comigo*. Fica todo mundo torcendo por um bom filme de arte, mas Cannes é principalmente *business* – o máximo do *business* do show business.

Quem vai do Brasil para Cannes sai de São Paulo ou Rio de Janeiro para a cidade de Nice, via Roma ou Paris. Pode-se optar entre a Air France, a Alitália e a Varig. No aeroporto internacional de Nice há ônibus de meia em meia hora para se percorrer os 30 quilômetros até a cidade do festival de cinema. De onde

-ANT!

O alarme pode ser falso, mas quem correu até lá continua na mesma velocidade para um caviar e champanhe com Jon Voight, digamos, que convidou jornalistas para a boca-livre custeada pela produção do seu novo filme. Ou para ouvir Menahem Golan falar de suas façanhas em Hollywood. Um retorno ainda mais veloz à sala dos telex e dos fax para enviar ao jornal a primeira matéria do dia.

Em seguida, outro filme. Ou uma peregrinação pelos hotéis da Croisette – do Majestic ao Martinez, passando pelo se pode ir a Monte Carlo em outros 30 minutos ou a Saint-Tropez em 50. Isto, claro, se houver tempo. Como se poderá também fazer uma incursão pelas roletas do Palm Beach Casino, outro endereço preferido dos americanos. Madonna e Tom Cruise deram festas lá. Este ano talvez seja Elizabeth Taylor, que vai ao festival arrecadar ajuda para sua campanha anti-AIDS. Mesmo sem estar nas telas, Liz vai roubar o festival. Quem duvida?

Edmar Pereira

Quinn/Sipa

1955

Entre as mulheres mais bonitas que circulam por Cannes, Sophia Loren é a que deperta mais frisson nos paparazzi. Onde estivesse, havia uma câmera apontando para seu exuberante corpo. Até em seu quarto de hotel Sophia é perseguida. O olhar bem treinado do fotógrafo registrou pequenos detalhes que todos queriam ver.

1956

Roger Vadim inventa o mito Brigitte Bardot com seu *E Deus Criou a Mulher* e Cannes treme com a visita do furacão sexy. Carl Mohner aplaude, entusiasmado, sua passagem cataclísmica.

Quinn/Sipa

1959

O *enfant terrible* Orson Welles, mais cultuado pelos franceses do que pelos americanos, faz uma aparição surpresa nas festividades com Julliette Greco. Françoise Sagan completa o triângulo nos passeios e cerimônias.

Stills

Carol Reed

O TERCEIRO HOMEM

(The Third Man, EUA, 1949)

Ficha técnica: Direção: Carol Reed ■ Roteiro: Graham Greene, baseado em seu próprio romance homônimo ■ Direção de fotografia: Robert Krasker, John Wilcox e Stan Pavey (em preto-e-branco) ■ Montagem: Oswald Hafenrichter ■ Direção de arte: Vincent Korda, Joseph Bato e John Hawkesworth ■ Música: Anton Karas ■ Diretor assistente: Guy Hamilton ■ Produção: Carol Reed ■ Distribuição em vídeo: VTI ■ Duração: 1h44.

O elenco: Joseph Cotten (Holly Martins), Orson Welles (Harry Lime), Alida Valli (Anna Schmidt), Trevor Howard (major Calloway), Paul Hoerbiger (porteiro), Ernst Deutsch (barão Kurtz), Erich Ponto (dr. Winkel), Wilfred Hyde White (Crabbit)

A trama: escritor americano desempregado é convidado por um compatriota para trabalhar em Viena, logo após a Segunda Guerra Mundial. No entanto, Holly Martins descobre que seu amigo Harry Lime morreu em circunstâncias misteriosas. Estupefato com a notícia, perambula pelas ruas sombrias da cidade e acredita ver Lime de relance. Obcecado em descobrir se aquele vulto era ou não o seu amigo desaparecido, Holly acaba por descobrir que Lime, na verdade, está vivo e é o cabeça de uma corrupta organização européia que controla o mercado negro de penicilina. Holly logo percebe que ele se tornara um homem marcado.

O diretor: Carol Reed nasceu na Inglaterra em 1906. Começou como ator em 1923, trabalhando com Edgar Wallace. Em 1932, ingressou nos estúdios Ealing trabalhando como assistente de diálogos. Estreou como diretor em 1935 com *It Happened in Paris*, em parceria com Robert Wyler. Sua consagração como diretor viria com *O Terceiro Homem*, que lhe deu, pelo terceiro ano consecutivo (*O Condenado*, 1947, e *O Ídolo Caído*, 1948), o prêmio de melhor filme pela Academia Britânica de Cinema. Apesar de sua fase áurea ser o imediato pós-guerra, Reed só viria a receber o Oscar de direção por *Oliver* (1968), seu antepenúltimo filme. Ele foi *Sir* do Império desde 1952 e viria a falecer em 1976. O ator Oliver Reed é seu sobrinho.

Notas: considerado por muitos o melhor suspense de todos os tempos e presença obrigatória na lista dos melhores filmes, *O Terceiro Homem* recebeu o Oscar de melhor fotografia e foi o Grande Prêmio do Júri no Festival de Cannes de 1949 ■ Produzido pela London Films, empresa que contou, na época, com a colaboração de Alexander Korda (produtor e diretor húngaro) e David O. Selznick (produtor de *...E o Vento Levou*) ■ A montagem é do austríaco Oswald Hafenrichter, um dos maiores da área no cinema inglês e que também trabalhou na extinta Vera Cruz, em São Paulo, nos anos 50 ■ A versão disponível em vídeo é a inglesa, com uma introdução narrada por Reed; a versão americana é narrada pelo ator Joseph Cotten e foi reduzida em onze minutos por Selznick; há ainda uma vergonhosa versão colorizada por computador.

Louis Malle

PERDAS E DANOS

(Damage, Inglaterra/França, 1992)

Ficha ténica: Direção: Louis Malle ■ Roteiro: David Hare, baseado no romance homônimo de Josephine Hart ■ Direção de fotografia: Peter Biziou ■ Montagem: John Bloom ■ Desenho de produção: Brian Morris ■ Direção de arte: Richard Earl e Philippe Turlure ■ Música: Zbigniew Preisner ■ Figurinos: Milena Canonero ■ Produção: Louis Mall ■ Distribuição: Paris Filmes ■ Duração: 1h51.

O elenco: Jeremy Irons (Stephen Fleming), Juliette Binoche (Anna Barton), Miranda Richardson (Ingrid Fleming), Rupert Graves (Martyn Fleming), Leslie Caron (Elizabeth Prideaux), Ian Bannen (Edward Lloyd), Gemma Clarke (Sally Fleming), Peter Stormare (Peter)

A trama: Stephen Fleming é um político conservador que cuida de questões ecológicas. Sua ambição é se tornar ministro do governo britânico. No dia em que recebe da esposa, Ingrid, a notícia de que seu filho Martyn está namorando a sério pela primeira vez, conhece em uma reunião política a jovem Anna Barton, que se apresenta como a garota de Martyn. Quando o casal vai à bela casa dos Fleming para oficializar a relação, Stephen imediatamente percebe os fortes olhares de Anna e fica perturbado. Logo após a primeira ligação telefônica de Anna ao seu escritório, Stephen mergulha de cabeça em uma relação proibida, passional e física. Sua consciência pesa ainda mais no dia em que Martyn anuncia seu casamento.

O diretor: o francês Louis Malle nasceu em 1932 e estudou Ciência Política (na Sorbonne) e Cinema. Foi assistente de Robert Bresson e estreou na direção de longas com o documentário *O Mundo do Silêncio* (1956), trabalhando com Jacques Cousteau. Sua primeira obra de ficção foi *Ascensor para o Cadafalso* (1957), com música de Miles Davis. Seus filmes de maior destaque são: *Trinta Anos Esta Noite* (1963), *O Sopro no Coração* (1970), *Lacombe Lucien* (1973), *Pretty Baby — Menina Bonita* (1978, sua estréia nos EUA), *Atlantic City* (1980, indicação ao Oscar de diretor) e *Adeus Meninos* (1987, seu retorno à França). Foi casado com Susan Sarandon e hoje é marido da atriz Candice Bergen. Em maio de 1993, foi presidente do júri no Festival de Cannes.

Notas: as cenas de sexo entre Jeremy Irons e Juliette Binoche incomodaram a censura dos EUA, que fez pequenos cortes em defesa da pudica moral americana ■ A atriz Leslie Caron, nascida na França em 1931, tem aqui uma de suas raríssimas aparições no cinema depois da década de 80; sua fama vem de *Lili* (1953) e *Gigi* (1958) e seu filme anterior foi a aventura juvenil *A Montanha da Coragem* (1989) ■ A brilhante música de Zbigniew Preisner é interpretada pela Sinfônica de Varsóvia e os figurinos de Milena Canonero (Oscar por *Carruagens de Fogo*) ■O roteiro do também dramaturgo David Hare explicita as relações sugeridas no romance de Josephine Hart e apresenta uma Europa já unificada, como fez em *Uma Voz na Noite* (*Paris by Night*), direção dele mesmo.

Martin Brest

PERFUME DE MULHER

(Scent of a Woman, EUA, 1992)

Ficha técnica: Direção: Martin Brest ■ Roteiro: Bo Goldman, inspirado por um personagem do filme *Perfume de Mulher*, criado por Ruggero Maccari e Dino Risi, e baseado no romance *Il Buio e il Miele*, de Giovanni Arpino ■ Direção de fotografia: Donald E. Thorin ■ Montagem: William Steinkamp, Michael Tronick e Harvey Rosenstock ■ Desenho de produção: Angelo Graham ■ Direção de arte: W. Steven Graham ■ Música: Thomas Newman ■ Coreografia: Jerry Mitchell e Paul Pellicoro ■ Figurinos: Aude Bronson-Howard ■ Produção: Martin Brest para a Universal ■ Distribuição: UIP ■ Duração: 2h36.

O elenco: Al Pacino (tenente-coronel Frank Slade), Chris O'Donnell (Charlie Simms), James Rebhorn (sr. Trask), Gabrielle Anwar (Donna), Philip S. Hoffman (George Willis Jr.), Richard Venture (W.R. Slade), Bradley Whitford (Randy), Rochelle Oliver (Gretchen), Nicholas Sadler (Harry Havemeyer), Margaret Eginton (Gail), Ron Eldard (oficial Gore)

A trama: o tenente-coronel Frank Slade entregou-se à solidão e à revolta depois que ficou cego num acidente no quartel. Mora num quarto isolado da casa de sua sobrinha, e a trata aos pontapés. Sua única companhia é um copo de Jack Daniels. No Dia de Ação de Graças, a jovem pretende viajar e Slade se recusa a acompanhá-la. Ela coloca um anúncio no jornal procurando por um estudante que tome conta de Frank. Charlie é o único candidato. Mesmo expulso aos gritos pelo ranzinza oficial, Charlie decide ficar. E logo descobre que Frank planejava viajar até Nova York para experimentar alguns dias de puro prazer.

O diretor: Martin Brest nasceu em Nova York (NY) em 1951 e começou a carreira com um filme estudantil *Hot Tomorrows* (1977). Foi despedido da direção de *Jogos de Guerra* (1983) – concluído por John Badham – depois de estrear com o inédito *Going in Style* (1979), com os veteranos George Burns e Art Carney. O primeiro grande sucesso veio com *Um Tira da Pesada* (1984), seguido pelo elogiado *Fuga à Meia-Noite* (1988), que também produziu, a exemplo de *Perfume de Mulher*.

Notas: indicado para quatro dos principais prêmios da Academia (filme, diretor, ator e roteiro adaptado), acabou levando o de melhor ator, primeiro Oscar de Al Pacino depois de oito indicações; para compor Frank Slade, Pacino, filho digno do método de interpretação do Actor's Studio, conviveu com cegos para estudar o trabalho dos olhos e do olhar ■ Trata-se de uma refilmagem livre do italiano *Perfume de Mulher* (1974), de Dino Risi e com Vittorio Gassman, que na época recebeu o Oscar italiano (Nastro D'Argento) de filme, diretor e ator, e também foi premiado em Cannes ■ Foi uma chance inigualável para o novato Chris O'Donnell contracenar com Pacino em um filme deste calibre; ele ficou conhecido por pequenas participações em *Tomates Verdes Fritos* e *Código de Honra*, e logo depois conquistou um dos papéis jovens mais cobiçados de Hollywood em 1992 ■ Os vários tangos que Pacino ouve e dança em Nova York são interpretados pelo grupo americano The Tango Project.

Robert Redford

NADA É PARA SEMPRE

(A River Runs Through It, EUA, 1992)

Ficha técnica: Direção: Robert Redford ■ Roteiro: Richard Friedenberg, baseado no romance homônimo de Norman Maclean ■ Direção de fotografia: Philippe Rousselot ■ Montagem: Lynzee Klingman e Robert Estrin ■ Desenho de produção: Jon Hutman ■ Direção de arte: Walter Martishius ■ Música: Mark Isham ■ Coreografia: Miranda Garrison e Johnny Almaraz ■ Figurinos: Bernie Pollack e Kathy O'Rear ■ Produção: Robert Redford e Patrick Markey ■ Distribuição: Columbia ■ Duração: 2h03.

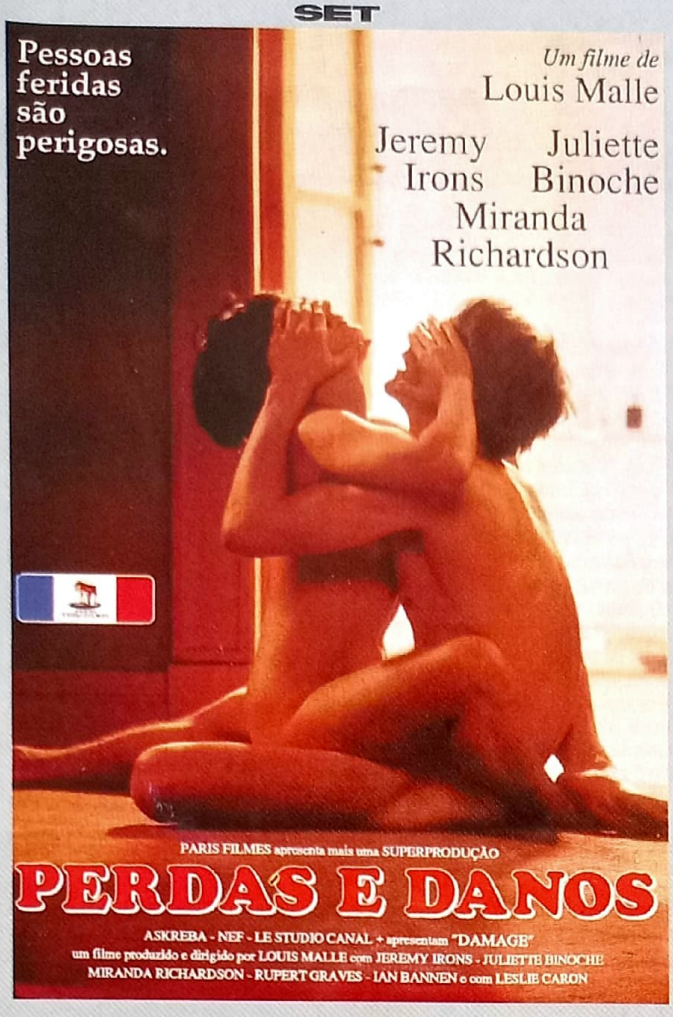
O elenco: Craig Sheffer (Norman Maclean), Brad Pitt (Paul Maclean), Tom Skerritt (reverendo Maclean), Brenda Blethyn (sra. Maclean), Emily Lloyd (Jessie Burns), Edie McClurg (sra. Burns), Stephen Shellen (Neal Burns), Vann Gravage (Paul jovem), Nicole Burdette (Mabel), Susan Traylor (Rawhide), Michael Cudlitz (Chub), Rob Cox (Conroy), Buck Simmonds (Humph), Al Richardson (sr. Murchison)

A trama: Montana, 1910: Norman e Paul, os dois filhos do reverendo Maclean, são educados segundo as leis da igreja presbiteriana e aprendem a amar a pesca desde pequenos. Quando adolescentes, Norman, o mais velho, dedica-se aos cuidados da floresta, enquanto Paul treina para ser salva-vidas. A relação entre os irmãos se distancia à medida que crescem, mas a paixão pela pesca os mantêm em contato. Norman parte para estudar inglês no colégio de Dartmouth, enquanto Paul sai de casa para ser um repórter no jornal local. Em 1926, após seis anos de estudos, Norman retorna à casa e fica chocado ao descobrir que Paul estava enfrentando problemas com álcool. A pesca será novamente uma válvula de escape, até o amor interferir em seus destinos.

O diretor: o astro Robert Redford nasceu em agosto de 1937, em Santa Mônica (Califórnia). Começou no teatro, mas só foi notado na TV em um teleteatro dirigido por Sidney Lumet, *The Iceman Cometh*. Estreou no cinema em 1962, com *Obsessão de Matar*, e transformou-se num dos maiores nomes do cinema americano moderno depois do sucesso de *Butch Cassidy* (1969). Estreou como diretor em 1980, com o muito premiado *Gente como a Gente* (Oscar de filme e direção, entre outros). Sua maré estava um pouco baixa desde o insucesso de *Perigosamente Juntos* (1986): produziu três filmes, dirigiu o mediano *Rebelião em Milagro* (1988) e atuou no fracassado *Havana* (1990). O ano de 1992, porém, marcou sua volta, com esta direção e atuações em *Quebra de Sigilo* e em *Proposta Indecente* (1993).

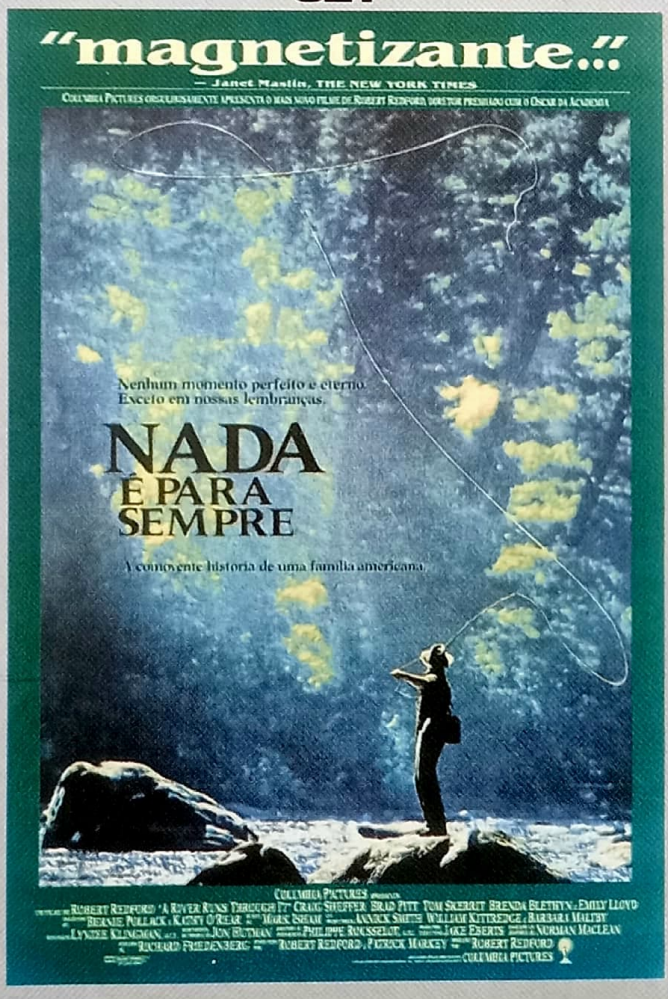
Notas: premiado com o Oscar de fotografia, primeiro trabalho totalmente americano do artesão Philippe Rousselot, francês responsável por *Henry & June* ■ Mark Isham é um músico de jazz que ingressou no universo das trilhas sonoras ao mesmo tempo em que se dedicou a uma leitura muito pessoal da new age; escreveu as trilhas de *A Fera da Guerra* e *Trouble in Mind*, entre outros ■ O astro ascendente Brad Pitt, cuja fama começou com *Thelma e Louise* (1991), tem chamado a atenção pela grande semelhança que apresenta com o próprio Redford quando jovem, funcionando quase como um alter ego ■ Este filme pastoral e romântico tem narração em *off* do próprio Norman Maclean, autor do romance no qual se inspira.

SET



SET

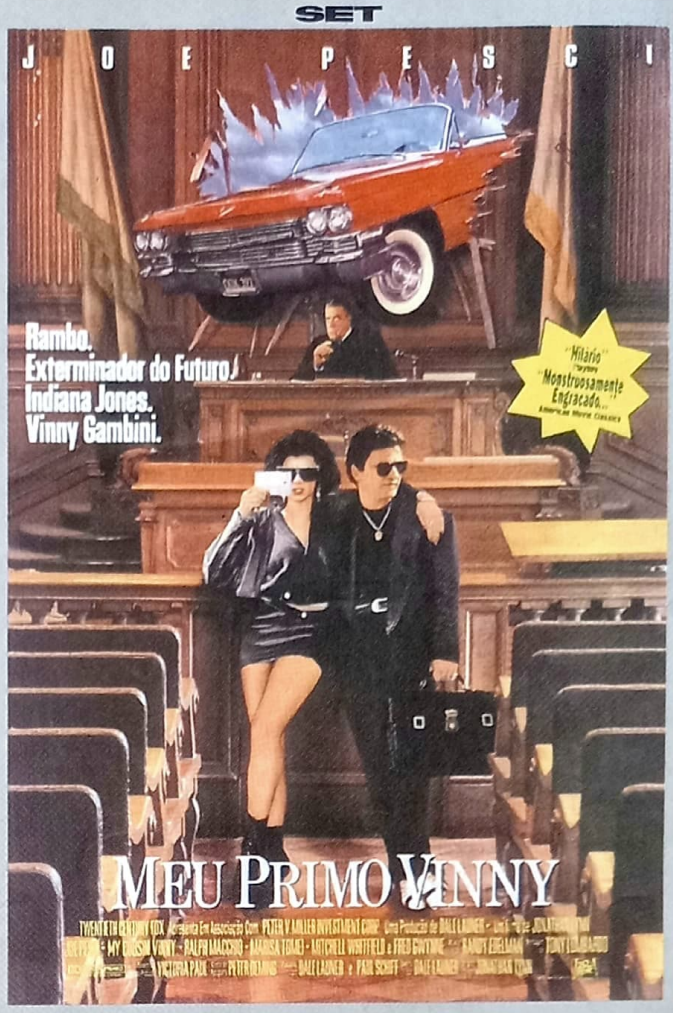
SET



SET

SET

SET



SET

SET

Jonathan Lynn

MEU PRIMO VINNY

(My Cousin Vinny, EUA, 1992)

Ficha técnica: Direção: Jonathan Lynn ■ Roteiro: Dale Launer ■ Direção de fotografia: Peter Deming ■ Montagem: Tony Lombardo e Stephen E. Rivkin ■ Desenho de produção: Victoria Paul ■ Direção de arte: Randall Schmook e Michael Rizzo ■ Música: Randy Edelman ■ Figurinos: Carol Wood ■ Consultor de questões jurídicas: Doug Knoll ■ Produção: Dale Launer e Paul Schiff ■ Distribuição: Fox ■ Duração: 1h59.

O elenco: Joe Pesci (Vinny Gambini), Ralph Macchio (Bill Gambini), Marisa Tomei (Mona Lisa Vito), Mitchell Whitfield (Stan Rothenstein), Fred Gwynne (juiz Chamberlain Haller), Lane Smith (Jim Trotter III), Austin Pendleton (John Gibbons), Bruce McGill (xerife Farley), Maury Chaykin (Sam Tipton), James Rebhorn (George Wilbur)

A trama: dois estudantes em viagem à Califórnia, vindos de Nova York, fazem compras em uma loja de beira de estrada no Estado do Alabama. Saem inadvertidamente do local com uma lata de sardinhas que não pagaram. Quando a polícia rodoviária os intercepta, confessam imediatamente a culpa e são presos com violência. Apenas depois de muitos maus-tratos é que percebem que estão sendo acusados do assassinato do dono daquela loja. Em desespero, um dos jovens, Bill, só consegue se lembrar de um advogado para defendê-los: o seu primo Vinny Gambini. Quando ele chega ao ermo local em que estavam detidos, descobre que Vinny tinha acabado de se formar, não tinha a menor prática nem nunca havia pisado em um tribunal.

O diretor: Jonathan Lynn nasceu em Bath (Inglaterra) em 1943 e se especializou em dirigir comédias. Foi autor, ator e diretor teatral e também trabalhou para a televisão. No cinema, foi roteirista do filme de espionagem *Morte: O Preço da Ambição* (1974), com James Coburn. Estreou como diretor com o subestimado *Os Sete Suspeitos* (1985), comédia criminal com vários finais. Realizou ainda *Freiras em Fuga* (1990), que recebeu o prêmio Golden Cane no Festival de Comédia de Vevey (Suíça). Ambos têm roteiro de Lynn. Depois de *Meu Primo Vinny*, trabalhou com Eddie Murphy em *Distinto Cavalheiro* (1992).

Notas: a primeira surpresa foi o filme ser lembrado nas indicações ao Oscar por se tratar de um sucesso de médio porte lançado no meio do ano; recebeu, contudo, o Oscar de atriz coadjuvante (Tomei, a única americana entre as candidatas da categoria) ■ Tomei já foi dirigida em Nova York pelo brasileiro Cacá Rosset em uma montagem da *Comédia dos Erros*, de William Shakespeare ■ A trilha sonora mistura canções famosas do ideário popular americano, nas vozes de The Fabulous Thunderbirds e Connie Francis, entre outros, com hits pop interpretados, por exemplo, por Clivillés & Cole ■ O longa foi filmado em Monticello, uma cidade de 2 300 habitantes que vive uma grande depressão econômica, mas que possui um tribunal centenário no meio de sua praça principal.

Geoff Murphy

FREEJACK – OS IMORTAIS

(Freejack, EUA, 1992)

Ficha técnica: Direção: Geoff Murphy ■ Roteiro: Steven Pressfield, Ronald Shusett e Dan Gilroy, baseado no romance *Immortality, Inc.*, de Robert Sheckley ■ Direção de fotografia: Amir Mokri ■ Efeitos visuais: Dream Quest Images ■ Computação gráfica: Tim Landry ■ Animação: Clint Colver ■ Montagem: Dennis Virkler, Michael Ruscio e John Wright ■ Desenho de produção: Joe Alves ■ Direção de arte: James A. Taylor ■ Música: Trevor Jones ■ Figurinos: Lisa Jensen ■ Produção: Ronald Shusett e Stuart Oken para a Morgan Creek ■ Distribuição: Warner ■ Duração: 1h49.

O elenco: Emilio Estevez (Alex Furlong), Mick Jagger (Vacendak), Rene Russo (Julie Redlund), Anthony Hopkins (McCandless), Jonathan Banks (Michelette), David Johansen (Brad), Amanda Plummer (freira), John Shea (Morgan), Esai Morales (Ripper), Jerry Hall (repórter de TV), Grand L. Bush (Boone), Frankie Faison (Eagle Man)

A trama: Alex Furlong está se preparando para uma decisiva corrida de carros. Logo na partida, sofre um acidente violento e seu veículo é totalmente destruído. O corpo, porém, nunca foi encontrado. A verdade é que, na hora da colisão, seu corpo foi transportado para o ano de 2009, com a intenção de ser usado como "nova embalagem" de um milionário desenganado, McCandless. Alex, no entanto, recobra a consciência e consegue escapar, transformando-se em um *freejack*, um fugitivo que sabe demais. Ele é perseguido por um mercenário, Vacendak, e sua única esperança é encontrar, ainda viva, sua namorada, Julie.

O diretor: Geoff Murphy é um diretor neozelandês que se consagrou com um estranho faroeste local, *Utu* (1983, disponível em vídeo), e então arrebatou a crítica com a ficção pós-apocalíptica *The Quiet Earth* (1985), de visual arrebatador. Foi convidado a trabalhar nos EUA, estreando com uma produção para a TV a cabo, *Red King, White Knight* (1989), um drama de espionagem. Chegou às telas americanas com o faroeste pop *Jovens Demais para Morrer* (1990), também com Emilio Estevez.

Notas: o filme tem várias participações especiais, com destaque para Mick Jagger, há muito afastado do cinema, e de sua mulher, a modelo Jerry Hall, além de outro roqueiro, David Johansen, conhecido nos meios musicais como Buster Poindexter ■ A trilha sonora de Trevor Jones (*Coração Satânico*) é recheada com o pop pesado de grupos como Scorpions, Jesus Jones, Ministry e Jesus and Mary Chain ■ O filme traduz bem o estilo de literatura de Robert Sheckley (autor do romance lançado em 1959) que sempre trilha pelos caminhos da sátira e das idéias absurdas ■ O visual nos remete às produções de ficção pré-Spielberg, como *Fuga do Século 23* (1976), apresentando um clima B que lembra os filmes de Charles Band ■ A melhor performance fica por conta de Amanda Plummer (*Daniel*), excelente como uma freira do futuro.

Régis Wargnier

INDOCHINA

(Indochine, França, 1992)

Ficha técnica: Direção: Régis Wargnier ■ Roteiro: Erik Orsenna, Louis Gardel, Catherine Cohen e Régis Wargnier ■ Direção de fotografia: François Catonné ■ Montagem: Geneviève Winding ■ Desenho de produção: Jacques Bufnoir ■ Efeitos especiais: Philippe Hubin ■ Música: Patrick Doyle ■ Coreografia: Chris Gandois ■ Figurinos: Gabriella Pescucci e Pierre-Yves Gayraud ■ Consultores histórico-culturais: Asoka Perera, Nelly Krawolski e Benjamin Stora ■ Produção: Eric Heumann ■ Distribuição: Belas Artes/Haway ■ Duração: 2h34.

O elenco: Catherine Deneuve (Eliane), Vincent Perez (Jean-Baptiste), Linh Dan Pham (Camille), Jean Yanne (Guy), Dominique Blanc (Yvette), Henri Marteau (Emile), Carlo Brandt (Castellani), Hubert Saint-Macary (Raymond), Andrzej Seweryn (Hébrard), Mai Chau (Shen), Alain Fromager (Dominique), Chu Hung (Mari de Sao)

A trama: Vietnã, anos 30: a francesa Eliane é proprietária de um imenso seringal. Ela adota a órfã Camille, de 5 anos de idade, filha de um casal amigo de vietnamitas, mortos num acidente. A pequena é educada segundo os padrões franceses e cresce se transformando em uma bela jovem. A visita inesperada do oficial da Marinha Jean-Baptiste desperta a paixão de Eliane. Tempos depois, também Camille sucumbe à beleza galante do oficial. Já em plena revolução nacionalista da década de 40, Jean-Baptiste é transferido para o norte do país.

O diretor: o francês Régis Wargnier nasceu em 1948. Depois de cursar Direito e Letras, foi professor, fazendo carreira acadêmica, e trabalhou como fotógrafo. Foi estagiário, assistente e diretor de curtas-metragens. Estreou com *A Mulher de Minha Vida* (1986), premiado com um César secundário. Depois veio *Eu Sou o Senhor do Castelo* (1989). Em ambos a música clássica desempenhou um importante papel.

Notas: Oscar de melhor filme estrangeiro de 1992 ■ Grande favorito para o César referente ao ano de 1992, com onze indicações, *Indochina* acabou com apenas cinco prêmios, dentre os quais o Oscar francês consagrou Deneuve como a melhor atriz e Dominique Blanc como a melhor atriz coadjuvante ■ Um dos atores do filme, Jean Yanne, nasceu em 1933 e também é diretor; sua carreira de ator começou em 1963 e a consagração veio com filmes de Claude Chabrol (como *A Besta Deve Morrer*), e a de diretor começou em 1972, com filmes de sucesso na França por causa de seu conteúdo satírico – o último está disponível em vídeo: *Liberdade, Igualdade, Revolução*, de 1985 ■ A atriz premiada Dominique Blanc já trabalhou com Wargnier em *Eu Sou o Senhor do Castelo* e aqui interpreta duas canções ■ Há vietnamitas em toda a ficha técnica, inclusive em cargos importantes, como a co-produção e a assistência de direção ■ Um dos grandes sucessos de bilheteria na França durante 1992, trata-se de um épico com teor ufanista, referindo-se à França colonizadora com veemência.

Neil Jordan

TRAÍDOS PELO DESEJO

(The Crying Game, Inglaterra, 1992)

Ficha técnica: Direção e roteiro: Neil Jordan ■ Direção de fotografia: Ian Wilson ■ Montagem: Kant Pan ■ Desenho de produção: Jim Clay ■ Direção de arte: Chris Seagers ■ Música: Anne Dudley ■ Figurinos: Sandy Powell ■ Produção: Stephen Woolley e Elizabeth Karlsen para a Palace/Channel Four Films ■ Distribuição: Look Filmes ■ Duração: 1h52.

O elenco: Stephen Rea (Fergus), Jaye Davidson (Dil), Miranda Richardson (Jude), Adrian Dunbar (Maguire), Forest Whitaker (Jody), Breffini McKenna (Tinker), Joe Savino (Eddie), Birdie Sweeney (Tommy), André Bernard (Jane), Jim Broadbent (Col)

A trama: Jody, um soldado negro do Exército britânico, é raptado por um grupo de terroristas do IRA (Exército Republicano Irlandês). Enquanto aguarda a resolução das negociações, faz uma tensa amizade com Fergus, um militante não tão convicto da metodologia do grupo. Durante as conversas que mantém, Jody consegue arrancar de Fergus a promessa de que, caso ele realmente seja assassinado, o segundo cuidaria de sua namorada, Dil. A morte do soldado se dá em meio a um desenlace trágico, e Fergus foge para Londres, onde gradualmente se aproxima e fica fascinado por Dil, uma cantora de boate. O IRA, porém, volta a recrutar seus serviços.

O diretor: o irlandês Neil Jordan nasceu em 1950 e começou sua carreira como escritor, tendo fundado, em 1974, a Cooperativa dos Escritores da Irlanda. Entrou para o mundo do cinema em 1981, quando foi conselheiro histórico de John Boorman em *Excalibur*. Boorman produziu, em associação com a Channel Four, sua estréia como diretor/roteirista, *Angel – Anjo da Vingança* (1982, disponível em vídeo). Vieram então *A Companhia dos Lobos* (1984) e *Mona Lisa* (1986). Foi convidado a trabalhar em Hollywood, onde dirigiu os malsucedidos *High Spirits* (1988) e a refilmagem de *Não Somos Anjos* (1989), obras completamente remontadas pelos produtores. Voltou à Irlanda em busca de liberdade de criação e dirigiu *À Procura do Destino* (1991).

Notas: a grande surpresa do Oscar referente ao ano de 1992; trata-se de uma obra independente, com conteúdo político e sexual pouco ortodoxos, que abocanhou seis indicações dos prêmios da Academia ■ O filme é exibido no mundo inteiro com um acordo de cavalheiros entre a imprensa e os distribuidores, que estão proibidos de revelar os segredos e reviravoltas da trama; o sigilo, porém, foi difícil de ser mantido ■ Stephen Rea é um conhecido ator e diretor de teatro, atuando tanto na Irlanda como na Inglaterra; ele protagonizou os dois primeiros filmes de Jordan e com este foi pela primeira vez indicado ao Oscar de melhor ator ■ Além de canções interpretadas por nomes como Percy Sledge, Lyle Lovett, Mungo Jerry e Cicero, a música-título aparece em três versões (por Kate Robbins, Dave Berry e Boy George) ■ Jaye Davidson, estreando no cinema, participa do filme graças a um convite casual que recebeu de Jordan durante uma festa.

Dalmas/Sipa Press

1963

O diretor francês (então casado com a atriz brasileira Vera Amado) Henri-Georges Clouzot discute com Alfred Hitchcock (que participou da competição com *Os Pássaros*) a arte cinematográfica sob olhares admiradores de Romy Schneider.

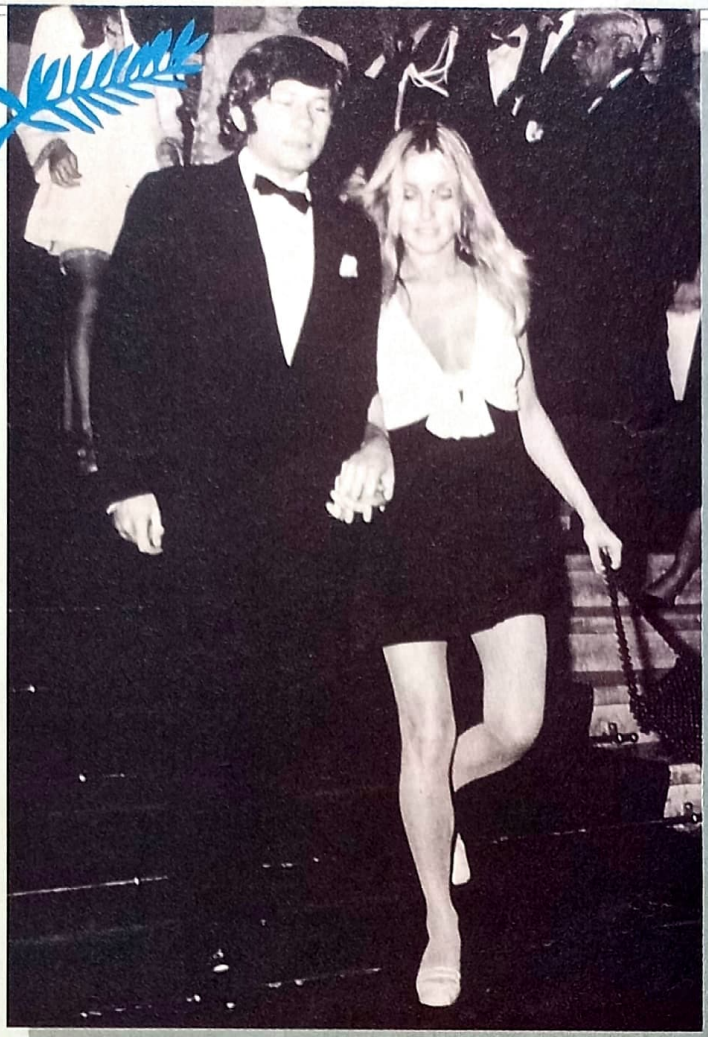
1964

Fritz Lang (na foto com Georges Boyer) é o presidente do júri do festival. Lang ofusca até mesmo Jayne Mansfield que curte dançar nas praias do balneário para delírio dos nativos. Neste ano, Catherine Deneuve encanta a platéia com sua beleza em *Os Guarda-chuvas do Amor*, que conquista a Palma de Ouro.

Stills

1965

A Croisett se enche de fãs para ver James Bond passar no ano em que a interpretação de Terence Stamp, em *O Colecionador*, recebe o prêmio máximo. Entre muitos flashs e autógrafos, Sean Connery rouba a cena e desfila seu charme de heróico defensor do mundo livre graças ao sucesso de *007 Contra a Chantagem Atômica*.



1968

As manifestações estudantis de "maio de 68" abalam as bases políticas do planeta e chegam a Cannes. Uma multidão de jovens toma a sala de projeção do Palais e o festival é interrompido. Roman Polanski (na foto acompanhado de Sharon Tate, esposa e estrela de *A Dança dos Vampiros*) protesta contra a violência policial e adere aos protestos. No ano seguinte, o Terceiro Mundo marca presença em Cannes. *O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro* ,de Glauber Rocha, recebe o prêmio de melhor direção, além de outros três fora da competição oficial.

Thevenin/Sipa

1972

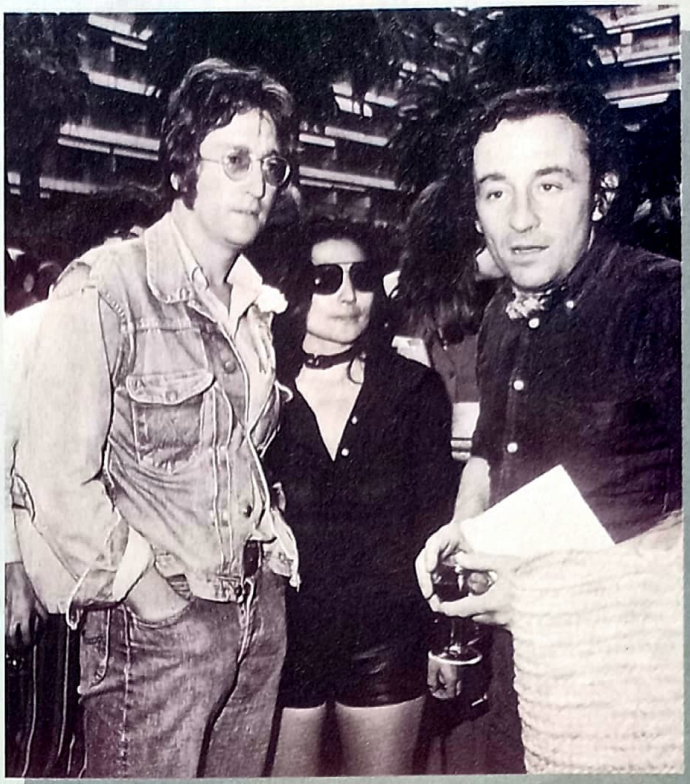
Cannes se rende ao marxismo. Groucho Marx, o mais genial dos Marx Brothers, desembarca na França. Sem aviso prévio, ele comparece à competição acompanhado de sua secretária e companheira inseparável.

1973

Apesar de não ter recebido nenhuma Palma, Jacqueline Bisset é a estrela da temporada. *A Noite Americana* (que concorre na competição oficial), premiado com o Oscar de filme estrangeiro, dá a ela a chance de realizar um sonho: trabalhar com François Truffaut.

Thevenin/Sipa

Fotos Stills

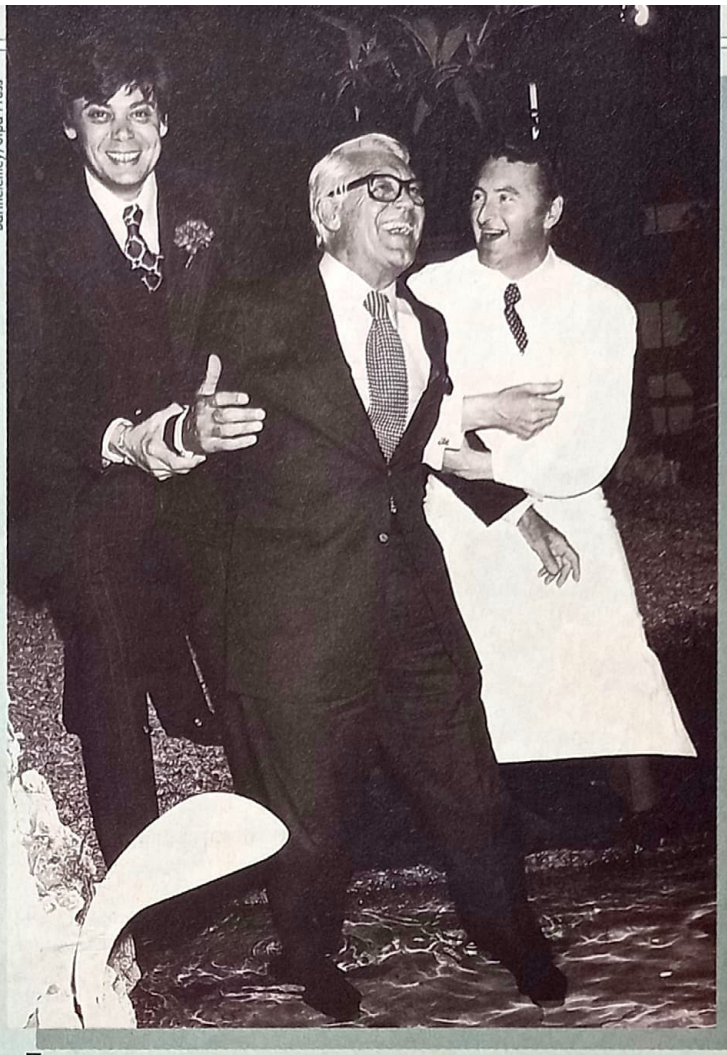


1971

John Lennon, Yoko Ono e Louis Malle engrossam as fileiras dos que prestigiam a consagração de Luchino Visconti. Seu *Morte em Veneza* leva o grande prêmio, e o diretor é homenageado pelo conjunto de sua obra.

1974

Jack Nicholson conquista o prêmio de melhor interpretação masculina com *A Última Missão*. Escrachado por natureza, o ator comemora sua conquista de roupão à beira da piscina. Enquanto as aspirantes a estrelas mostram os seios para se autopromover, Nicholson debocha dos reles mortais e esquece o smoking no armário.



Barthelemey/Sipa Press

1976

O Festival Internacional do Filme de Cannes comemora seu trigésimo aniversário. Tudo é motivo para festa e a cidade se enche de grandes estrelas, como Polanski e Isabelle Adjani (ao lado). Cary Grant (foto acima) não perde uma badalação e não reprime a euforia de um bom drink. Neste ano, a Quinzena dos Realizadores choca a platéia com a exibição de *O Império dos Sentidos*. Jodie Foster desponta para o estrelato como biscatinha teen no filme *Taxi Driver* (Palma de Ouro), de Scorsese.

Jeanneau/ Sipa Press

1979

Os paparazzi de plantão clicam uma cena familiar das mais fervorosas: três gerações de Douglas se encontram – Kirk, Michael e um dos netinhos prediletos do vovô.

Stills

1984

Sergio Leone (à esquerda) e Robert De Niro, diretor e ator de *Era Uma Vez na América*, são convidados pelos organizadores do festival para acompanhar a exibição do filme, que não está na mostra oficial. Neste ano, Cacá Diegues apresenta *Quilombo* que, mesmo tendo sido recebido com aplausos, não tem chances na disputa da Palma de Ouro.

Stills

1991

Cannes vira um prato cheio para o ego de Madonna. Alegria dos fotógrafos, a *popstar* americana faz mais sucesso com a sua presença do que com o documentário *Na Cama com Madonna*, dirigido por Alek Keshishian. No fim, o festival consagra com o prêmio máximo os irmãos Ethan e Joel Coen, autores de *Barton Fink*.

LFI

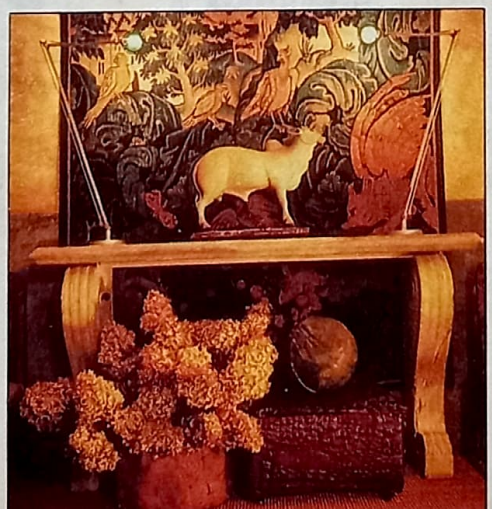
1992

O presidente do festival, Gérard Depardieu, confraterniza com a jurada Jamie Lee Curtis. O dinamarquês Bille August, com *As Melhores Intenções*, ganha a Palma de Ouro pela segunda vez – a primeira, em 1988 com *Pelle, o Conquistador*. O filme dá ainda à mulher do diretor, Pernilla August, o prêmio de melhor atriz. Johnny Depp (abaixo) estava lá só de férias, para a felicidade das fãs.

Reina

FREQÜENTE AS CASAS MAIS BELAS DO MUNDO SEM SAIR DA SUA.

Todo mês, a revista A&D faz um grand tour pelo maravilhoso universo do savoir-vivre. Visite os mais requintados ambientes e conheça as criações de gênios da arte de projetar e decorar. Saboreie novos estilos, de todas as épocas até os mais atuais e arrojados. A revista A&D mostra a estética dos anos 90 sob o ponto de vista de quem mais entende do assunto, no mundo todo.



PRT/SP-4368/93
UP-AC CENTRAL
DR/SÃO PAULO

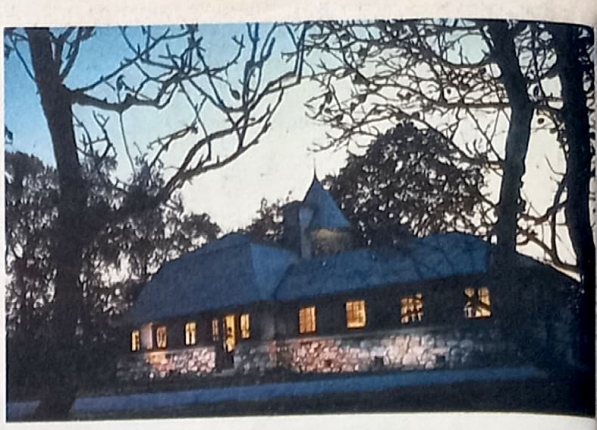
CARTÃO-RESPOSTA

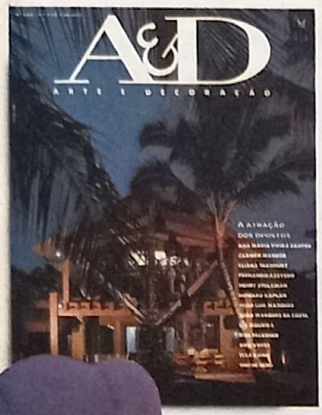
Não é necessário selar.

O selo será pago por

A.R.& T. Editores Ltda.

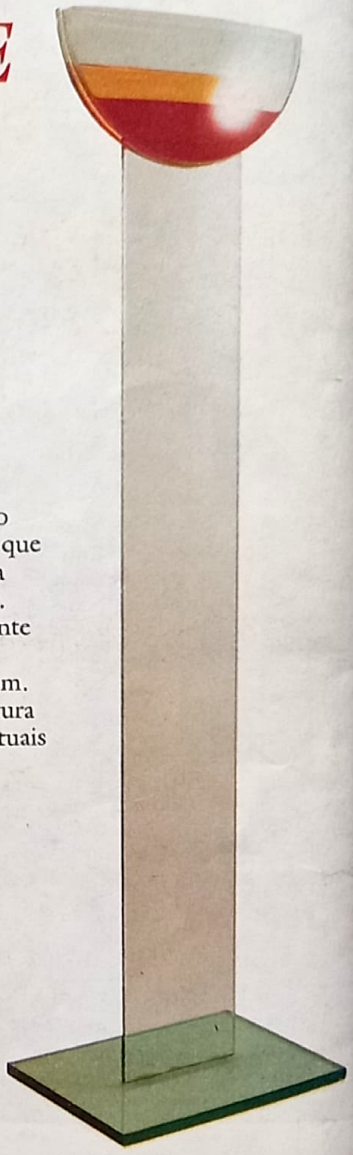
05999-999 - SÃO PAULO - SP





AGORA VOCÊ JÁ PODE ASSINAR A REVISTA A&D

G&K



A REVISTA DE QUEM CONHECE L'ART-DE-VIVRE.

Fotos lindíssimas. Textos inteligentes, charmosos e páginas repletas de arte, estética e sedução. Tudo isso faz da revista A&D a mais sofisticada em arquitetura e decoração do Brasil. Seu alto padrão de qualidade repercute internacionalmente. A revista A&D apresenta idéias e tendências. As mais apaixonantes e irresistíveis para encantar aqueles que fazem questão de morar com elegância, conforto e criatividade.

ASSINATURA ANUAL DA REVISTA A&D.

Finalmente as pessoas de bom gosto vão poder receber em casa a revista que prova, em cada página, que a beleza e a praticidade são sempre possíveis. Assinando a revista A&D você garante o recebimento de todas as edições, o ano inteiro, mesmo que se esgotem. E o preço que vai pagar pela assinatura é inalterável, independente de eventuais aumentos nos exemplares avulsos. Assine a revista A&D. Mais do que assinatura, a way of life.

ASSINE JÁ A REVISTA A&D

Preencha com seus dados pessoais e deposite este cupom em qualquer caixa ou agência dos Correios. Não é necessário selar.

SIM, quero receber mensalmente em meu endereço, durante um ano, a revista A&D, conforme opção de pagamento que indico abaixo:

A **B**

☐ Cobrança Bancária ( ) À vista: Cr$ 2.160.000,00 ( ) 3 x Cr$ 950.000,00

☐ Cartão de Crédito. Autorizo o débito de Cr$ 2.160.000,00 em meu cartão de crédito.
( ) Credicard ( ) Visa ( ) American Express ( ) Diners

Número do cartão: Validade: / (Mês Ano)

Nome:

Endereço:

Bairro: CEP:

Cidade: Estado:

CPF: Tel.:

Data: / / Assinatura

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA. OFERTA VÁLIDA PARA POSTAGEM ATÉ 15/06/93.

Se preferir, assine por telefone:

(011) 829.2599

A.R. & T. EDITORES LTDA.

ABAIXO VOCÊ ENCONTRA AS MELHORES REVENDAS DE VÍDEO.

CASH
HOME VÍDEO

FITAS NOVAS E USADAS
TUDO EM ACESSÓRIOS

ACEITAMOS PERMUTAS
DESPACHAMOS PARA TODO O BRASIL
CONFIRA NOSSAS PROMOÇÕES

Rua Jovita, 167 - 1º andar - Santana
CEP 02036 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 267-0060

CENTER
O Shopping das fitas novas e usadas

Não perca tempo e dinheiro,
vá direto onde há os melhores
lançamentos com os menores preços.
- A MORTE LHE CAI BEM
- A FORÇA EM ALERTA
- FÉ DEMAIS NÃO CHEIRA BEM
- GLADIATOR - O DESAFIO
- SOLDADO UNIVERSAL
- MULHER SOLTEIRA PROCURA...
- DUPLO IMPACTO

ABRA UMA
VÍDEO LOCADORA
PROJETOS DE ALTO PADRÃO

Assessoria completa desde a escolha do ponto, abertura de firma, projetos de arquitetura e decoração, instalação, informatização e a garantia total de quem realmente tem experiência. Consulte-nos!

Rua Tijuco Preto, 201
Tatuapé - CEP 03316 - SP
(Próx. Metrô Tatuapé)
Tel.: (011) 296-1715

FITAS NOVAS E USADAS

HAWAI
HOME VÍDEO

Av. Cruzeiro do Sul, 2282 - Sala 1/2 e 3
CEP 02030 - Carandiru - São Paulo - SP
(próximo ao Metrô Carandiru)
Tel.: (011) 290-4330
ABERTO TAMBÉM AOS SÁBADOS
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL

- Financiamos a partir de 30 a 120 dias
- Pagamentos com cheques semanais
- Aceitamos automóvel e telefone como forma de pagamento

Cannes
Home Video

O FESTIVAL DE FITAS NOVAS E USADAS

TUDO EM ACESSÓRIOS

OFERECEMOS VÁRIOS LANÇAMENTOS COM ÓTIMOS PREÇOS!

- A Morte Lhe Cai Bem
- Fé Demais Não Cheira Bem
- A Força Em Alerta
- Duplo Impacto
- 1492 A Conquista Do Paraíso

- Catálogos a partir de Cr$ 100.000,00
- Garantia total das fitas
- Melhor qualidade
- Ganhe estojos novos e usados

- **Cheques pré-datados sem juros**
- **Remetemos para todo o Brasil**

Av. Cruzeiro do Sul, 2752 - Salas 21/22
Santana - CEP 02030 - São Paulo - SP
(Entre Metrôs Carandiru e Santana)
Tel.: (011) 290-2788

PRA VOCÊ QUE ESTÁ MONTANDO OU JÁ TEM SUA LOCADORA!

- ***FITAS NOVAS E USADAS***
- ***ACESSÓRIOS***
- ***PREÇO, QUALIDADE E GARANTIA***

santana VIDEO

Av. General Ataliba Leonel,93 - Cj. 21
CEP 02033-000 -SP -SP
(Próximo ao Metrô Carandiru)
Tel.: (011) 267-5271

PATY'S
HOME VÍDEO

FITAS NOVAS E USADAS
ACESSÓRIOS EM GERAL
CONFIRA OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

- A Força Em Alerta
- A Morte Lhe Cai Bem
- E Outros

- ***PARA CADA FITA, GANHE UM ESTOJO***
- ***PAGAMENTO CONFORME SEU BOLSO***
- ***PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA***
- ***GARANTIA E QUALIDADE***

TEMOS FITAS EM PROMOÇÃO

Rua Dr. Zuquim, 358 - Santana
São Paulo - SP - CEP 02035-020
(Próximo ao Metrô Santana)
Tel.: (011) 298-1120
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL

ENTREVISTA • GEORGE ROMERO

MESTRE DA

Romero entre os mortos-vivos que lhe deram fama

DEMÊNCIA

Vinte e cinco anos depois de sua estréia com *A Noite dos Mortos Vivos*, o inventor do terror moderno fala de sua primeira adaptação de Stephen King, o recente *The Dark Half*, e de sua aversão pela badalada Hollywood

Look Video

George Romero é um daqueles diretores que literalmente "inventaram" um gênero, no caso o terror *gore*, ou sangue e tripas. É lógico que ele não foi o primeiro a dirigir um grande filme de horror, mas foi sem dúvida um pioneiro, que levou o "realismo fantástico" a níveis de violência chocantes.

Em *A Noite dos Mortos Vivos* (1968), Romero destruiu todos os clichês presentes no cinema de terror da década de 60, notadamente nos filmes da famosa produtora inglesa Hammer, marcados por cenas subjetivas, onde o suspense e a violência eram apenas sugeridos, nunca mostrados de forma explícita. Ao diabo com o terror limpo, envergonhado! *A Noite dos Mortos Vivos* não teve vergonha de mostrar corpos sendo devorados por zumbis, filhos matando pais, num clima de demência que assusta até hoje.

Mais interessante: o filme de Romero, diferente do cinema de ficção científica da década de 50, não "explicava" de onde vinham os zumbis. Eles simplesmente apareciam do nada, se multiplicavam sem nenhum cientista adivinhar a origem das criaturas. Romero criou o terror mais amedrontador de todos: aquele que não pode ser combatido, porque não se sabe de onde surgiu.

O diretor viria a fazer outros dois filmes de zumbis, *Zumbi – O Despertar dos Mortos* (1979) e *Dia dos Mortos* (1984), completando a mais famosa trilogia da história do cinema de horror. E dirigiu outros bons filmes, entre eles *O Exército do Extermínio* (1973), sobre uma praga que ataca uma cidade e *Cavaleiros de Aço* (1981), espécie de *Mad Max* com violência quintuplicada. Mais recentemente, fez *Comando Assassino* (1988), um dos melhores filmes de horror-zoológico feito nos últimos anos e *Dois Olhos Satânicos* (1991), dirigido em parceria com o diretor italiano e amigo Dario Argento.

O diretor acaba de lançar nos Estados Unidos o filme *The Dark Half*, adaptado de uma história autobiográfica de Stephen King sobre um escritor (Timothy Hutton) que é assombrado por um de seus personagens.

Romero, 52 anos, mora com sua mulher e duas filhas em Pittsburgh, cidade industrial do Estado da Pensilvânia (nordeste dos Estados Unidos), de onde só sai para passar os finais de semana com a família em uma casa na Flórida, de onde falou por telefone a SET.

Você já trabalhou em vários projetos relacionados a histórias de Stephen King, mas *The Dark Half* é o primeiro que dirigiu.

É verdade. Eu deveria ter dirigido *Salem's Lot* (*que acabou sendo feito por*

Tobe Hooper em 1979) e *O Cemitério Maldito* (*dirigido por Mary Lambert*). Dois outros projetos acabaram sendo feitos para a TV: *It* e *Stand*. Resolvi que já era hora de dirigir alguma história de King. Adoro o livro *The Dark Half*, então falei com meu agente, que entrou em contato com Stephen.

Qual foi a reação de Stephen King quando soube que você queria adaptar a história para as telas?

Ele adorou a idéia. Somos amigos há muitos anos, desde que Stephen me ligou para dizer que era um grande fã de *A Noite dos Mortos Vivos*.

Muitas histórias de Stephen King foram transformadas em filmes, nem sempre com resultados satisfatórios. Entre as adaptações das histórias de King, quais são suas preferidas?

Acho que *Salem's Lot*, *A Hora da Zona Morta*, de David Cronenberg, e *Cujo* são meus preferidos.

Você é conhecido como um cara recluso, que não gosta de badalação. É por isso que você continua morando em Pittsburgh?

Na verdade, moro em Pittsburgh e na Flórida. Gosto desses lugares porque são bem calmos. Não tenho mais saco para festas e badalações de Hollywood e para os almoços no Spago's (*famoso restaurante hollywoodiano, ponto de encontro das estrelas*). Prefiro ficar em casa com a família. Só gosto de sair daqui para convenções de terror, onde posso encontrar os fãs.

É verdade que você teve de mudar o final de *Comando Assassino* por pressão da produtora?

Sim. O estúdio achou que o final era muito depressivo. Eles fizeram sessões de testes do filme e o público odiou o final (*o filme conta a história de um atleta que fica paraplégico e que é incluído num inovador programa de assistência a deficientes físicos, onde os pacientes são auxiliados por um macaco. O símio escolhido, porém, sofreu mutações genéticas por causa de um experimento químico e acaba se tornando violento*). No meu final, o atleta continuava paraplégico e o filme terminava mostrando novas experiências, que iriam gerar mais macacos assassinos. O estúdio me obrigou a fazer um final onde o macaco morre e o atleta subitamente se recupera e volta a andar.

Houve algum problema como esse em *The Dark Half*?

É até irônico. A produtora, a Orion, estava tão quebrada que nem sessão de teste estava fazendo mais. Acho que foi por isso que acabei me livrando.

Existe algum outro filme na sua carreira que teve de ser mudado por problemas com as produtoras?

Sim, *Dia dos Mortos*. O roteiro original era de um filme épico, com muitos extras, mas o orçamento foi diminuído e eu tive que economizar muito nos gastos.

Entre as recentes produções, alguma te impressionou?

Transvideo

Dois bons exemplos da escatologia demente da cabeça do diretor: *Exército do Extermínio* (1973), acima, e *Dia dos Mortos* (1984)

Look Video

"Tudo o que fiz foi copiar o estilo dos quadrinhos de horror e acelerar o ritmo da narrativa"

Gostei de *Os Imperdoáveis* e *Traídos pelo Desejo*.

E no gênero terror?

Acho *Candyman* um bom filme. Também gostei muito de *Army of Darkness*. Para mim, Sam Raimi é um cara muito sincero, que realmente tem uma afeição muito grande pelo cinema de horror.

***A Noite dos Mortos Vivos* é considerado inovador. Você concorda?**

Quando o fiz em 1968, o estilo dos filmes de horror já estava começando a mudar. Já haviam vários filmes muito bons, como *A Tortura do Medo* (*filme inglês de 1960 dirigido por Michael Powell, que na TV brasileira recebeu o título de* Mórbida Curiosidade). Os diretores anteriores à minha geração não aproveitaram todo o potencial que o gênero oferecia. Tudo o que fiz em *A Noite dos Mortos Vivos* foi copiar o estilo dos quadrinhos de horror e acelerar um pouco o ritmo da narrativa.

Muitos consideram a sua trilogia sobre zumbis como uma metáfora da sociedade americana.

Os críticos exageram um pouco, mas obviamente em meus filmes existe a sátira social. Procuro criticar as pessoas e o modo como elas se comportam. Em *A Noite dos Mortos Vivos* o herói é um ator negro, e muitas pessoas acharam que isso foi uma forma de protesto contra o racismo americano. Em uma óbvia alusão à sociedade de consumo, coloquei zumbis atacando pessoas dentro de um shopping center, em *Zumbi – O Despertar dos Mortos*.

Quais são suas influências cinematográficas?

Me lembro da primeira vez em que fui ao cinema sozinho. Deveria ter uns oito anos. Fui assistir a uma sessão dupla de *Frankenstein*, com Boris Karloff, e *Dracula*, com Bela Lugosi. Aquilo me marcou. Outro filme que adorei foi *A Coisa*. O remake que John Carpenter dirigiu é muito bom, mas o original é espetacular. Saindo do gênero terror, gosto muito dos filmes shakespearianos dirigidos por Orson Welles.

Muito se tem falado sobre a violência dos filmes infantis. *Esqueceram de Mim* –

Perdido em Nova York foi criticado por causa das cenas violentas. O que você acha disso?

Não vejo motivo para preocupação. *Esqueceram de Mim* não é nada mais do que uma comédia pastelão, tipo Buster Keaton, adaptada para os anos 90. Me preocupo sim é com filmes que mostram a violência como solução para os problemas.

Hoje é raro ver um diretor novo especializado no gênero terror. Ou se tem exemplos como o de John McNaughton, que fez dois filmes de horror (_Henry – Retrato de um Assassino_ e _The Borrower_) e depois passou para a comédia (_Uma Mulher para Dois_), ou de diretores que atiram em todas as direções, como Joel Schumacher, que fez _O Primeiro Ano do Resto de Nossas Vidas_ e depois flertou com o suspense em _Flatliners – Linha Mortal_.

O problema é que hoje o dinheiro fala mais alto. O estúdio vai escolher o diretor independente da experiência dele no gênero. Nem acho que *Flatliners* seja um filme ruim, talvez um "limpo" demais. O que os estúdios nunca entenderão é que não se consegue enganar os fãs de terror. Eles sabem distinguir entre um diretor que é fã do gênero e outro que está lá só por conveniência.

André Barcinski,
de Los Angeles

SET

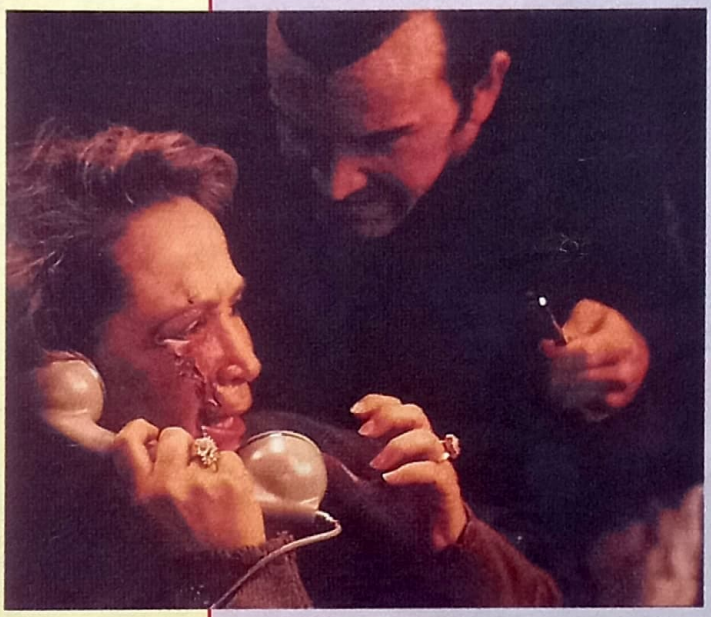
THE DARK HALF

Falta Sangue

A última empreitada de Romero nas telas não faz juz ao seu padrão de qualidade e pode decepcionar aos fãs de King

Stephen King é um autor difícil de se adaptar para as telas. Não que suas histórias sejam muito intrincadas, mas o estilo detalhista de sua narrativa torna a vida do cineasta um pesadelo. Os leitores fiéis de King sabem como ele é capaz de gastar dezenas e dezenas de linhas descrevendo um pequeno objeto, comentando um gesto, adornando sua história com pequenos detalhes, impossíveis de serem transpostos para a tela com o mesmo tom dramático.

Somente Stanley Kubrick em *O Iluminado*, Brian De Palma em *Carrie, a Estranha* e Rob Rainer em *Louca Obsessão* conseguiram levar para as telas o clima claustrofóbico do horror de Stephen King. Outros filmes chegam perto: *Salem's Lot* (1979) e *Corretores do Amor* (1982) não são de se jogar fora. O resto é bomba: *A Hora da Zona Morta*, *Christine, o Carro Assassino*, *A Colheita Maldita* e *O Cemitério Maldito*, tudo terror de quinta categoria (os filmes, é claro).



Duas cenas do novíssimo Romero.

Esse *The Dark Half* de George Romero está longe de ser um clássico, mas também não é nenhum lixo. O diretor fez uma meia-bomba, que seria até considerado bom se tivesse sido dirigido por um cara qualquer, mas que está bem abaixo do padrão Romero de qualidade. O filme conta a história de Thad Beaumont (o ótimo Timothy Hutton, de *Gente como a Gente*), um escritor que durante anos escreveu livros medíocres mas de sucesso, sob o pseudônimo de George Stark. Beaumont acaba chantageado por um espertalhão, que descobriu a dupla identidade do autor. O escritor decide então revelar o seu segredo para a imprensa.

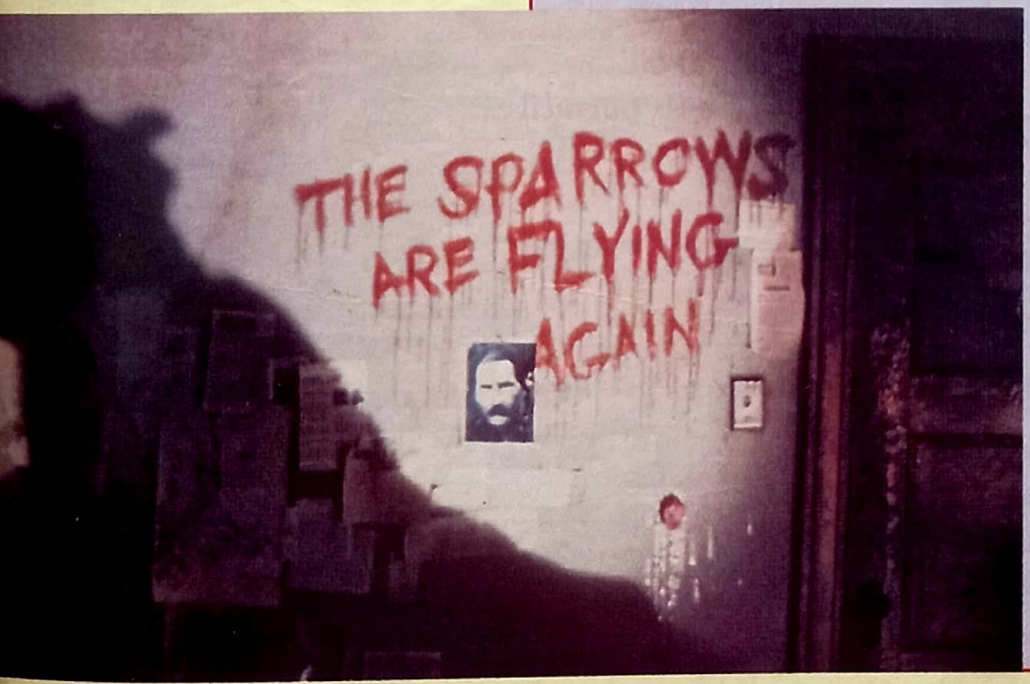
A história é, na verdade, autobiografada. Entre 1977 e 1984, Stephen King publicou cinco romances sob o nome de Richard Bachman, até que um fã descobriu seu segredo e ele foi obrigado a "matar" sua cara-metade, de "câncer do pseudônimo", como declarou.

Voltando a *The Dark Half*: sem saída, Beaumont vai à imprensa e declara George Stark oficialmente morto. Mas é lógico que as coisas não iam ficar assim. Stark vem do Além, na forma de um clone de Hutton, e começa a matança.

E carnificina é com Romero: ele sabe como poucos dirigir cenas de ação, criar um clima assustador, decorar o destino certo dos personagens (a morte, óbvio) com requintes de crueldade. As cenas em que George Stark acerta a conta com suas vítimas valem a grana do ingresso.

O resto do filme é bem banal e previsível. Tudo em *The Dark Half* é certinho, bem feito, limpo até. Acontece que Romero é mestre em outro tipo de filme: o escatológico, o bestial, filmes sem tramas, tipo *A Noite dos Mortos Vivos* e *Zumbi – O Despertar dos Mortos*. E mesmo na linha "terror clean", o cara já fez coisas melhores, como *Comando Assassino*.

A.B.



IMPORTE PELO CORRE

INTERNATIONAL POSTAL SHOPPING

FÁCIL, CÔMODO E SEGURO.

1

Se você acha que comprar produtos importados é caro e complicado é porque você não conhece a International Postal Shopping.

Com os melhores preços do mercado, a International Postal Shopping traz até você produtos importados de diversas partes do mundo através dos Correios, garantindo rapidez e segurança.

Os preços deste anúncio são finais e já incluem as taxas de transporte, seguro, impostos e a tarifa do correio que vai levar a mercadoria até sua casa. Voçê pode usar cartão de crédito internacional* ou depósito em conta corrente identificada.

A lei garante: qualquer pessoa pode importar os produtos que precisa para sua casa ou escritório. Ligue já para nossa Central de Atendimento (011) 448-5000 e faça sua encomenda.

Nossos funcionários estão à sua disposição para dar mais informações sobre estes produtos, orientar na escolha, encaminhar seu pedido e fazer chegar até sua casa a mercadoria que você sempre quis ter. É fácil, rápido e seguro, ligue já.

* Trabalhamos com todos os cartões de crédito internacionais.

Agenda Eletrônica Casio

Ajuda a organizar seus horários e compromissos. 32 Kb de memória (cerca de 1.370 nomes), horário mundial e alarme. Pode ser conectada a computador através da interface FA-150 (opcional).

Cod. M0045 ST
Agenda Eletrônica Casio SF4300
US$ 76 (preço total)

3

Som portátil MCE

Um dos melhores aparelhos do mundo para você levar aonde quiser, com AM e FM estéreo, duplo deck, microfone embutido, saída para fone de ouvido e duas velocidades de gravação. Funciona em tomada 110/220V ou com 6 pilhas grandes.

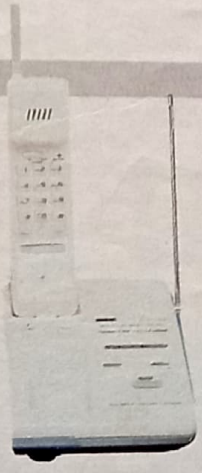
Cod. M2600 ST
Som MCE848 portátil
US$ 87 (preço total)

5

Telefone sem fio

Bonito, prático e moderno, este telefone da MCE faz rediscagem automática do último número.

Cod. MO 744 ST
Telefone
MCE7703 sem fio
US$ 64 (preço total)



7

IO SEM SAIR DE CASA

2

Ironman Triathlon

O relógio que combina com qualquer esporte. O mais vendido em todo o mundo. Cronômetro, alarme, memória de 8 laps, é à prova d'água (100 metros) e vem com pulseira de aço super esportiva!

Cod. MO609 ST
Relógio Ironman Triathlon
US$ 50 (preço total)

1 **Mini forno Black & Decker TRO200**
Assa, tosta e descongela alimentos.
Cod. MO265 ST US$ 69 (preço total)

2 **Relógio Michele - 72-006-G/3**
Feminino, pulseira dourada e aros cambiáveis nas cores verde, vermelho, branco, preto, azul turquesa, azul claro e rosa. 7 relógios em um.
Cod. M2601 ST US$ 46 (preço total)

3 **Depilador Panasonic ES179WK e ES179DK**
Sistema de lâminas triplas, sem fio, com bateria recarregável. Funciona em qualquer voltagem. Acompanha maleta.
Branco - **Cod. M0015 ST US$ 109(preço total)**
Azul - **Cod. M0016 ST US$ 109(preço total)**

4 **Secador de cabelo Sunbeam 1626-2**
Secador de parede, 1200W, com 3 temperaturas.
Cod. M0081 ST US$ 53 (preço total)

5 **Picador de temperos Black & Decker HC2000**
Multiprocesador portátil, faz maionese, pica temperos, nozes e outros alimentos.
Cod. M0585 ST US$ 43 (preço total)

6 **Televisão Akio 5" PT-5700**
Colorida, PAL-M, AM/FM, 110/220V ou bateria 12V.
Cod. M0603 ST US$ 315 (preço total)

7 **Sanduicheira Maxim SM20**
Para dois sanduiches, anti-aderente com termostato, corta cada sanduiche em duas partes.
Cod. M0274 ST US$ 44 (preço total)

4

International POSTAL SHOPPING

GRÁTIS

Na encomenda de qualquer produto anunciado, você vai receber em sua casa nosso exclusivo catálogo com centenas de produtos importados. Se preferir encomendar o catálogo (no valor de US$ 5), é só ligar.

6

Secretária Eletrônica Conair

Para quem quer praticidade e comodidade. Gravação ativada por voz e contador de mensagens. Você não vai mais ficar sem receber recados! E ainda tem telefone acoplado!

Cod. MO419 ST
Secretária Eletrônica Conair modelo 3000
US$ 74 (preço total)

FAÇA O SEU PEDIDO, LIGUE JÁ

Central de Atendimento

(011) 822-7688

INTERNATIONAL POSTAL SHOPPING
R. Funchal, 203 - 11º andar
Vila Olímpia 04551-060
São Paulo - SP - Fax: (011) 828-0442

RAPIDEZ E SEGURANÇA CORREIOS

UM MUNDO FASCINANTE !

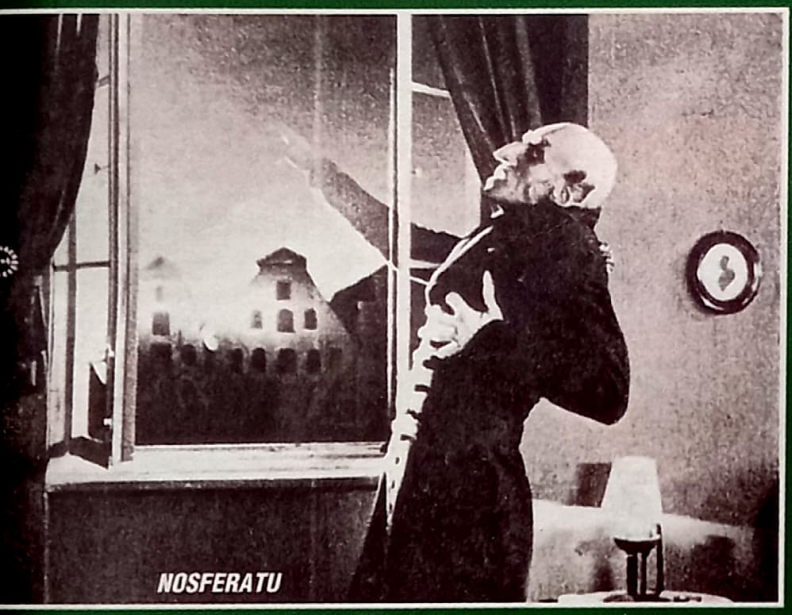
EDITORA AZUL

NAS BANCAS

KING KONG

A FORÇA EM ALERTA

Grandes clássicos da história do cinema chegam às locadoras: as versões originais de *Nosferatu* e *King Kong*, além de *Interlúdio* de Hitchcock. Também merece destaque o lançamento antes do cinema da mais recente comédia de Steve Martin: *Fé Demais não Cheira Bem*


NOSFERATU

COTAÇÕES

★ RUIM
★★ REGULAR
★★★ BOM
★★★★ ÓTIMO
★★★★★ OBRA-PRIMA

THE COMMITMENTS

AMOR E SEDUÇÃO

NOSFERATU★★★★★

(Alemanha, 1922) Direção: F.W. Murnau. Com Max Schreck, Alexander Granach, Greta Schroeder. Continental.

Foi trabalho de um alemão fazer o primeiro filme importante baseado no *Drácula*, lançado por Bram Stoker em 1897. E se trata de uma pirataria: a viúva do escritor bem que tentou evitar sua divulgação quando da estréia em salas britânicas, em 1925. Teria sido uma pena se tivesse conseguido. O roteiro, assinado por Henrik Galeen, se mantém reverente à narrativa original, conservando os personagens básicos mas transpondo a ação de Londres para Bremen, e da Transilvânia para "algum lugar" dos Cárpatos.

O texto enxuto de Galeen deu espaço para Murnau criar uma das mais fortes figuras de vampiro realizadas no cinema. O conde Orlock não tem nada do glamour do Drácula de Bela Lugosi, Christopher Lee ou Gary Oldman. O filme passa ao largo da sensualidade que movimenta a trama no livro e procura uma visão trágica do vampiro, um cadáver ambulante, de gestos duros e caricatos. Orlock é um marco visual do expressionismo germânico. Sua pose mais característica, com os braços juntos ao corpo e as mãos encurvadas, é de uma estilização que tende ao abstrato.

Murnau também antecipou alguns dos futuros adaptadores de *Drácula* ao criar uma das melhores ambientações para indicar o espalhar invisível da maldição do vampiro: animais que fogem, o castelo vazio, Ellen (que corresponde a Mina do romance de Stoker) pressentindo a chegada de Orlock, enquanto observa o mar em um cemitério; cenas que instalam uma atmosfera pesada, de pestilência, que os ratos que acompanham o conde tratam de concretizar ao se proliferar pela cidade.

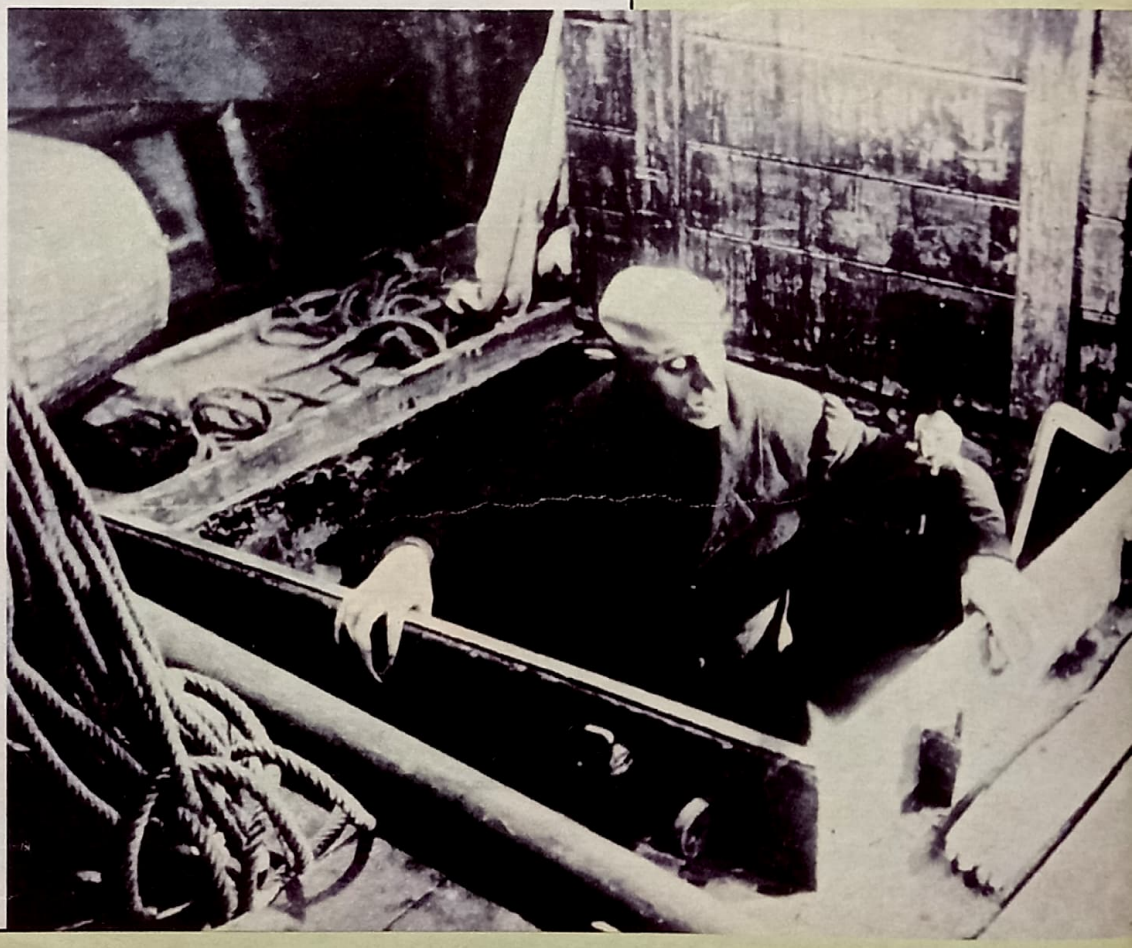
A intenção de Murnau e Galeen em tirar o conteúdo sexual da ação do vampiro deu motivo para parte da crítica enxergar em *Nosferatu* uma alegoria política, em que o conde, a nobreza decadente, viria de seu refúgio para a cidade, usando de seu poder econômico para atrair a cobiça dos burgueses que se tornariam seu alimento. Se houve esse propósito, não há como saber, já que o próprio Murnau sempre foi esquivo a respeito dessa obra. Tanto que se espalharam lendas ao redor do filme, coisa realmente própria para vampiros. A principal delas diz que o ator que faz Orlock na maioria das cenas não é Max Schreck (que era um dos mais requisitados na época, na Alemanha), mas sim um roteirista e grande amigo do diretor, Hans Ramo. Um motivo a mais para se prestar atenção às cenas.

Nosferatu é programa obrigatório para quem se interessa não só por vampiros, mas por quem quer saber mais sobre o que quer dizer "gótico". Ainda assim, a versão brasileira comete um exagero nesse sentido: colocaram uma incômoda trilha sonora de órgão (*Nosferatu* é um filme mudo). Pelo menos nesse caso, tirar o volume da TV não é prejuízo.

Marcos Smirkoff

"O diretor F.W. Murnau parece fazer os personagens pular da tela até você. Max Schreck é o vampiro mais assustador do cinema", *Video Movie Guide*.

Max Schreck foi um dos primeiros a interpretar no cinema o vampiro criado por Bram Stoker e sua caracterização do personagem é uma das mais poderosas até hoje



Fotos Continental

KING KONG★★★★★

(EUA, 1933) Direção: Merian C. Cooper e Ernest B. Shoedsack. Com Fay Wray, Robert Armstrong, Bruce Cabot. Continental.

Para a lendária e ranzinza crítica americana Pauline Kael, esse é um dos mais poderosos filmes de aventura já produzidos em Hollywood. A sofisticada e inconoclasta revista *New Yorker* o considera "a trajetória de um desajustado". No caso, Kong, um macaco gigante, que depois de ser descoberto por uma equipe cinematográfica é preso e levado para a civilização. O personagem obriga a quem assiste a permanecer sempre indeciso: temer ou sentir pena do monstro? Na verdade, se existe algo para ser incluído na categoria de "mítico", talvez nada melhor do que *King Kong*.

O filme já serviu para todo o tipo de tese – do porquê da tensão sexual entre a mulher e o macaco até considerações sobre como a cidade moderna pode destruir um ser "selvagem" e inocente, ou qualquer outra metáfora possível. Mas o que ainda não parece gasta é a idéia de que, depois de 60 anos de sua estréia, ele mantém a mesma força de quando inaugurou a fase em que Hollywood começou a descobrir as possibilidades das trucagens e efeitos visuais. Pela primeira vez os atores se tornaram coadjuvantes de uma história – mais ou menos como Spielberg voltaria a fazer na década de 70 com *Tubarão*, em uma demonstração das imensas possibilidades do cinema de entretenimento.

Olhando a maioria dos filmes produzidos nos últimos anos, fica muito claro porquê essa "descoberta" ainda encanta os cinéfilos. Até mesmo uma refilmagem foi tentada em 1976, mas apesar dos efeitos mais modernos, qualquer comparação seria quase um crime. Voltando a Kael: "o primeiro *Kong* é um clássico inimitável. Um filme que, em uma única palavra, poderia ser definido como colossal". Um adjetivo perfeito para *King Kong*. Em todos os sentidos.

Marcelo Rezende

"Clássica versão do tema 'a bela e a fera', com os efeitos especiais e animação do gorila, de Willis O'Brien, até hoje não superados", *Leonard Maltin's TV Movie and Video Guide*.

O macaco criado por Willis O'Brien e os efeitos especiais que ele fez para King Kong são um marco no cinema mundial

NO SILÊNCIO DO ESPAÇO★

(Dead Space Biohazard, EUA, 1990) Direção: Fred Gallo. Com Marc Singer, Laura Tate, Judith Chapman. LK-Tel/Vídeo.

Tédio puro: mais um plágio paupérrimo de *Alien – o 8º Passageiro*. Justiceiro espacial e seu andróide respondem à chamada de emergência de um planeta e encontram um laboratório sitiado pela ameaça bacteriológica que os próprios cientistas criaram. As mortes são iguais às do primeiro *Alien* e é fácil prever quem sobreviverá, e com quem. De resto, os músculos de Singer (que já foi o Senhor das Feras numa série B) e alguma nudez. Nem a curta duração (72 minutos) consegue evitar a catatonia geral.

Christian Petermann

TRÁGICA SEMANA DE CALOUROS★

(Rush Week, EUA, 1989) Direção: Bob Bralver. Com Dean Hamilton, Pamela Ludwig, Courtney Gebhart. Sunset.

Pouquíssimo sangue e sustos escassos nesse fraco terror permeado de citações a clássicos do gênero. A história começa com uma semana de trotes e competições para atrair os calouros que estão chegando ao campus de uma universidade. Uma repórter é designada para cobrir estes eventos e depara-se com um misterioso grupo de baderneiros. Enquanto isso, um psicopata encapuzado trucida moças a machadadas. Ela resolve investigar os crimes e cai na mira do assassino. Se ninguém avisou a pobre repórter, o mesmo não vale para você: fuja deste filme.

Attilio Leone

AMOR E SEDUÇÃO★★★★★

(Ju Dou, China, 1989) Direção: Zhang Yimou. Com Gong Li, Li Wei, Li Bao-Tian. Top Tape.

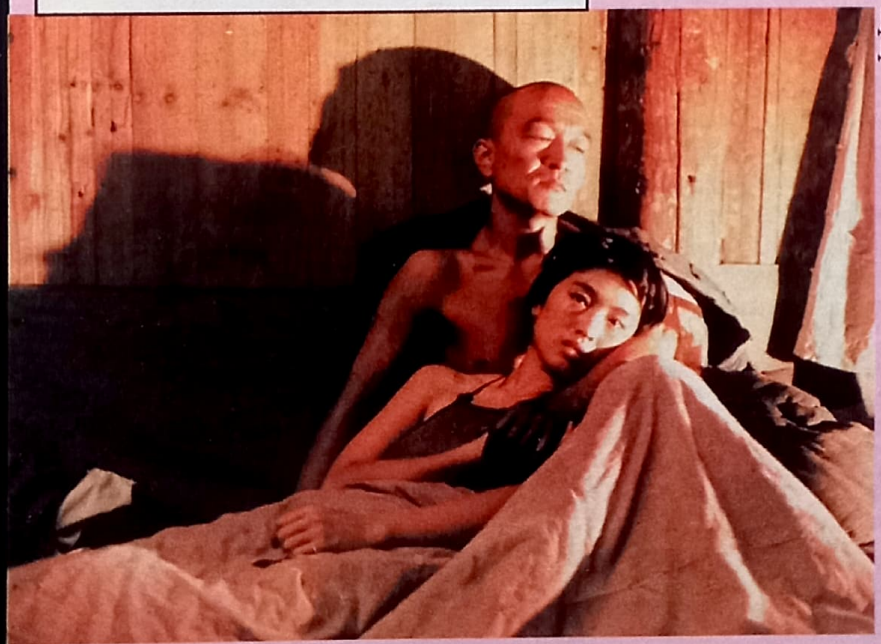
Confirmação absoluta de Zhang Yimou como um dos grandes cineastas do momento. Rodado dois anos antes de *Lanternas Vermelhas*, o filme (que foi banido na China) tem como atriz principal a mesma Gong Li de *Lanternas*. Ela é Ju Dou, a jovem esposa de um tirânico tintureiro nos anos 20. Aos poucos, a mulher seduz o sobrinho e empregado do marido para que se torne seu amante e aliado contra o opressor comum.

A história se desenrola como um romance perverso, típico do escritor americano James Cain (*O Destino Bate à Sua Porta*), misturando sexo, ganância e violência psicológica com equilíbrio e inteligência. Embora a temática seja aparentemente "ocidental", nada no filme se desenvolve como se está acostumado a ver. Pouco preocupado em criar reviravoltas na trama, Yimou segue um caminho próprio, mais natural, e por isso mesmo imprevisível.

Como em *Lanternas Vermelhas,* o diretor concentra a ação em um único local, a tinturaria. Obtém assim um drama mais intenso e ao mesmo tempo um visual deslumbrante, usando como cenografia rolos de pano e tanques enterrados no chão. Generoso em idéias mas econômico ao expô-las, este trabalho de Yimou é indispensável para quem leva o cinema a sério.

Roberto Rios

"Amor e Sedução foi o filme chinês mais aclamado em anos, talvez em todos os tempos – a história de uma paixão adúltera maravilhosamente fotografada por Zhang Yimou", *Newsweek.*



Top Tape

Li Bao-Tian e Gong Li vivem uma paixão proibida em *Amor e Sedução*

KAFKA★

(Kafka, EUA, 1992) Direção: Steven Soderbergh. Com Jeremy Irons, Theresa Russell, Joel Grey. Condor.

Depois de *sexo, mentiras e videoteipe*, todo mundo esperava bastante de Soderbergh, que vinha com este ambicioso projeto de revisitar livros de Kafka. O resultado deu razão aos seus maiores críticos. Jeremy Irons não encontra o tom certo (apesar de ser excelente) e o roteiro é apenas um empastelado de *A Metamorfose* e *O Castelo.* Não chega nem aos pés de *O Terceiro Homem* (de Carol Reed, 1949), que parece ser o avô deste filme. A única coisa boa é a fotografia expressionista, toda em preto-e-branco, registrando em tons misteriosos a cidade de Praga. Foi feita por Walt Lloyd, que diz ter se inspirado no fotógrafo russo Alexander Rodchenko.

M.St.

MISSISSIPI MASALA★★★

(Mississipi Masala, EUA, 1991) Direção: Mira Nair. Com Denzel Washington. VTI.

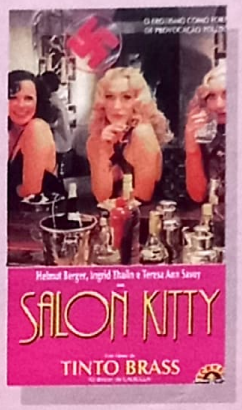
Quando um diretor não-americano se destaca muito com algum filme pelo mundo afora, Hollywood faz de tudo para levá-lo para a América. Foi o que aconteceu com a indiana Mira Nair: em 1988 seu filme *Salaam Bombay* estourou no mundo inteiro, colocando-a no rol das grandes promessas para os próximos anos. Mira foi para Hollywood e mesmo assim não deixou de lado a crítica social que marcou seu primeiro filme. Porém, esta história de uma imigrante indiana que se apaixona por um negro americano não tem tanta força quanto poderia se esperar da estréia americana de Mira.

Fabiano Liporoni

ROMUALD E JULIETTE★★★

(Romuald et Juliette, França, 1989) Direção: Coline Serreau. Com Daniel Auteil, Firmine Richard. VTI.

Coline Serreau consegue ser mais inteligente do que em *Três Homens e um Bebê* (o original, de 1985), ainda que menos eficiente na fluência da trama. Ela imaginou um Romeu branco, executivo francês e



SALÃO KITTY★★★

(Salon Kitty, Itália, 1976) Direção: Tinto Brass. Com Helmut Berger, Ingrid Thulin. Screen Life.

Perversão, decadência e mau gosto. Sexo, diversões baratas, perversão, decadência, sexo e mau gosto. Ah! Os anos 70... agora, vinte anos depois, eles voltam como "moda", mais um motivo para ver ou rever *Salão Kitty*. Em seu filme anterior à *Calígula*, Tinto Brass abortou uma espécie de "ovelha negra" na onda de cinema semi-pornô, semi-erótico, softcore difuso que tomou a Europa na década de *Embalos de Sábado à Noite* e *Garganta Profunda*.

Seria ousado demais chamá-lo de "clássico". Obviamente, obras-primas como *Cabaret* (Bob Fosse), *O Porteiro da Noite* (Liliana Cavani) e *Os Deuses Malditos* (Visconti) foram muito mais influentes e profundos na exploração de todas as associações psiquícas entre nazismo e sado-masoquismo – como se vê, um assunto tão político quanto sexual no cinema dos anos 70. Nesse sentido, talvez a obra-prima de Tinto Brass seja mesmo o vilipendiado *Calígula*. Mas *Salão Kitty* não deixa de ter o seu charme, às vezes cruel e brutal, outras irônico e esteticista, e um apelo *kinky* descarado (Deus sabe o que impediu este filme de ser lançado aqui com um título do tipo "As Soldadas Eróticas da S.S."!).

Helmut Berger – que já se travestira de Marlene, Anjo Azul nos *Deuses Malditos* – é Valenberger, o oficial nazista incumbido de fazer uma limpeza ética no bordel mais chique, sofisticado e "bem"-freqüentado de Berlim: o salão da cafetina-*chanteuse* Kitty. Ele mesmo, depois de deportar todas as estrangeiras que trabalham no local, cuidará pessoalmente da seleção de arianas fiéis à ideologia nazi. Entra mais uma vez em cena o erotismo sado-masoquista que vê no nazismo o teatrinho ideal para a ritualização do poder absoluto em seus jogos de dominação e submissão. Mas há ainda espaço para intrigas e baixezas políticas, e até uma história de amor.

Sobre este lançamento brasileiro, não se pode elogiar uma edição que traduz "Nacional-Socialismo" como "Socialismo Nacional" e "I want to fuck!" como "Eu quero fazer amor". Dos males o menor: desde sua exibição, no circuito de espeluncas especializadas em pornografia e kung fu, há mais de quinze anos, o filme nunca havia sido reprisado.

José Augusto Lemos

1492 – A CONQUISTA DO PARAÍSO★★★

(1492 – Conquest of Paradise, EUA, 1992) Direção: Ridley Scott. Com Gérard Depardieu, Sigourney Weaver, Armand Assante. Vídeo Arte.

Para a maioria das pessoas, Cristóvão Colombo é apenas mais um nome decorado em alguma parte da infância: o homem que, por acidente, acabou descobrindo a América. Para o diretor Ridley Scott, Colombo é uma espécie de herói trágico. Alguém que sente um impulso incontrolável em fazer "parte da história", realizando algo grandioso e cumprindo todo o "ritual" do herói. Ou seja, a passagem do sucesso à decadência.

Com um orçamento de mais de 45 milhões de dólares (uma das mais caras produções "independentes" do cinema), *1492* chegou como parte das comemorações dos 500 anos do descobrimento da América, com a fama de ser apenas mais uma produção oportunista ligada aos festejos. Mas, ao contrário do que se pensa, *1492* conta da melhor forma possível a história de Colombo (Depardieu está perfeito no papel), um personagem quase desconhecido, encoberto muito mais por lendas do que por fatos. Um Ridley Scott dos melhores.

M.R.

1492 arrecadou em 45 semanas pouco mais de U$ 7 milhões nos EUA. "A fotografia é impressionante, incluindo alguns dos maiores e mais antigos lugares e catedrais da Espanha", *The New York Times.*

Vídeo Arte

Gérard Depardieu tem uma grande atuação no 1492 de Ridley Scott

uma Julieta negra, faxineira, moradora da periferia de Paris. Além disso, ele (Daniel Auteil) é casado e ela (Firmine Richard) tem uma penca de filhos. A mulher pobre acaba ajudando o yuppie a vencer um boicote na empresa. Isso dá impulso a um romance, em que Romuald aprende que seus valores, afinal, não valem nada diante da paixão. Pena que Coline tenha prolongado demais as cenas sobre o boicote. Mas o resto do filme não é desprezível e mistura paixão com um incômodo tapa na cara do racismo.

C.G.L.

ORQUÍDEA SELVAGEM 2★★

(Wild Orquid 2, EUA, 1991) Direção: Zalman King. Com Nina Siemasko, Bret Fraser. Abril Vídeo.

Zalman King gosta mesmo de fotografar ninfetas. Flagrou a nudez de Carrie Otis em *Orquídea Selvagem,* a safadeza de Sherilyn Fenn em *Um Toque de Sedução* e agora entra embaixo da saia de Nina Siemasko. Ela é a mocinha angelical que precisa se prostituir para ajudar o pai, um trompetista fracassado, a se curar da tuberculose. Quando o velho morre, ela descobra que é mais fácil entrar nesta vida que sairdela. Um bonitão (Bret Fraser), fazendo o estilo James Dean, é a única esperanca de uma vida digna para a garota. Mas a questão é: o que é uma vida digna para Zalman King?

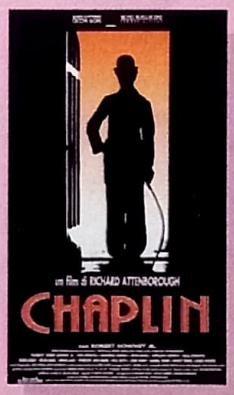
Hamilton Rosa Jr.

GRAND CANYON★★★

(Grand Canyon, EUA, 1991) Direção: Lawrence Kasdan. Com Kevin Kline, Danny Glover. Abril Vídeo.

Lawrence Kasdan revelou sua fluência retomando gêneros clássicos como o policial noir (*Corpos Ardentes*) ou o western (*Silverado*). Mas provavelmente sua contribuição mais pessoal está no simpático *Grand Canyon.* Espécie de herdeiro de *O Reencontro,* a trama de Grand Canyon começa com um episódio banal mas peculiarmente assustador. Um advogado (Kline), passando por um bairro barra-pesada de Los Angeles, sofre uma pane em seu carro, e é intimidado por uma gangue negra. É salvo pelo motorista Danny Glover, que vem rebocá-lo, iniciando uma amizade. Um painel de ocorrências na vida de um pequeno grupo de pessoas serve de ponto de partida para uma reflexão sobre "o sentido da vida", inaugurando uma espécie de existencialismo otimista, à americana. Vencedor merecido do Festival de Berlim.

Alex Antunes



CHAPLIN★★★

(Chaplin, EUA, 1992) Direção: Richard Atten-borough. Com Robert Downey Jr, Geraldine Chaplin, Kevin Kline. Look.

Chaplin é um exagero no sofá da sala: 2h24min. Nem com todo este tempo o diretor inglês Richard Attenborough conseguiu ser leve e espirituoso como o criador de Carlitos. Minucioso e tecnicamente elaborado, ele se baseou na autobiografia do comediante e no livro *His Life and His Art,* de David Robinson, e mesmo assim passa ao largo de episódios importantes na vida do ator. A sua predileção por ninfetas, por exemplo, é quase acessória ao filme.

O desempenho de Robert Downey Jr., indicado para o Oscar é impecável, ainda que, no todo, Chaplin pareça mais um cara triste, que descobriu o truque de fazer rir. Pelo menos pela inventividade de Carlitos, Attenborough tinha a obrigação de fazer um filme engraçado. Preferiu ser didático e correto, transformando a vida e os risos de Chaplin em um drama contido. Emoção mesmo, no caso, fica por conta de ver a filha de Chaplin, Geraldine, interpretando a mãe do ator.

Cesar Garcia Lima

Ingrid Bergman e Cary Grant

INTERLÚDIO★★★★★

(Notorious, EUA, 1946) Direção: Alfred Hitchcock. Com Cary Grant, Ingrid Bergman, Claude Rains. Continental.

Interlúdio, de Alfred Hitchcock, é um precursor do estilo dos filmes que o diretor faria nos anos 50, a fase áurea de sua carreira. Rodado com seu ator predileto, Cary Grant, *Interlúdio* tem como cenário de boa parte de sua história o Brasil, veja só. Claro que Grant e Ingrid Bergman (atriz que também foi preferida do diretor, fetichista, era obcecado por louras) nunca estiveram aqui e o Brasil que se vê é apenas *back-projection* (cenas projetadas em uma tela de fundo, frente a qual os intérpretes atuam).

O que vale mesmo é a história, passada logo depois da Segunda Guerra, que envolve um agente do serviço secreto americano, um espião nazista (Claude Rains, ótimo) e Ingrid Bergman. Há uma memorável cena romântica entre Grant e Ingrid, com a câmera se movendo em torno dos dois (que mais tarde seria repetida em outros dois filmes do diretor, *Um Corpo que Cai* e *Intriga Internacional*). Mas o melhor momento é quando Grant invade a casa de Rains, no Rio, para retirar de lá Ingrid, que está sendo envenenada com arsênico, por Rains e sua mãe (Leopoldine Constantin). O clímax da seqüência, na escada da mansão, é um dos melhores momentos de suspense do cinema.

Adilson Laranjeira

"Ingrid está maravilhosa na que talvez seja a atuação mais sexy de sua carreira. Ótimo *trash*, ótima diversão", *The New Yorker*.

O RISCO DA TRAIÇÃO★★

(Love and Lies, EUA, 1990) Direção: Roger Young. Com Mare Winningham, Peter Gallagher. Globo Vídeo.

Uma história verídica foi o mote para este filme aspirante a thriller. O enredo poderia empolgar: um casal de velhos é morto a sangue frio na frente dos netos, numa madrugada. Kim Paris (Mare Winningham), uma garota avançadinha e metida a detetive é contratada para se insinuar na vida de David West (Peter Gallagher, de *sexo, mentiras e videoteipe*). Dois anos depois do crime, a polícia ainda suspeita que West, em parceria com a filha problemática do casal, tenha praticado o crime. Kim jura que vai descobrir a verdade, mas a trama se complica quando a moça se apaixona pelo "objeto" da investigação.

Francisco Costa

ARRISCANDO TUDO★★

(Trouble Bound, EUA, 1992) Direção: Jeffrey Reiner. Com Michael Madsen, Patricia Arquette, Florence Stanley. Vídeo Arte.

Não chega a ser perda de tempo total, mas é preciso deixar claro: um dos maiores atrativos deste filme é o tomara-que-caia que Patricia Arquette veste a maior parte do tempo (não parece, mas é irmã da Rosanna). Quanto à história, é uma mistura de policial, *road movie* e *noir*, com diálogos que pretendem ser "espertos" ("O que você faz para viver?", "Eu costumava não fazer nada, mas já me aposentei"). Harry (o careteiro Madsen) ganha um carro numa mesa de pôquer e dá uma carona para a garçonete Kit (Patricia). Enquanto fogem de mafiosos, que estão atrás de um cadáver que estava no porta-malas do carro, os dois brigam o tempo inteiro. No fim, surpresa, descobrem o amor.

Vitor Paolozzi

O ASSASSINATO DA GAROTA DA CAPA ★★

(The Calendar Girl Murders, EUA, 1984) Direção: William A. Graham. Com Tom Skerritt, Sharon Stone. Screen Life.

Telefilme anterior ao primeiro "sucesso" da *bombshell* Stone nos cinemas, *As Minas do Rei Salomão* (1985). Bonita, mais gorda e nada produzida. Mesmo assim, já fatal. Ela é uma modelo que vira peça-chave nas investigações de um policial (Skerritt) em torno do assassinato de belas jovens que posam para calendários e revistas femininas. A trama é banal e previsível, e Stone exercita sua *persona* em um personagem dúbio, nada confiável, com traumas e segredos. Para aficionados pouco exigentes do thriller ou para tarados em potencial (o filme, porém, nem sugere nudez).

Ch.P.

STRIPPER SUICIDA★

(Dance With Death, EUA, 1991) Direção: Charles Philip Moore. Com Maxwell Caulfield, Barbara Alyn Woods. CIC.

Thriller chatíssimo. Depois que Brian de Palma filmou seu clássico *Vestida Para Matar*, a figura do *serial killer* passou a chover nos enlatados classe B. *Stripper Suicida* é um desses casos. A história toda se passa num clube de garotas que rebolam e mostram os peitos para uma galera normalmente entusiasmada. Logo depois de cada show, uma a uma, as moças são esfaqueadas. Com uma seriedade capaz de causar rubor, uma jornalista, Kelly Crosby (Barbara Alyn Woods), resolve investigar os homicídios e torna-se também uma *stripper* – tudo por uma boa reportagem. Quando o próprio chefe da repórter é envolvido, através de um vídeo comprometedor, já se tem a certeza de que o caldo todo entornou.

F.C.

O ANO DA FÚRIA★★

(The Year of Gun, EUA, 1989) Direção: John Frankenheimer. Com Andrew McCarthy, Sharon Stone. VTI.

Jornalista (McCarthy) escreve livro sobre o seqüestro de um líder político italiano pelas Brigadas Vermelhas. Isso bem no momento em que estão preparando o atentado a Aldo Moro. Os terroristas, ao ficarem sabendo do projeto, resolvem interrogar o rapaz. Frankenheimer se esforça para resgatar o

UMA LUZ NA ESCURIDÃO★

(Shinning Through, EUA, 1992) Direção: David Seltzer. Com Michael Douglas, Melanie Griffith, Liam Neeson. Abril Vídeo.

Fraquíssimo dramalhão de guerra e espionagem. Michael Douglas interpreta um oficial do serviço secreto americano que recruta sua secretária (Melanie Griffith) para conseguir informações na Alemanha, durante a Segunda Guerra. Ela cruza a fronteira, consegue emprego na casa de um oficial nazista e aproveita para procurar informações sobre sua família. A história do filme não convence. Na seqüência mais inverossímil, Douglas atravessa a fronteira da Alemanha carregando Melanie nos braços. Com um detalhe: os soldados nazistas descarregam os fuzis nele, que continua caminhando sem se abalar. Assim, nem John Wayne.

Marcos Strecker

prestígio que conseguiu com os thrillers *Sob o Domínio do Mal* e *Sete Dias de Maio*, mas o inexpressivo McCarthy compromete. O melhor é mesmo Sharon Stone bancando a fotógrafa bisbilhoteira, mas solidária.
H.R.Jr.

VÍTIMAS DO DESTINO ★
(Prison Heat, EUA, 1992) Direção: Joel Silberg. Com Rebecca Chambres, Lori Jo Hendrix. Warner.
Quatro garotas americanas estão de férias na Grécia e resolvem continuar sua viagem na Turquia. Quando chegam à fronteira são detidas por policiais que colocam cocaína na sua caminhonete para forjar um flagrante. Elas são presas e a partir daí o roteiro fica cada vez mais fraco. Temas fortes como violência sexual, lesbianismo, prostituição e corrupção são mostrados de forma superficial. O filme é previsível e só serve para garotinhos na puberdade, já que não faltam cenas de nu.
Sheila Nassar

ENVOLVIDOS COM O PERIGO ★★
(Blown Away, EUA, 1992) Direção: Brenton Spencer. Com Corey Haim, Corey Feldman. Europa.
Mais recente associação Corey Haim/Corey Feldman (*Os Garotos Perdidos*), ex-ídolos *teen* recém-saídos de um processo de desintoxicação de drogas pesadas e ávidos por reencontrar a luz da ribalta. Trata-se de um suspense dramático e convencional, sobre jovem que se envolve com garota com muitos problemas. O que surpreende é o texto do roteirista Robert Cooper, razoavelmente maduro quando se trata de sexo, e a direção de Spencer nas cenas eróticas, plásticas e apimentadas para a faixa etária pós-adolescente. O que atrapalha, porém, é o excesso de reviravoltas que reduz a trama a um jogo conhecido demais.
Ch.P.

A FORÇA EM ALERTA★★★

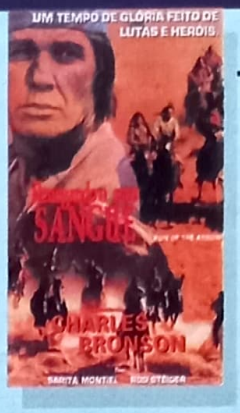
(Under Siege, EUA, 1992) Direção: Andrew Davis. Com Steven Seagal, Tommy Lee Jones, Erika Eleniak, Gary Busey. Warner.

O que esperar de Steven Seagal senão porrada pra todo lado? Ele é o mais atualizado sucessor de Victor Mature: canastrão até o osso, mas com a atração extra de "dominar" as artes marciais. Mata e esfola, gasta toda a sua interpretação em uma ou outra cara de sofrimento e sempre sai com uma piadinha espirituosa e nojenta. Mas pode apostar que Bruce Willis nunca faria melhor.

Desta vez Segal está a serviço da pátria, como cozinheiro-chefe do encouraçado Missouri. É por trás das panelas que ele vai iniciar a contra-ofensiva para retomar o comando da nave, pirateada por mercenários que ameaçam detonar o Havaí com mísseis nucleares. Os caçadores de buracos em roteiros vão achar uma porção deles, mas não há como negar que a ação sustenta o filme sem que haja tempo de se torcer o nariz. Exceto pelo fato que arranja-se um jeito um tanto mambembe (mas louvável) de se colocar uma parceira gostosona para animar o herói e dar uma rápida excitada no público masculino.

Há principalmente um apuro técnico que denota que as bilheterias saudáveis de Seagal já o colocaram em nível mais privilegiado em Hollywood. O diretor, Andrew Davis, é escolado na arte da pancada, já tendo trabalhado com o homem de pedra chamado Chuck Norris. O filme concorreu em duas categorias de áudio no último Oscar, perdendo em uma delas para o *Drácula* de Coppola. Paulada sim, mas tem lá o seu prestígio.
M.Sk.

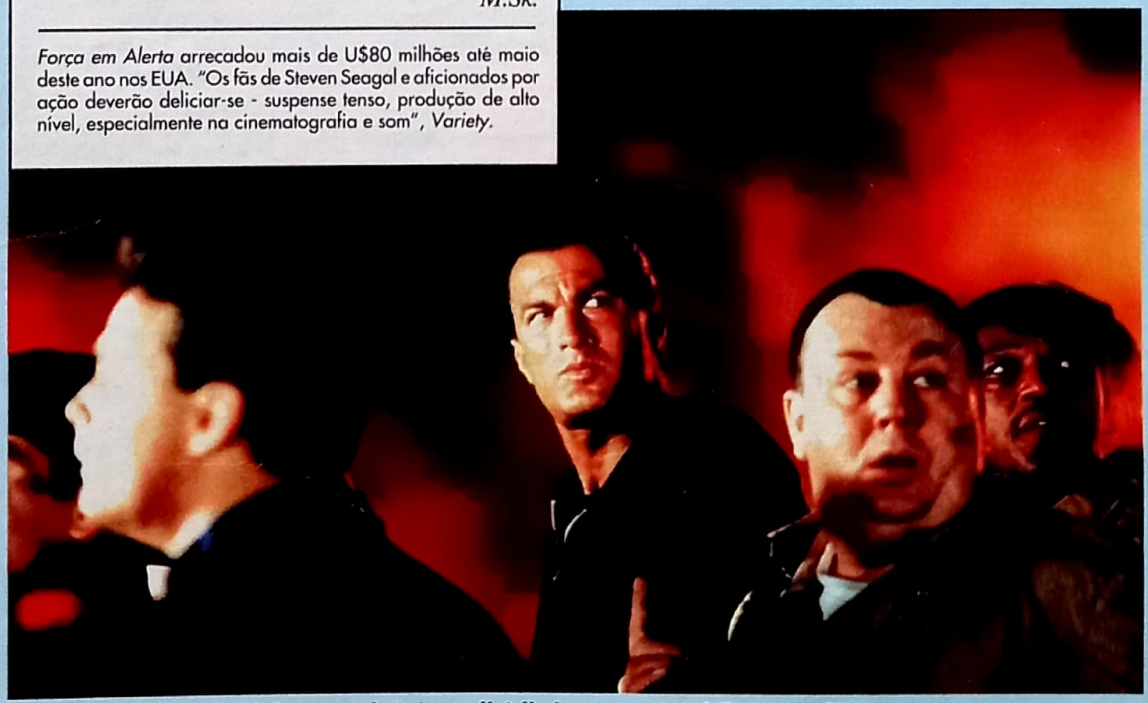
Força em Alerta arrecadou mais de U$80 milhões até maio deste ano nos EUA. "Os fãs de Steven Seagal e aficionados por ação deverão deliciar-se - suspense tenso, produção de alto nível, especialmente na cinematografia e som", *Variety*.



RENEGANDO MEU SANGUE★★★
(Run of the Arrow, EUA, 1957) Direção: Samuel Fuller. Com Rod Steiger, Sarita Montiel, Charles Bronson. Ideal.

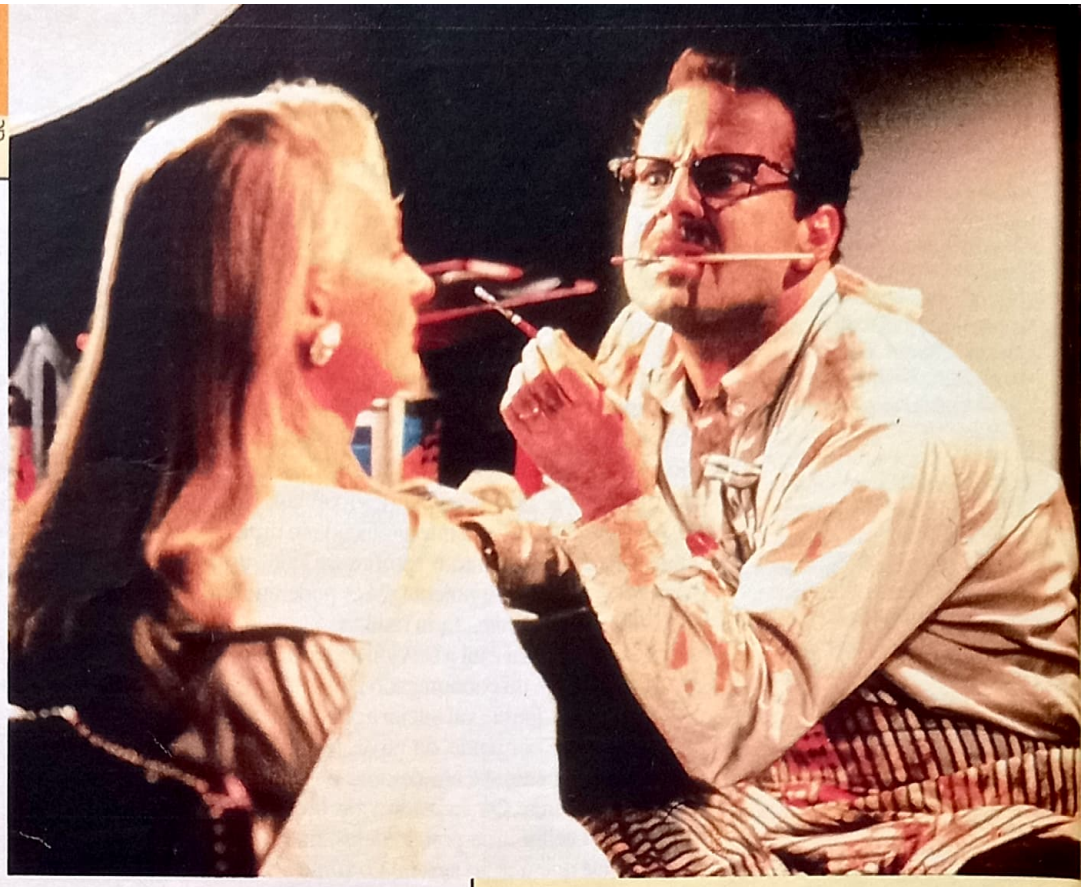
Western bem afiado, apesar da produção barata, dirigido pelo diretor cult e mestre dos filmes B Samuel Fuller. Depois de ser derrotado na guerra da secessão, um soldado vai para o Oeste e se integra aos índios Sioux. Nas palavras de um oficial, "é um homem sozinho em guerra contra os EUA". Ele acaba representando os índios em negociações com os confederados e faz as pazes com os brancos numa batalha decisiva, quando se redime. Charles Bronson em início de carreira (ao contrário do que está anunciado na capa, Bronson não estrela o filme) é o chefe sioux. A qualidade da fita é sofrível, tudo parece ter uma cor só.
M.St.

O DESTRUIDOR★★
(Split Second, Inglaterra, 1991). Direção: Tony Maylam. Com Rutger Hauer, Kim Catrall. Top Tape.
Alien versus *Blade Runner* no mundo futurista da MTV? É. Rutger Hauer é um policial psicótico (e duro como aço, claro) na Londres hiperpoluída de uns trinta anos no futuro. Enfrenta um assassino serial, que na verdade é um monstrengo mutante cheio de dentes. Das saraivadas de balas e chavões – que incluem frases de efeito, um parceiro nerd, tiroteio em boate, quebra-pau final nos esgotos de Londres e até um caso do tira com a mulher de seu parceiro morto, Kim Cattrall (a vulcana que trai Spock no último *Jornada Nas Estrelas*, aqui peladinha garantindo uns trocados) – sobra um filme perfeitamente passável para você gastar uma terça à noite.
André Forastieri


Warner

Steven Segal (no centro) descasca batatas e distribui sopapos em *A Força em Alerta*

COMÉDIA



Bruce Willis ameaça mostrar para Meryl Streep com quantos cortes se faz uma operação plástica

A MORTE LHE CAI BEM ★★★

(Death Becomes Her, EUA, 1992) Direção: Robert Zemeckis. Com Meryl Streep, Goldie Hawn, Bruce Willis, Isabella Rossellini. CIC.

Gozada a crítica, né? Gosta do *Drácula* de Coppola – pastiche dos bons filmes de horror da produtora inglesa Hammer – e torce o nariz para *A Morte Lhe Cai Bem*, comédia de humor negro de Robert Zemeckis. A comparação não é assim tão maluca, leitor: os dois filmes chegaram ao cinema juntos, no final do ano passado.

Coppola foi endeusado; Zemeckis, ignorado. Mas Zemeckis (*Uma Cilada para Roger Rabbit* e *De Volta Para o Futuro 1, 2* e *3*) é no mínimo mais original ao contar a história de uma estranha fonte da juventude descoberta por duas peruas (Goldie Hawn e Meryl Streep) de Beverly Hills. Rivais desde a mais tenra infância, as duas disputam a tapas um cirurgião plástico (Bruce Willis, picareta como sempre). O problema é que as moças (?) não são mais tão jovenzinhas assim, o corpinho já começou a cair, e a saída é uma misteriosa poção vendida por Isabella Rossellini, a bruxa mais sensual do cinema desde a madrastra da *Branca de Neve*.

O filme tem humor negríssimo (afro-humor talvez seja o termo politicamente correto em voga no momento) e piadas ótimas como aquela em que Bruce Willis explica para uma garota numa festa como maquiar um cadáver para que ele fique apresentável no caixão. Isabella aparece sempre semi-nua e o filme tem ótimos efeitos especiais (premiados com o Oscar deste ano). Embora não chegue aos pés do humor dark total do *Monty Phyton, A Morte Lhe Cai Bem* está muito acima da média das comédias americanas, que parecem ter feito um pacto de idiotice com algum demônio protetor da imbecilidade.

Edson Arantes

"A direção de Zemeckis é ultra-profissional. Ele mantém com consistência um tom sóbrio em meio a todas mágicas tecnológicas", *Variety*.

A HISTÓRIA DO MUNDO PARTE 1 ★★
(History of the World Part 1, EUA, 1981) Direção: Mel Brooks. Com Mel Brooks, Gregory Hines, Dom De Louise. Abril Vídeo.
Paródia de Brooks aos épicos de Hollywood, contando a história da humanidade em quatro episódios: Pré-História, Roma Antiga, Inquisição e Revolução Francesa. Brooks tem o papel principal em cada uma das partes, o melhor deles como o rei Luís XVI. No geral, o filme mostra a decadência do tipo de humor de Brooks (confirmado no fracasso de seu recente *Que Droga de Vida*). A maior parte das piadas é de gosto muito duvidoso, baseando-se excessivamente em escatologia. Mas em algumas piadas e seqüências, como a de Moisés descendo o Monte Sinai, os resultados ainda são muito engraçados. Os fãs mais ardorosos vão se divertir com o estilo iconoclasta do diretor de *Jovem Frankenstein*, que não poupa nem a Inquisição Espanhola.
R.R.

HARRY OU HARRIET ★
(Harry or Harriet, Alemanha, 1990) Direção: Cyril Frankel. Com Thomas Gottschalk, Fiona Fullerton. Look.
Humilhada no amor e no trabalho, Harriet decide pôr fim à sua vida. Escreve uma carta lamentando-se por ter nascido mulher e não homem, só que, antes de completar seus planos, é seduzida por um emissário do inferno. No dia seguinte, ela acorda em um corpo masculino. A partir daí o filme se tranforma de muito chato em chato. Pode ser que esta comédia alemã até faça sucesso nas locadoras (mudança de sexo está em moda nos dias de hoje), mas não passa de um típico filme da Sessão Comédia que a Globo transmite às duas e tanto da madrugada.
Marcelo de Castro

A VERGONHA DA SELVA ★
(Tarzoon, França-Bélgica, 1975) Direção: Picha. Produção: Boris Szulzinger. Waves.
A única "vantagem" dessa porcaria criada pelo cartunista belga Picha é ser feita em forma de desenho animado. Fosse um filme com atores de carne e osso seria uma entediante pornochanchada dos Trapalhões. É uma manjada paródia de Tarzã, em que este é um coitado e Jane transa com a Chita. Tem cientistas loucos, pigmeus canibais, um monte de bichos transando, macacos se masturbando e por aí vai. Na época em que foi produzido, *A Vergonha da Selva* enganou bem (afinal naqueles tristes tempos, desenho animado estava em baixa). Tanto que nos EUA, foi dublado por John Belushi e Bill Murray. Mas não resistiu ao tempo. A animação tem o nível daquelas feitas para cursos de inglês de TVs educativas.
Rogério de Campos

JEANNIE É UM GÊNIO – QUINZE ANOS DEPOIS ★★
(I Dream of Jeannie, Fifteen Years Later, EUA, 1985) Direção: William Asher. Com Barbara Eden, Wayne Rogers, Bill Daily, Hayden Rourke. LK-Tel/Vídeo.
O título já explica tudo. Este é um telefilme

rodado especialmente para celebrar os 15 anos do velho seriado. Infelizmente há pouco com que se comemorar, pois além das boas intenções e a beleza e charme de Barbara, que continuam intactos, a trama é tola e sem graça. Pior ainda, tenta passar Wayne Rogers (de *M.A.S.H.*) como Tony Nelson, visto que o ator original, Larry Hagman, estava na época mais preocupado em ser J.R. na série *Dallas*. Para quem curtia muito o seriado, a decepção pode ser menor, principalmente se levar em conta que o umbigo de Jeannie (escondido durante anos pela censura americana) finalmente faz sua aparição na TV.
R.R.

O GAROTO★★★★
(The Kid, EUA, 1921) Direção: Charles Chaplin. Com Charles Chaplin, Jackie Coogan. Continental.
É o mais popular filme de Carlitos. Faz parte da fase de Chaplin nos estúdios First National, onde ele desenvolveu a noção de que a tragédia também tem graça. Em O Garoto, as primeiras imagens inspiram piedade, mas o filme não é triste. É hilário, especialmente na química entre Chaplin e Jackie Coogan, de apenas quatro anos. Carlitos é mais criança que o garoto, como assinala a seqüência em que o menino prepara o café da manhã do vagabundo. Essa cena, que termina com a conversão de uma coberta em poncho, mostra o perfeccionismo do diretor. Foram gastos quinze mil metros de negativo – o filme todo não passou dos doze mil metros – para conseguir o efeito. O vídeo ainda inclui o curta Os Clássicos Vadios , de 1921.
Marcel Plasse

VEM DANÇAR COMIGO★★★★
(Strictly Ballroom, Austrália, 1992) Direção: Baz Luhrman. Com Paul Mercurio, Tara Morice. Europa.

Nem interessa responder como outra produção australiana de diretor estreante e atores desconhecidos conquistou público e bilheterias em todo o mundo. Interessa mais agora é encostar no sofá e se divertir com *Vem Dançar Comigo*. Houvesse o gênero "adorável comédia bobona", o filme estaria nele. Com referências (nada sofisticadas, diga-se) a Davi e Golias, Cinderela e John Waters, *Vem Dançar Comigo* narra a saga de um casal de bailarinos lutando contra as regras de um absurdo concurso de *ballroom* (dança de salão).

Kitsch e cafona são outras palavras-chave para falar de *Vem Dançar Comigo*, recheado de um humor que vai dos diálogos cortantes ao escracho, com perucas caindo e portas batendo na cara dos vilões. É filme para se ficar de bem com a vida. Por duas horas, ao menos.
Erika Palomino

O HOMEM DO SAPATO VERMELHO★★★
(The Man With One Red Shoe, EUA, 1985) Direção: Stan Dragoti. Com Tom Hanks, Lori Singer, James Belushi. Abril Vídeo.
Tom Hanks mais uma vez no seu já clássico papel de um sujeito meio "confuso". Ele interpreta um violinista que acaba sendo confundido com um perigoso espião.

Refilmagem da comédia francesa *Loiro, Alto e com um Sapato Preto*. O filme vale também pela belíssima Lori Singer e por James Belushi – tão engraçado quanto Hanks –, no papel de um marido traído. O melhor exemplo da típica comédia americana da década passada, mas contando com Hanks a seu favor. Com certeza rende algumas risadas.
M.R.

FÉ DEMAIS NÃO CHEIRA BEM★★★

(Leap of Faith, EUA, 1992) Direção: Richard Pearce. Com Steve Martin, Debra Winger, Lolita Davidovich, Liam Neeson. CIC.

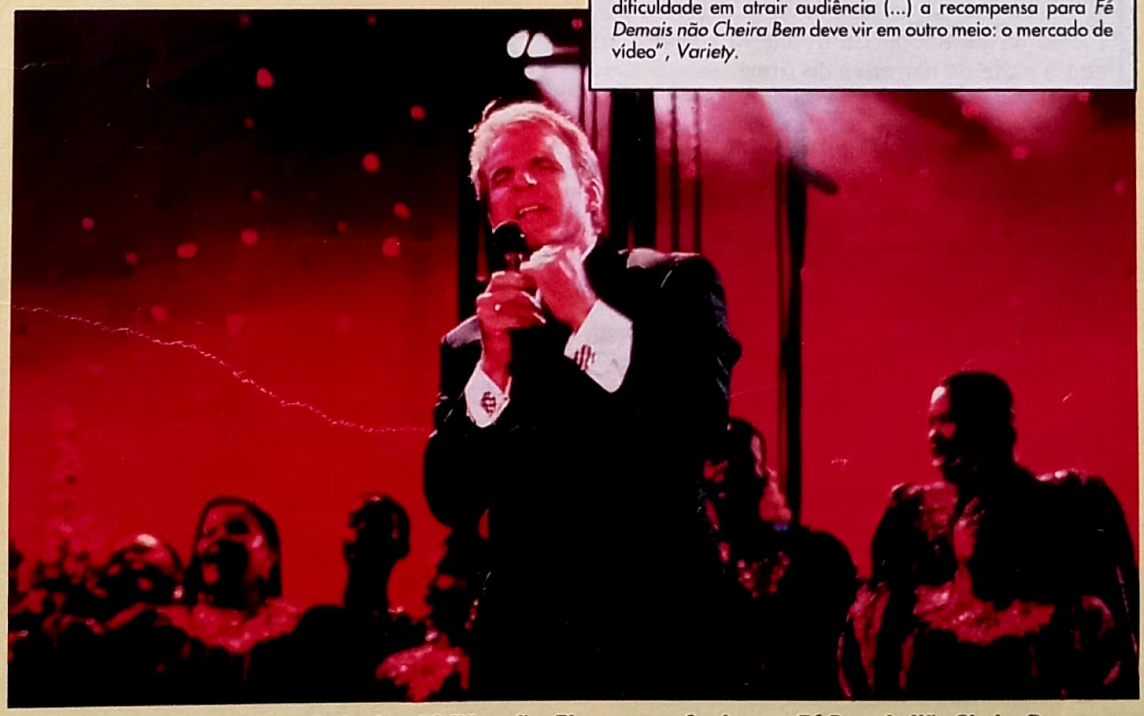
Nos últimos anos Steve Martin só tem se metido em filmes medíocres. Agora, com *Fé Demais não Cheira Bem*, o ator parece até ter encontrado um roteiro interessante, que não se escora somente no seu talento cômico.

Martin é o pastor evangelista Jonas Nightengale, uma espécie de Edir Macedo com mais glamour e o mesmo alvo: a grana dos fiéis. Nightengale lidera uma caravana que percorre os Estados Unidos distribuindo "milagres" e recolhendo "contribuições". Nada passa despercebido: da preparação minuciosa dos "milagres" ao bom estado dos paletós de paetê usados por Nightengale. Por trás de tudo, está a esperta empresária interpretada por Debra Winger.

Fé Demais não Cheira Bem funciona enquanto se resume a mostrar o cinismo e a ganância do pastor. O problema é que o filme passa a se levar a sério demais e o final acaba comprometendo. Uma saída sentimentalista, moralista e completamente implausível faz o filme derrapar e acaba dando a sensação de *déjà vu*.

Os fãs de Martin devem gostar mesmo assim, principalmente nas cenas de pregação, onde está hilário. Não é o melhor filme de sua carreira e tampouco estourou nos Estados Unidos, mas certamente não é de se ignorar.
Adahil Felix

"Bem-feito, mas confuso em seus objetivos, o filme deverá ter dificuldade em atrair audiência (...) a recompensa para *Fé Demais não Cheira Bem* deve vir em outro meio: o mercado de vídeo", *Variety*.


DC

Steve Martin "fede mas não cheira bem"? Não, não. Ele apenas vê a luz em *Fé Demais Não Cheira Bem*

MUSICAL

THE COMMITMENTS – LOUCOS PELA FAMA★★★

(The Commitments, EUA, 1991) Direção: Alan Parker. Com Robert Arkins, Andrew Strong, Johnny Murphy. Abril Vídeo.

Como desprezar um filme assim leve e despretensioso, recheado de sinceras declarações de amor ao soul em particular e à música pop em geral? O grupo de moleques de pura estirpe proletária irlandesa, que Alan Parker recrutou como músicos amadores e conseguiu transformar em atores competentes, repete a mesma saga de uma multidão de bandas de garagem em todo o planeta, só que com um conhecimento de causa agudíssimo. Lembra de cara a própria gênese do rock britânico (afinal, Beatles e Stones começaram como bandas especializadas em covers do pop negro americano) e também, pela ambientação, as origens geográficas-culturais-políticas-religiosas-etc. de uma banda como o U2."Nós, irlandeses, somos os negros da Europa!", gosta de lembrar o personagem Jimmy Rabbitte, fundador, empresário e mentor intelectual dos Commitments.

O retrato de Elvis acima do de João Paulo II, na sala de estar do pai de Jimmy, abençoa uma fábula comum e realista: da camaradagem fraterna dos ensaios iniciais às disputas de ego que começam a pipocar ao primeiro sinal de reconhecimento público. E a figurinha carimbada do trompetista Joey "The Lips" oferece, de quebra, um curso intensivo de soul music para principiantes. Para estes, um recado especial: os clássicos de Wilson Pickett, Aretha Franklin e outros gigantes incluídos na trilha devem ser ouvidos no original, já que as interpretações *à la* Joe Cocker e Janis Joplin da pseudobanda irlandesa só prestam como parte da narrativa do filme.

J.A.L.

"Tem a esperteza travessa e a mordaz camaradagem do primeiro filme dos Beatles, *A Hard Day's Night* (...) o filme não oferece nenhuma mensagem, nenhuma solução, apenas uma grande diversão", *Time*.

DIO COME TI AMO ★
(Dio Come Ti Amo, Itália, 1966) Direção: Miguel Iglesias. Com Gigliola Cinquetti, Mark Damon, Micaela Cendali. Central.
O sucesso da música "Dio Come Ti Amo" no festival de San Remo em 1966 foi tanto que os produtores italianos trataram logo de transformá-la num filme. E, ainda por cima, estrelado pela cantora que a consagrou, Gigliola Cinquetti. O resultado é um conto de fadas, ingênuo a ponto de colocar Gigliola cantando a todo momento acompanhada por uma orquestra que, obviamente, nunca aparece. Canta quando feliz, quando triste, por conta de um amor impossível pelo noivo de sua melhor amiga. Mas a década é a de 60, o filme é italiano e o diretor é Miguel Iglesias. O que significa uma bobagem que não deve ser levada a sério. Mas ao menos consegue fazer rir (embora certamente esta não tenha sido a intenção).
André Hidalgo

FUNNY GIRL – A GAROTA GENIAL★★★
(Funny Girl, EUA, 1968) Direção: William Wyler. Com Barbra Streisand, Omar Shariff, Kay Medford. LK-Tel/Vídeo.
Estréia nas telas de Barbra Streisand, já lhe valendo um Oscar (que dividiu com Katherine Hepburn por *O Leão no Inverno*). O filme conta a história de Fanny Brice, uma atriz e cantora cuja conturbada vida particular contrastava com seus tipos cômicos do palco. Um musical de primeira com Streisand em grande forma. Não tenha medo de assistir a este filme porque (felizmente) não é a mesma Streisand dos chatos *Yentl* e *O Príncipe das Marés*. Diversão certa.
F.L.

LUTE PELA COISA CERTA★★★★
(School Daze, EUA, 1988) Direção: Spike Lee. Com Spike Lee, Larry Fishburne, Giancarlo Sposito, Branford Marsalis. Abril Vídeo.
As tramas de Spike Lee são às vezes de difícil compreensão para o público não-americano ou não-negro – e particularmente para o não-negro-não-americano. Todas as complexas dissensões blacks (incluindo integracionismo versus segregacionismo e pacifismo versus violência e até desentendimentos entre as diferentes tonalidades de pele) só são inteligíveis numa sociedade rica o suficiente para permitir essas nuances. Portanto, quem não entendeu patavina dos dilemas classe média do negro saxofonista de *Mais e Melhores Blues* ou o publicitário de *Febre da Selva*, também vai estranhar as estrepolias universitárias do segundo filme do diretor. Mistura bizarra de comédia estudantil com musical da Metro, ele mostra os atritos entre os ativistas políticos anti-apartheid e uma gozadíssima fraternidade militarizada.
A.A.

THE SMITHS – COMPLETE PICTURE★★★★★
(Inglaterra, 1993) Direção: vários. Warner.
Compilação bem-feita de uma das melhores bandas de rock dos anos 80. O material que vai do início (82) até a época do LP *Meat Is Murder* (85) é parco, já que o vocalista Morrissey era contra clips. O que temos então são apresentações para TV, trechos de shows e algumas montagens improvisadas (como a menina, as chaminés de Manchester e os pedaços de show em "How Soon Is Now?") – que acabaram funcionando como clips não-oficiais da banda por anos. A partir do LP *The Queen Is Dead* (86) alguém parece tê-lo convencido de que clips não eram coisas do demo. Daí até o fim da banda, em 87, eles capricharam nos vídeos. Entre os diretores chamados está o cineasta Derek Jarman, perfeito para retratar os fetiches gay/andróginos de Morrissey.
Camilo Rocha

Abril Vídeo

Como sempre, em *The Commitments* Alan Parker fez um filme para todos os tipos de audiência

ERA UM CASTELO COM 40 CÃES★★★
(Era Un Castello Con 40 Cani, Itália, 1991) Direção: Duccio Tessari. Com Peter Ustinov, Salvatore Cascio. Globo Vídeo.
Era uma vez uma família normal: Bob, o pai executivo; Giovana, a mãe, relações-públicas; e um garotinho de nove anos. Acostumados à vida de Milão, com poluição e trânsito, herdam um castelo na Toscana juntamente com dois enormes cães. Os pais demoram a se acostumar com a nova vida, mas é o filho, Tom (Salvatore Cascio, o Toto de *Cinema Paradiso*), que tem a magnífica idéia de criar um hotel de luxo para cães. Passam então a enfrentar, juntamente com o veterinário Muggione (o carismático Peter Ustinov), pequenos problemas com os seus 40 hóspedes. *Era um Castelo com 40 Cães* não é um filme brilhante, mas vai agradar principalmente aos que adoram o melhor amigo do homem.
Maria Amélia de Azevedo

O ÚLTIMO DOS MOICANOS★★
(The Last of the Mohicans, EUA, 1976) Produção da Hanna-Barbera. Vídeo Arte.
O Último dos Moicanos é fiel ao livro de James Fenimore Cooper. Poderia até ser uma boa introdução à obra do escritor. Só não é por um motivo simples: o filme de Michael Mann, com Daniel Day-Lewis, tem ótimas cenas de ação e pode ser assistido sem medo por crianças de qualquer idade. Perto dele, o desenho animado fica bastante idiota. A história é aquela de sempre: duas mocinhas, Cora e Alice, têm de atravessar o território canadense – palco de uma guerra entre França e Inglaterra –, e são ajudadas por Hokai, um bravo colonizador americano. Há ainda aquele velho e típico problema das produções de Hanna-Barbera: a animação, que funciona bem nos desenhos de humor, não funciona nos filmes "sérios". Os personagens, como a mulher do gordo, só mexem os olhinhos.
E. Aran.

ZÉ COLMEIA – O MONSTRO EGOÍSTA/ O QUADRO DESAPARECIDO★★
(Yogi's Treasure Hunt: The Greed Monster/ The Search for the Moaning Liza, EUA, 1986) Produção: Hanna-Barbera. Vídeo Arte.
Reunião de dois episódios de uma das séries produzidas pela Hanna-Barbera que juntou quase todo o grande "elenco" da mais importante produtora de desenhos animados para a TV. As duas histórias não conseguem resgatar a magia dos antigos desenhos dos anos 60. Mas continuam sendo um bom entretenimento.
Paulo Gustavo Pereira

Lucky Luke sai dos quadrinhos para as telas em dois desenhos

LUCKY LUKE – DAISY TOWN★★★★

(França, 1983) Direção: René Goscinny. Waves.

LUCKY LUKE – A BALADA DOS DALTON★★★★

(Lucky Luke – The Ballad of the Daltons, França, 1983) Direção: René Goscinny. Waves.

Lucky Luke é, junto com Tex, o Tenente Blueberry e Giulliano Gemma – que inclusive personificou Luke num longa, disponível nas locadoras –, o caubói mais conhecido da Europa. Ele surgiu nos quadrinhos pela mão de Morris e, posteriormente, contou com roteiros de René Goscinny, criador de Asterix.

Luke já tem uma série animada para TV, com produção da dupla Hanna-Barbera. Mas estas fitas não são dessa safra. São, isto sim, muito mais legais, dirigidas e roteirizadas pelos seus próprios autores. Para completar, a trilha sonora é de Claude Bolling, um craque da música erudita francesa contemporânea.

A produção é caprichada, mas sem exageros, mantendo-se fiel ao espírito dos álbuns do herói. Todos os personagens de suas aventuras em quadrinhos estão nestes dois longas. Do papa-defuntos ao velhinho irado na cadeira de rodas e, principalmente, seu cavalo Jolly Roger e os temíveis e famigerados Irmãos Dalton, os vilões mais patuscos do Velho Oeste. O caubói os enfrenta num duelo memorável, em *Daisy Town*, que cita Sergio Leone, com aqueles closes de mãos nos coldres, olhos tensos e muito suor.

O tontaço Rantamplam, o cão vigia da prisão onde os Dalton passam metade de suas vidas, também aparece, cumprindo com louros sua função de *comic relief* em *A Balada Dos Dalton*. Principalmente quando embarca com o quarteto de bandidos numa viagem de cogumelos alucinógenos transformada em musical da Broadway.

Carlos Eduardo Miranda

PREVIEW

Querida, Eu Estiquei o Bebê

Entre os lançamentos programados para os próximos meses estão *Querida, Eu Estiquei o Bebê*, com Rick Moranis, o thriller *Gemidos de Prazer*, com Anabella Sciorra, e *Para o Resto de Nossas Vidas*, do inglês Kenneth Branagh, exibido há pouco tempo nos cinemas.

PARADA

OS MAIS ALUGADOS

ABRIL

BRASIL

1 *Mudança de Hábito* (Abril Vídeo)
2 *Tomates Verdes Fritos* (Europa)
3 *A Mão que Balança o Berço* (Abril Vídeo)
4 *Síndrome de Caim* (CIC)
5 *Areias Brancas* (Warner)
6 *A Cidade da Esperança* (Warner)
7 *Corpo em Evidência* (America)
8 *Hook – A Volta do Capitão Gancho* (LK – Tel/ Vídeo)
9 *Um Sonho Distante* (CIC)
10 *Meu Primeiro Amor* (LK – Tel/ Vídeo)

Fontes: Vídeo Factory (SP), Hobby Vídeo (SP), Real Vídeo (SP), Vídeo Shack (RJ), Copa 6 (RJ), Vídeo Gama (BH), Back 1 (BH), Star Vídeo (GO), Scorpius (GO), Cine Vídeo (GO)

EUA

1 *Under Siege* (Warner)
2 *The Last of the Mohicans* (Fox Video)
3 *The Player* (New Line)
4 *A League of their Own* (Columbia TriStar)
5 *Sneakers* (MCA/Universal)
6 *Death Becomes Her* (MCA/Universal)
7 *Honeymoon in Vegas* (New Line)
8 *Captain Ron* (Touchstone)
9 *Mr. Baseball* (MCA/Universal)
10 *Singles* (Warner)

Fonte: *Entertainment Weekly* de 23/04/93

BOLSA DE VÍDEO

Os clássicos *King Kong*, *Interlúdio* e *Nosferatu* ficam com a preferência da crítica especializada

	Celso Fioravante Folha de S. Paulo	Wanderley Sanches Veja SP	Roberto Rios TV A Filmes	Paulo de Góes Jornal do Vídeo	Marcel Plasse O Estado de S. Paulo	Rubens Ewald Filho Jornal da Tarde	Carlos Eli Jornal do Brasil	Eduardo Souza Lima O Globo	Tueo Becker Zero Hora	Luciano Ramos TV Bandeirantes	Média
1º *King Kong* (Continental)	9	10	10	9	10	10	10	10	8	10	9.6
2º *Interlúdio* (Continental)	9	-	10	8	10	10	8	10	8	9	9.1
3º *Nosferatu* (Continental)	10	10	7	8	10	7	10	10	10	8	9
4º *Amor e Sedução* (Top Tape)	8	10	10	8	8	10	8	8	9	-	7.7
5º *Vem Dançar Comigo* (Europa)	8	8	7	7	7	6	9	7	7	10	7.6
6º *1492-A Conquista do Paraíso* (Vídeo Arte)	6	2	4	6	8	5	8	7	7	10	6.3
7º *A Morte lhe Cai Bem* (CIC)	5	-	6	8	7	6	5	5	3	10	6.1
8º *A Força em Alerta* (Warner)	5	-	10	4	7	6	3	-	-	7	6
9º *Kafka* (Condor)	4	-	-	-	7	5	-	7	9	8	5.3
10º *Chaplin* (Look)	4	-	6	7	6	3	6	6	3	8	4.6

© 1993 FoxVideo, Inc. Todos os Direitos Reservados FoxVideo™ e seus logos são marcas registradas da Twentieth Century Fox Film Corporation

Fotos Columbia

EL MARIACHI

Rodriguez estréia com elogios usando boas idéias e investindo na estética da pobreza

O filme de estréia do diretor texano de 24 anos Robert Rodriguez, *El Mariachi*, foi feito com apenas 7 mil dólares e uma enormidade de seu delicioso charme se deve ao fato de que ele realmente parece um filme feito por essa quantia, nem um trocado a mais.

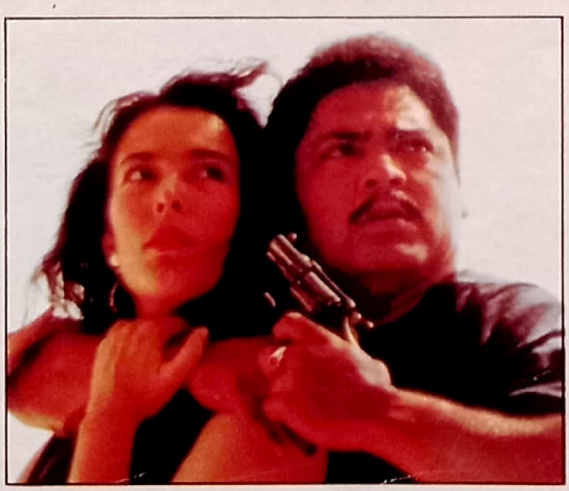
Esse thriller sujo e violento, filmado em uma cidade da fronteira do México com os Estados Unidos, sobre um músico mariachi sem destino (Carlos Gallardo) que é confundido com o assassino Azul (Reinol Martinez) foi escolhido o favorito do público no mais recente Sundance Festival. Sem surpresas, Rodriguez fez um verdadeiro milagre com seu baixo orçamento mas não tenta em momento algum do filme convencer que transformou latão em ouro.

A história é rápida e ao mesmo tempo lacônica. O filme é repleto de tiros por todos os lados, sangue e corre-corre, mas tudo isso tratado com um senso de humor inteligente, que não considera o público idiota. Quando chega na cidade, o inocente mariachi começa a ser perseguido por capangas de Mauricio (Peter Marquandt), o vilão da história que deseja proteger-se da chegada de Azul. Pensam que o mariachi é o matador. A confusão começa. Rodriguez não é nenhum mágico criador de imagens, mas apenas um cara elétrico e criativo que sabe como manipular uma câmera, misturando e usando todas as técnicas possíveis.

OK, filmar não é uma ciência exata e ninguém precisa de equipamentos cinematográficos de último tipo para contar histórias sobre pessoas desesperadas matando umas às outras. Rodriguez sabia disso quando filmou *El Mariachi*. O filme é simples e direto. Se você entrar no pobre mundo de *El Mariachi* com expectativas menores do que as aspirações do filme, certamente terá agradáveis 82 minutos de prazer.

Ricardo Lombardi

El Mariachi, EUA, 1992 ■ Direção e roteiro: Robert Rodriguez ■ Com Carlos Gallardo, Reinol Martinez, Consuelo Gomez, Peter Marquandt ■ Columbia



Carlos Gallardo (ao alto), Consuelo Gomez e Reinol Martinez na produção barata de Rodriguez

MATINÊ

Joe Dante reverencia o filme B numa comédia passada durante a crise dos mísseis nucleares em Cuba

Matinê é *A Era do Rádio* de Joe Dante. Assim como Woody Allen, Dante volta ao passado para reverenciar os ícones culturais de sua geração. No caso, os filmes B dos anos 50. Não espere, porém, a mesma densidade psicanalítica de Allen. Dante, bom discípulo de Spielberg, só quer saber de personagens planos, profundos como um pires. Mas, se você é fanático por um bom trash descerebrado, *Matinê* não vai decepcioná-lo. A história se passa em outubro de 1962, durante a crise dos mísseis em Cuba – e em Key West, que fica praticamente dentro do território inimigo, a 144 km da ilhota de Castro. Enquanto o medo de uma guerra nuclear toma corações e mentes americanos, o produtor Lawrence Woolsey (John Goodman, perfeito) chega à cidade para exibir sua última baba, *Mant*, sobre um

Look Filmes

John Goodman encarna um produtor picareta e distribui autógrafos em Key West

homem que, exposto à radiação junto com uma formiga, transforma-se – claro! – num homem-formiga. A população, assustada com a possível guerra nuclear, teme que o filme possa avariar a cabeça de seus filhos. A molecada, nem tchuns! Quer mais é ver o formigão. Woolsey arma um *happening* para o lançamento (com cadeiras que dão choque e um sujeito vestido de homem-formiga na platéia). *Matinê* vira, então, uma comédia amalucada (lembra, em alguns momentos, *Uma Noite na Ópera* dos Irmãos Marx) com inúmeras confusões acontecendo ao mesmo tempo. Enquanto isso, um garoto tarado por filmes de monstros, Gene Loomis (Simon Fenton) – cujo pai está num porta-aviões à caminho de Cuba –, curte um romance com uma bonitinha imigrante russa (metáfora dispensável, claro, mas bem ao gosto da geração Spielberg). Tudo termina bem, evidentemente. Cuba não lança mísseis nucleares sobre a América e a avant-première é um sucesso. Melhor que tudo isso, no entanto, é o filme dentro do filme. *Mant!* é implacável e ao mesmo tempo reverente ao cinema B americano. Tem loiras oxigenadas histéricas e cientistas loucos babando. Aliás, se Joe Dante tivesse optado por uma sátira pura e simples (tipo *O Jovem Frankenstein*, de Mel Brooks) é bem provável que tivesse realizado uma obra-prima. Mas, já viu, né?, o cara está andando muito com o Spielberg ultimamente. É pena.

Edson Arantes

Matinée, EUA, 1993 ■ Direção: Joe Dante ■ Roteiro: Charlie Haas ■ Fotografia: John Hora ■ Com John Goodman, Cathy Moriarty, Simon Fenton, Lisa Jakub, Jesse Lee ■ Look Filmes

TARTARUGAS NINJA 3

Produtores botam as tartarugas para faturar em épico nipônico

É sempre assim: alguém cria um personagem legal, faz um filme decente usando este personagem e depois, embalado por boas bilheterias, trata de sugar todos os centavos que ele pode gerar. Freddy Krueger, Jason, o Tubarão de Spielberg, todos acabaram humilhados em filmes-seqüência ridículos.

Infelizmente, o mesmo aconteceu com as tartarugas ninja. Quando elas surgiram, eram bem interessantes: Hollywood havia conseguido criar heróis infantis que tinham até um certo apelo ao público maior de 15 anos. O legal delas é que eram uns bonecos *low-tech* e muito mal feitos, que pelo esculacho lembravam seriados charmosos como *Banana Split* e *Thunderbirds*.

O primeiro *Tartarugas Ninja* remetia a filmes como *As Mil Faces do Dr. Lao*, com heróis caricatos e aqueles bonecos medonhos, que pareciam vindos da Cidade da Criança. Qualquer pessoa que tenha se divertido em uma sessão de *Costinha contra King Mong* ou *Bacs – o Bacalhau* (sátira a *Tubarão*), deve ter saído feliz deste primeiro filme.

É uma pena que, em vez de fazer as seqüências como autoparódias, o que poderia ter sido bem divertido, os produtores resolveram levar as tartarugas mais a sério. Se o segundo filme já foi chato, este terceiro então é insuportável.

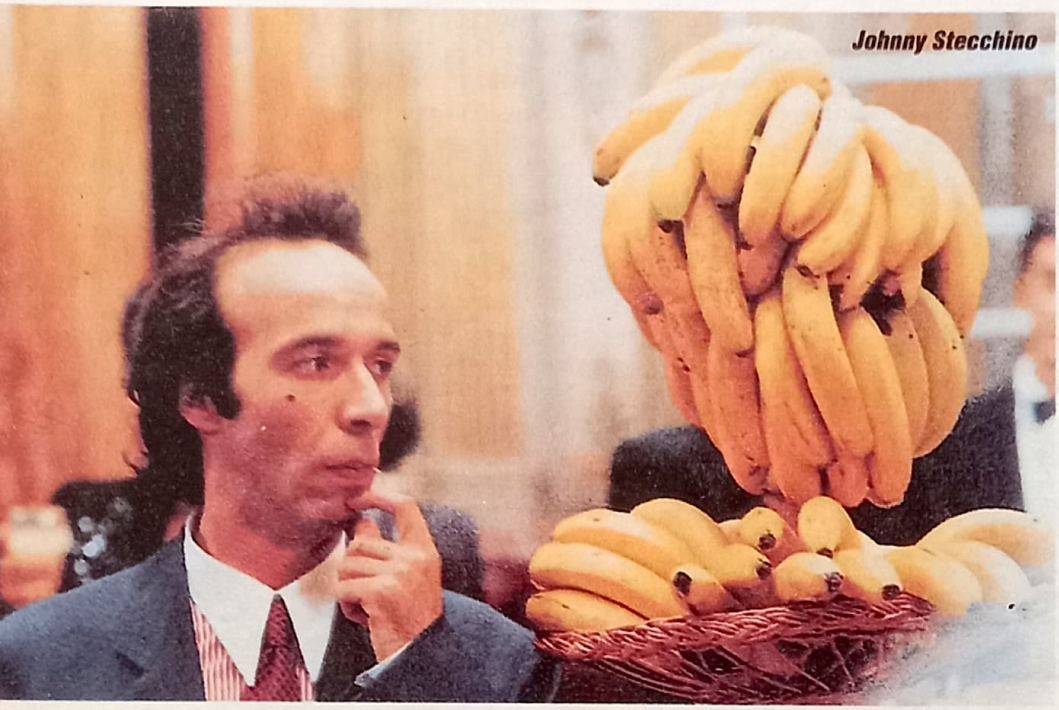
Agora, levaram as quatro cascudas para o Japão do século 16, com a missão de resgatar uma amiguinha que é prisioneira de um japonês malvado. O diretor Stuart Gillard até que foi bem-intencionado, recriando o Japão antigo com cenários bem-feitos, mas fazer um épico com as tartarugas só pode ser piada. Me lembrei da decepção que foi ver aquele pretensioso *Os Saltimbancos Trapalhões* depois de vibrar com *Zacharias e Mussum no Planalto dos Macacos*. A lição é simples: pretensão demais faz mal.

André Barcinski

Teenage Mutant Ninja Turtles III: The Turtles Are Back... In Time, EUA, 1993 ■ Direção e roteiro: Stuart Gillard ■ Com Elias Koteas, Paige Turco, Stuart Wilson, Vivian Wu, Sab Shimono ■ Fox

Fox

As tartarugas vão para o Japão feudal resgatar uma amiga e quebram a cara



PlayArte

JOHNNY STECCHINO

Johnny Stecchino é uma comédia típica do estilo de Roberto Benigni: um roteiro banal que serve de veículo para várias gags e piadas, frutos de seu grande histrionismo. Benigni, além de dirigir e ser co-roteirista, interpreta dois papéis: Dante, um simplório motorista de ônibus escolar, e Johnny Stecchino, um mafioso que tem de viver escondido para não ser assassinado. As trapalhadas começam quando a mulher do mafioso (Nicoletta Braschi, mulher de Benigni também fora das telas) encontra Dante por acaso e o toma pelo marido. Daí lhe vem a idéia de fazer com que o otário Dante assuma o lugar de Stecchino e seja assassinado em seu lugar, abrindo caminho para uma fuga do casal para a Argentina. Este é o maior sucesso da carreira de Benigni: *Johnny Stecchino* é o novo recordista de bilheteria na Itália.

Johnny Stecchino, Itália, 1992 ■ Direção: Roberto Benigni ■ Roteiro: Vincenzo Cerami e Roberto Benigni ■ Com Roberto Benigni, Nicoletta Braschi, Paolo Bonacelli, Ignazio Pappalardo, Allessandro DeSantis ■ PlayArte

BUSCA MORTAL

Este thriller que fracassou nas billheterias americanas começa com uma impressionante cena de um carro despencando em um precipício perto de San Francisco. Dentro dele está o casal Judith (Greta Scacchi) e Dan Merrick (Tom Berenger). Os dois conseguem se salvar, mas Merrick perde parte da sua memória e fica com o rosto tão desfigurado que parece mais um hambúrguer. Uma série de operações plásticas vão recuperar as suas feições, mas a memória vai voltando muito lentamente. A princípio, Merrick se descobre um cara de muita sorte: escapou de um terrível acidente, é rico e casado com uma loira belíssima. Só que aos poucos começa a descobrir que muitas coisas de seu passado não cheiram bem, a começar pela mulher, que o traía. Desconfiado, ele contrata o detetive Klein (Bob Hoskins), que vai ajudá-lo a desvendar um crime e um mistério que vai surpreender boa parte da platéia.

Shattered, EUA, 1991 ■ Direção e roteiro: Wolfegang Petersen n Com Tom Berenger, Greta Scacchi, Bob Hoskins ■ Paris

LINDA, LOUCA E PERIGOSA

Arye Gross é Mathew, um recepcionista de hotel especialista em contar mentiras para chegar perto de personalidades. Um dia, dá de cara com a *top model* francesa Hexina (Claudia Christian) e para se aproximar dela finge ser uma outra pessoa. A tática dá certo, mas o que Mathew não podia prever é que Hexina é uma assassina psicótica. Para piorar, a modelo pensa que ele é quem a está chantageando com fotos comprometedoras. Como qualquer comédia americana recente que se preza, *Linda, Louca e Perigosa* não deixa de fazer paródias das cenas de sexo de *Instinto Selvagem* e *Atração Fatal*. O diretor, o estreante Alan Spencer, aproveitou também para tirar sarro do incidente que envolveu Rodney King (o negro que foi espancado pela polícia de Los Angeles). Só que no filme, quem é surrado é um ator branco (Ray Baker).

Hexed, EUA, 1993 ■ Direção e roteiro: Alan Spencer ■ Com Arye Gross, Claudia Christian, Adrienne Shelly, Ray Baker ■ Columbia TriStar

BOLSA DE CINEMA

FILME DO MÊS: *Pepi, Luci, Bom* (Belas Artes)

Cansada de tanta animação by Disney, a crítica vem se deliciando com as pirações de Almodóvar

	Christian Petermann Bela da Vida Nova Cultural	Inácio Araújo Folha de S. Paulo	Neusa Barbosa Veja São Paulo	Wilson Cunha Globo.com	José Eduardo Mendonça Playboy	Marcelo França Mendes Mostra Banco Nacional	Luiz Zanin Oricchio O Estado de São Paulo	Celso Arnaldo Araújo Revista Manchete	Luciano Trigo O Globo	Maria Angela de Jesus Jornal do Vídeo	Média
1º *Pepi, Luci, Bom* (Belas Artes)	7	7	8	8	5	5	-	-	8	-	6.9
2º *Perdas e Danos* (Paris)	5	5	10	6	8	5	8	6	6	8	6.7
3º *Para o Resto de Nossas Vidas* (Look)	7	4	8	9	8	7	7	-	3	7	6.6
4º *Madame Bovary* (Flashstar)	6	8	5	8	6	6	7	6	6	-	6.4
5º *Romance de Outono* (Fox)	7	-	7	6	-	-	4	7	6	7	6.3
6º *Retorno de um Estranho* (Warner)	-	3	5	6	-	-	-	7	5	-	5.2
7º *Eternamente Jovem* (Warner)	4	-	6	3	7	4	3	3	-	5	4.4
8º *Proposta Indecente* (UIP)	-	2	4	2	6	5	-	-	-	5	4
9º *Vencer ou Morrer* (Columbia)	3	-	2	4	4	2	3	6	5	-	3.6
10º *Jogos de Adulto* (Columbia)	2	-	2	0	-	4	-	5	6	5	3.4

LOVE FIELD – CONFLITOS DE AMOR

Michelle Pfeiffer concorreu ao Oscar deste ano com sua atuação em *Conflitos de Amor*. A história se passa uma semana após a morte de John Kennedy e aborda os problemas de um relacionamento inter-racial nos Estados Unidos. Michelle é Lurene Hallett, uma dona-de-casa sulista oprimida pelo marido que decide ir ao funeral do ex-presidente. No ônibus, ela conhece Paul Cater (Dennis Haysbert, fazendo o papel que Denzel Washington desistiu na última hora), um personagem muito parecido com o negro educado, virtuoso e inteligente que Sidney Poitier personificou em muitos filmes. Enquanto os dois fazem a longa viagem, dá-se início a uma amizade que vai progredir até o perigoso ponto em que passa a incomodar a conservadora sociedade americana. O diretor Jonathan Kaplan ampliou a história de amor com elementos de suspense, incluindo crimes e surpresas no roteiro.

Love Field, EUA, 1992 ■ Direção: Jonathan Kaplan ■ Com Michelle Pfeiffer, Dennis Haysbert, Brian Kerwin, Stephanie McFadden ■ Columbia TriStar

LEPRICON, O DUENDE

Warwick Davis, um dos simpáticos anões de *Willow*, agora empresta a sua pequena figura para um filme de terror baseado numa lenda irlandesa. Dirigido e escrido por Mark Jones, *Lepricon, o Duende* começa na Europa, onde um americano espertalhão (Dan O'Grady) engana o Leprechaun e rouba-lhe cem moedas de ouro. Aprisionado e levado para os Estados Unidos, o malévolo duende é inadvertidamente libertado dez anos depois, quando dá início à sua vingança. O filme apela em alguns momentos para o humor negro mais escrachado, como na cena em que a heroína Tory (Jennifer Aniston) fura uma das vistas do Leprechaun e o duende, para recuperar o órgão perdido, arranca um dos olhos de um guarda.

Leprechaun, EUA, 1992 ■ Direção e roteiro: Mark Jones ■ Com Warwocl Davos, Jennifer Aniston, Ken Olandt, Mark Holton, Dan O'Grady ■ PlayArte

ESTRÉIAS EM JUNHO NOS EUA

Stills

SLEEPLESS IN SEATTLE
Diretor: Nora Ephron
Elenco: Tom Hanks, Meg Ryan
Sinopse: um garoto órfão de mãe vai a um programa de rádio de alcance nacional fazer campanha para arrumar uma nova esposa para o pai (Tom Hanks). Meg Ryan é a repórter que se interessa pela oferta.
Distribuição: TriStar

THE FIRM
Diretor: Sidney Pollack
Elenco: Tom Cruise, Jeanne Tripplehorn
Sinopse: Tom Cruise é um jovem advogado que entra em uma grande empresa do sul dos Estados Unidos e começa a descobrir uma série de irregularidades. Baseado no best seller de mesmo nome
Distribuição: Paramount

IN THE LINE OF FIRE
Diretor: Wolfgang Petersen
Elenco: Clint Eastwood, John Malkovich
Sinopse: agente secreto (Clint Eastwood) que se culpa por não ter evitado a morte de John Kennedy vai ter nova chance quando um maníaco (John Malkovich) ameaça outro presidente
Distribuição: Columbia

HOCUS POCUS
Diretor: Kenny Ortega
Elenco: Bette Midler, Sarah Jessica Parker, Kathy Najimy
Sinopse: três bruxas acordam depois de 300 anos e começam a aprontar malvadezas
Distribuição: Disney

DENNIS THE MENACE
Diretor: Nick Castle
Elenco: Walther Matthau, Kevin McCallister
Sinopse: versão da história de Hank Ketcham sobre o mais pentelho de todos os garotos do mundo, Pimentinha. Diz-se que a dupla Pimentinha/Sr. Wilson vão arrancar muitas gargalhadas da platéia.
Distribuição: Warner Bros.

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES
Produção: estúdios Disney
Diretor de animação: Ally Johnston
Sinopse: relançamento nos cinemas americanos de um dos clássicos de Walt Disney, que estreou no Natal de 1937. *Branca de Neve e os Sete Anões* continua emocionando os corações.
Distribuição: Walt Disney.

FOR LOVE OR MONEY
Diretor: Barry Sonnenfeld
Elenco: Michael J. Fox, Gabrielle Anwar
Sinopse: Fox volta às telas com esta comédia romântica como um atendente de hotel que tenta convencer um milionário a investir no seu negócio
Distribuição: Universal

LASERDISC

VERSÕES EXTRAS

2001: A SPACE ODISSEY
(MGM/UA)

Para comemorar o 25º aniversário deste clássico da ficção científica, a MGM está lançando uma edição especial remasterizada e com informações extras sobre a feitura do filme.

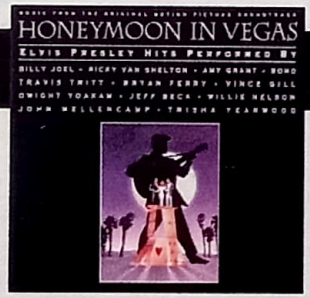
PINOCCHIO DELUXE LASERDISC EDITION
(Walt Disney)

Walt Disney

O lançamento dessa animação em laser está rendendo muita controvérsia nos EUA: além do preço (100 dólares), contém o mesmo *making of* da fita VHS. No entanto, o formato CAV permitiu a adição de um apêndice com imagens da produção e cenas que foram cortadas ou modificadas na versão dos cinemas.

BLADE RUNNER: DIRETOR'S CUT
(Warner)

Harrison Ford nunca escondeu seu descontentamento com a versão de *Blade Runner – o Caçador de Andróides* que foi para as telas em 1982. Nem o diretor, Ridley Scott, se deu por completamente satisfeito com a montagem que, no fim das contas, foi-lhe imposta pelo estúdio. Só agora, uma década mais tarde, o mundo pode conhecer *Blade Runner* como foi concebido originalmente por Scott: sem a narração em off de Decker (Ford, em protesto à imposição, havia narrado num tom monocórdico, sonolento, quase malcriado), sem o final feliz, e com a adição de cenas (como a em que Decker sonha com um unicórnio) que indicam – ao contrário do visto na versão antiga – que o protagonista, também, pode vir a ser um andróide.



TRILHAS SONORAS

MÚSICA COM VIDA PRÓPRIA

O AMANTE
(EMI/Virgin)

Desde a década de 80, a música de cinema – a americana em particular – não tem demonstrado a inspiração e o ecletismo de tempos mais felizes, rebatendo *ad nauseam* os mais desgastados clichês. Mas felizmente há exceções: o europeu Gabriel Yared, ao lado de seu colega Angelo Badalamenti, se encarrega de levar adiante a tradição da trilha com vida própria, que era muito comum nos anos 60 e 70.

Se em *O Amante* não se encontra o mesmo nível de inspiração presente em *Betty Blue* (uma das melhores trilhas da década passada), o disco agrada como um belo mosaico de estilos musicais que inclui charleston, foxtrot, marcha e valsa, além dos suaves e agradáveis temas orquestrais. Sem trazer qualquer novidade, a trilha soa como uma educação do gosto (coisa que se aplica, aliás, a todo o maravilhoso e assustador mundo das trilhas sonoras).

Um excelente lançamento da EMI, que lembra a nossos ouvidos fatigados de tanto lixo musical o quanto a boa música continua sendo o que sempre foi: boa. A edição em CD traz uma ficha técnica exemplar, coisa rara em se tratando de trilhas sonoras.

Carlos José Ribeiro

HONEYMOON IN VEGAS
(Sony)

A trilha sonora original do filme inédito no Brasil (com Nicolas Cage e James Caan nos papéis principais), reúne rocks que foram sucesso com Elvis Presley. Produzida por Peter Afterman e Glen Brunman, vem com interpretações de Bryan Ferry, Jeff Beck, Bono Vox, John Melencamp, Willie Nelson, Billy Joel e Amy Grant, entre outros.

São treze faixas, intercalando hits de Elvis dos anos 50, 60 e 70. A estrutura das composições foi mantida, com alguns arranjos fiéis aos originais e outros mais modernos. A simpática "All Shook Up" gravada por Presley na década de 50 (cujo sucesso transformou o seu título em expressão popular entre os americanos) ganha charme na voz do americano Billy Joel.

A performance de Amy Grant para "Love Me Tender" vale uma audição. Ela, piano e chimbau, tocado com baqueta vassourinha, dão um toque especial. Crédito também para Bryan Ferry em "Are You Lonesome Tonight?", com andamento mais rápido; Dwight Yoakam na interpretação vigorosa de "Suspicious Minds"; John Melencamp em "Jailhouse Rock" e o guitarrista Jeff Beck na versão instrumental de "Hound Dog" (de 1956) e que vendeu mais de 5 milhões de cópias num ano. O irlandês Bono Vox, do U2, dá o recado em "Can't Help Falling In Love", composta para a trilha do filme *Blue Hawaii*. Como sempre improvisando, é o melhor momento do disco, quando a voz grave de Bono dá um toque original à música. Vale salientar que Bono é fã de Elvis, para quem fez "Elvis Presley and America", que está em *Unforgettable Fire*.

Fernanda Teixeira

EQUIPAMENTOS

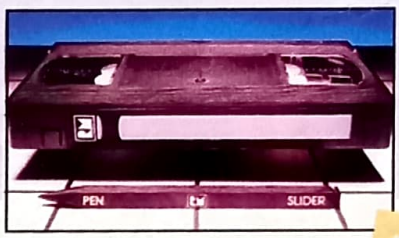
AS ÚLTIMAS DA UD/93

MINIPROJETOR

A grande atração da Philips foi um projetor de cristal líquido pesando apenas 1,6 kg. Demonstrado em sala isolada acusticamente, os espectadores ficavam boquiabertos pela qualidade visual e auditiva do minúsculo projetor, capaz de reproduzir imagens de TV e vídeo numa tela de até 50 polegadas. O preço de lançamento é para poucos – US$ 1.200.

ADEUS ÀS ETIQUETAS DE PAPEL

A Radiocom Telecomunicações lançou com exclusividade no Brasil o Re-Markable, uma etiqueta plástica remarcável para identificar as fitas que é colada no rebaixo destas. Deslizando-se o minicursor, tudo o que foi escrito é apagado, permitindo a retitulação com uma caneta especial que não solta tinta. A etiqueta tem o mesmo tempo de vida útil da fita e não estraga com água. O kit, com cinco etiquetas e uma caneta, custa em torno de U$10 e pode ser encontrado nas videolocadoras e casas de vídeo/foto/som. Para os varejistas interessados, o telefone é (021) 240-5290.



TV E VÍDEO COMBINADO

Vedetes nos Estados Unidos tanto na área de áudio quanto de vídeo, os aparelhos combinados ainda não fazem muito sucesso no Brasil. No entanto, a empresa Emerson investe no segmento e lançou três modelos de TV com vídeo acoplado. A diferença entre os *comb* (como são chamados nos EUA) são as polegadas da tela, 10, 14 e 20. Com exceção do de 10' (também o único a funcionar com corrente elétrica e bateria) os aparelhos têm o selo "high quality" de reprodução de imagem.

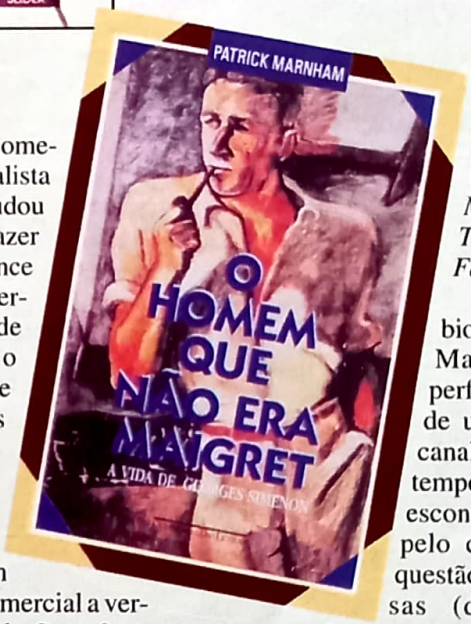
LIVRO

O MAIOR DOS CANALHAS

O HOMEM QUE NÃO ERA MAIGRET – A VIDA DE GEORGES SIMENON
(Companhia das Letras)

Georges Simenon foi provavelmente o autor mais prolixo do século 20: escreveu 193 romances assinados com seu próprio nome e mais de 200 sob dezoito pseudônimos; as vendas de seus livros ultrapassavam a casa dos 500 milhões de exemplares no mundo todo; datilografava mais de 80 páginas por dia e levava menos de duas semanas para escrever uma obra; 55 filmes de cinema foram adaptados de seus livros e 279 para a televisão.

Simenon, nascido em Liège (Bélgica) a 13 de fevereiro de 1903, começou a trabalhar como jornalista aos 16 anos e aos 19 se mudou para Paris determinado a fazer sucesso. O primeiro romance publicado com seu nome verdadeiro, *Pietr-le-Letton* (de 1931), foi onde introduziu o Inspetor Jules Maigret, que ao lado de Sherlock Holmes é um dos mais famosos detetives de toda a literatura.



As aventuras de Maigret foram para o cinema pelas mãos de Jean Renoir. Em 1932, chegava ao circuito comercial a versão de Renoir para *La Nuit du Carrefour*, aclamada pela crítica mas que deixara as platéias confusas porque um dos carretéis tinha sido permanentemente trocado. O primeiro contrato de Simenon com Hollywood foi para adaptar *La Tête D'un Homme*, que nos cinemas recebeu o título de *The Man on the Eiffel Tower*, com Charles Laughton no papel de Maigret e Burgess Meredith na direção. Na televisão, Maigret teve duas séries, *Maigret* (1963) e *Thirteen Against Fate* (1967).

Essa exaustiva biografia de Patrick Marnham dá um perfil bem completo de um dos maiores canalhas de todos os tempos. Simenon não escondia isso, muito pelo contrário, fazia questão que suas esposas (duas oficiais) soubessem de seus eternos casos amorosos. Georges Simenon (falecido em 4 de setembro de 1989) fazia questão de contar que fizera sexo com dez mil mulheres. Apesar disso, era um pai dedicado e nunca se recuperara do suicídio de sua filha Marie-Jo, aos 25 anos. Em seu último livro escreveu que "a gente nunca se recupera da perda de uma filha. Deixa um vazio que nada pode preencher".

WITH CHARLES
IN PROJECTOR

Criador de Monstros

Espécie de versão punk do Dr. Frankenstein, Harryhausen deu vida às mais estranhas criaturas

Ray Harryhausen e três das criaturas que imaginou para *Fúria de Titãs* (1983): Kraken, na página oposta, Medusa e Pégaso, na página seguinte

Os monstros e seres fantásticos criados por Ray Harryhausen não têm freqüentado a TV tanto quanto em outros tempos. Mas é difícil que qualquer pessoa interessada em cinema já não tenha visto algum deles, mesmo que de maneira indireta. Harryhausen vem sendo continuamente citado pelos cineastas norte-americanos da "linhagem" de Spielberg. Não são poucos os filmes de ficção ou terror em que uma tela de cinema ou televisão exibe o dinossauro destruidor de *O Monstro do Mar* ou o Ymir de *A Vinte Milhões de Milhas da Terra*.

Harryhausen desenvolveu de tal maneira a animação em *stop-motion* que não é raro vê-lo citado como sendo o "pai" da técnica. O *stop-motion*, que basicamente é a filmagem quadro a quadro de bonecos ou objetos para simulação de movimento, é na verdade um truque mais antigo que seu mestre. Harryhausen foi fascinado por ele aos 13 anos, assistindo à primeira versão de *King Kong*, dirigida por Merian C. Cooper e Ernest B. Shoedsack. Na fita, o *stop-motion* já era empregado de maneira bastante sofisticada, combinado com a *rear projection*, uma projeção por trás da ação animada que permitia, por perspectiva forçada, fazer do boneco de Kong um gigante contracenando com minúsculos atores reais.

Foi o bastante para acender a imaginação do garoto-prodígio da família Harryhausen. Assim como Spielberg faria anos mais tarde, Ray começou a produzir seus próprios filmes com material que tinha em casa e uma pequena câmera de 16 mm. Enquanto estudava desenho e teatro, foi criando um zoológico de pequenas criaturas, que mais tarde, em 1938, serviram para fazer suas primeiras tentativas no cinema profissional. Foi apadrinhado por Willis O'Brien, o responsável pelos efeitos de Kong, mas teve de começar em funções menores, trabalhando para outro mestre do cinema de ficção, George Pal, e nos documentários de guerra de Frank Capra.

A estréia efetiva de Ray Harryhausen em longa-metragem se deu com a superprodução *Mighty Joe Young*, lançada em 1949. O trabalho foi iniciado três anos antes, em parceria com O'Brien. Ray acabou sendo responsável pela quase totalidade das seqüências de animação, que combinavam todos os efeitos desenvolvidos pelo seu mentor, como a *rear projection* e *matte painting* (cenários pintados em vidro e compostos com imagens reais).

Mas o macaquinho animado por Harryhausen em *Mighty Joe Young* não simbolizaria tanto seu trabalho quanto o dinossauro de seu filme seguinte, *O Monstro do Mar*, realizado com um terço do orçamento em comparação ao anterior. O monstro que aterroriza Nova York estreou um novo refinamento na combinação de animação e ação real. Usando máscaras pintadas em vidro para ocultar a plataforma de trabalho, Harryhausen posicionava seu monstro usando a *rear projection* como referência e gravava as imagens de fundo junto com o boneco. O filme resultante então era refotografado quadro a quadro para sobrepor as áreas do fundo original que deveriam estar em primeiro plano sobre a criatura. Assim ele criou a ilusão do réptil andando por entre pessoas e carros reais ou saindo por trás de esquinas.

O sucesso do filme logo inspirou a encomenda de outros monstros. Em 1955, Harryhausen fez sua primeira parceria com o produtor Charles Schneer criando uma lula gigante que destrói a Golden Gate de San Francisco, em *O Monstro do Mar Revolto*. Para Irwin Allen, reproduziu aspectos da vida dos dinossauros em

The Animal World. Criou uma aterrorizante invasão de alienígenas em Washington, em *Earth Versus the Flying Saucers* (1956), fazendo com que suas maquetes de discos voadores projetassem sombra no chão de imagens reais. O Ymir, um de seus monstros mais copiados, surgiu no mesmo ano em *Vinte Milhões de Milhas da Terra*, vindo de Vênus para fazer estragos em Roma.

Ray Harryhausen estreou suas animações em cores com A *Sétima Viagem de Simbad* (1958), o filme que pôs seu nome nos cartazes dos cinemas pela primeira vez. Um trabalho cuidadoso de pré-produção com Schneer permitiu cenas que pertencem à antologia de sessões da tarde de muitos cinéfilos, como a batalha entre um cíclope e um dragão, tendo como fundo as rochas de uma praia espanhola. O problema principal do animador foi conseguir igualar as cores das seqüências reais com as dos *takes* de *stop-motion*, levando em conta também a granulação da película, obviamente diferente entre imagens tomadas a distância e as filmadas a partir de miniaturas.

O sucesso do filme permitiu que, no ano seguinte, Harryhausen e sua equipe mudassem o endereço para Londres, aproveitando os custos de produção mais baixos nas ilhas britânicas. Da nova base logo saíram efeitos para *As Aventuras de Gulliver* (1960) e *A Ilha Misteriosa* (1961).

Foram preparativos para o mais impressionante trabalho de Ray, *Jasão e o Velocino de Ouro* (1963), no qual ele pôde exercitar plenamente sua paixão de infância pela mitologia clássica. O ponto alto do filme é o combate entre Jasão e sete esqueletos espadachins. Ainda hoje, em tempos de Industrial Light & Magic, impressiona a precisão de movimentos e o surrealismo da seqüência.

A "fase de ouro" de Ray Harryhausen se fecha com os três filmes seguintes, *Os Primeiros Homens na Lua* (1964), *Mil Séculos antes de Cristo* (1966), em que Rachel Welch é uma troglodita que quase vira comida de dinossauro, e *Valley of Gwangi* (1968), também com um lagarto gigante como astro principal. Harryhausen e Schneer produziram mais três filmes: duas seqüências tardias de *Sinbad – The Golden Voyage of Sinbad* (1973) e *Sinbad and the Eye of the Tiger* (1977) – e *Fúria de Titãs* (1983), seu projeto mais caro (US$ 15 milhões), por causa do elenco de convidados ilustres, não pela animação.

Se nunca teve um especial apreço da crítica durante sua carreira, Harryhausen pelo menos já contava com admiradores importantes, principalmente entre os fundadores da Industrial Light & Magic. A influência do mestre está em filmes como *Dragonslayer* e *O Império Contra-Ataca* (*The Empire Strikes Back*, 1980), que demonstram a aplicação de uma variação mais avançada de sua técnica, batizada de *go-motion*, que procura contornar o movimento "quebrado" característico da animação quadro a quadro.

O penúltimo projeto de Harryhausen, *Force of the Trojans*, deveria ter incluído a colaboração com a IL&M, mas não houve estímulo dos distribuidores para colocar o filme em andamento. Apesar de ter ficado de fora do Oscar (sua única estatueta teve de ser dividida com Willis O'Brien por *Mighty Joe Young*), Harryhausen pelo menos teve seu talento reconhecido em vida – passou os últimos anos abrindo exposições de seus trabalhos em museus dos EUA e Europa e participando de convenções. E, no ano em que Spielberg retoma os dinossauros como monstros destruidores em seu *Jurassic Park* os lagartos de Ray Harryhausen parecem ter seu momento de glória.

Marcos Smirkoff

RICK MORANIS
EM
QUERIDA, ESTIQUEI O BEBÊ

(HONEY, I BLEW UP THE KID)

EM JULHO, NAS LOCADORAS.

"Making of" exclusivo com os truques dos incríveis efeitos especiais.

- A aventura continua. Os mesmos atores de *Querida, Encolhi as Crianças* estão de volta para divertir toda a família.
- Fitas dubladas ou legendadas. Dê uma esticadinha até a sua locadora.

©The Walt Disney Company.

WALT DISNEY PICTURES apresenta RICK MORANIS "QUERIDA, ESTIQUEI O BEBÊ" (HONEY, I BLEW UP THE KID) Uma Produção de EDWARD S. FELDMAN Um Filme de RANDAL KLEISER MARCIA STRASSMAN LLOYD BRIDGES ROBERT OLIVERI JOHN SHEA Música de BRUCE BROUGHTON Produtor de Efeitos Visuais THOMAS G. SMITH Montagem MICHAEL A. STEVENSON, A.C.E. Desenhista de Produção LESLIE DILLEY Diretor de Fotografia JOHN HORA, A.S.C. Co-Produtor DENNIS E. JONES Produtores Executivos ALBERT BAND e STUART GORDON Baseado em Personagens Criados por STUART GORDON & BRIAN YUZNA & ED NAHA História de GARRY GOODROW Roteiro de THOM EBERHARDT e PETER ELBLING & GARRY GOODROW Produzido por DAWN STELL e EDWARD S. FELDMAN Dirigido por RANDAL KLEISER Apresentado em associação com TOUCHWOOD PACIFIC PARTNERS I

WALT DISNEY HOME VIDEO

abril vídeo

EDITORA
AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

SET
CINEMA & VÍDEO

Diretor-Gerente: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Diretor: José Augusto Lemos
Redator-Chefe: Edson Arantes
Editora: Deborah Peleias
Editor-Executivo: Dilson Pedro Gomes
Editor-Contribuinte: André Forastieri
Redator: Vitor Paolozzi
Diretor de Arte: Michel Spitale
Chefe de Arte: Maria Amélia Azevedo
Coordenador de Produção: Marcelo de Castro
Diagramador: Izaú Norbertino
Correspondente (Los Angeles): José Emilio Rondeau
Colaboradores - Texto: Adahil Félix, Adilson Laranjeira, Alex Antunes, Alexandre Nagado, André Barcinski, Atílio Leone, Carlos Eduardo Miranda, César Garcia Lima, Christian Petermann, Erika Palomino, Fabiano Liporoni, Fernanda Teixeira, Francisco Costa, Gerson Lodi-Ribeiro, Hamilton Rosa Jr., Marcos Smirkoff, Marcos Strecker, Marcelo Rezende, Niki Nixon, Paulo Gustavo Pereira, Ricardo Lombardi, Roberto Rios, Rogério de Campos, Sheila Nassar, Thales de Menezes. **Fotografia:** Ivan Cameiro. **Revisão e Preparação de Texto:** Alexandre Ortiz Ramos. **Ilustração:** Alex Semanbi

PUBLICIDADE
Diretor: Claudio Santos
Supervisores de Contas: Maira Gisele Magno, Nilo Galdeano Bastos, Oscar de Oliveira
Diretor de Vendas: Oswaldo Maffei Jr.
Contatos: Ana Maria Lobo, Marília Hindi (Dir.), Reginaldo Andrade (Ag.)
Supervisora de Vendas (Rio): Lídia Camarate
Marketing Publicitário: Marta de Moraes
Coordenadores: Igor Assan, José Soares

COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Planejamento e Controle: Ana Camargo
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Promoções: Sandra Galli Ponsoni

Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazão
Azul Press-Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Operações Editoriais: Rossane Gonçalves Costa
Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

SET é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **ISSN 0104 -1592,** edição 72, junho de 1993. **São Paulo - Redação e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel: (011) 816-7866, Caixa Postal 66254, CEP 05389-970, telex: (011) 83178, fax: (011) 813-9115. **Rio de Janeiro**: Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35, Centro, CEP 20020-080, tel: (021) 532-0313, telex: (021) 36890, fax: (021) 532-1486. CP 4816. **Assinaturas:** valor de capa multiplicado pelo número de edições anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em cruzeiros, da parte do preço total paga antecipadamente e correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com a variação do IPCA (divulgado pelo IBGE) ou outro indexador que venha a substituí-lo. Com sua assinatura, seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas para fins unicamente de divulgação e promoção de seus produtos, que julgamos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio d e seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Distribuída com exclusividade no país pela **ANER** DINAP. **Serviço ao assinante:** tel. (011) 823-9222 **IVC**

Fotolito: Postscript , Bureau Azul, Fotoline Ltda.
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A

VOCÊ PODE APENAS LIGAR O RÁDIO, OU SINTONIZAR A ALPHA FM

e ouvir as melhores músicas nacionais e internacionais de todos os tempos, e ainda, estar sempre bem informado com os boletins econômicos e últimas notícias do Brasil e do mundo.

A ESCOLHA É SUA.

PÁTIO

ALPHA FM

101,7 MHz

FREQÜÊNCIA DE CLASSE

EDITORA
AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

CONTIGO
Atualidades - TV

BIZZ
Rock, Pop, Comportamento

LETRAS TRADUZIDAS
Fotos e Letras Traduzidas

SET
Cinema e Vídeo

SET 1000 VÍDEOS
Seleção dos Melhores Vídeos

OS CAMINHOS DA TERRA
Natureza, Aventuras e Ecologia

FLUIR
Surf

BOA FORMA
Ginástica, Esporte e Saúde

HORÓSCOPO
Astrologia

HORÓSCOPO ANUAL
Previsões

SAÚDE É VITAL
Prevenção e Saúde

CARÍCIA
Comportamento Jovem

AÇÃO GAMES
O Mundo dos Games

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5777 - CEP 05479-900 - Tel.: (011) 816-7866 - Fax: (011) 813-9115 - São Paulo - SP
Rio de Janeiro: Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20020-080 - Tel.: (021) 532-0313 - Fax: (021) 532-1486 - CP 4816
Los Angeles (EUA): 1840 N. Beverly Glen Dr. - 90077 - Phone: (213) 474-7851
Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street - Suite 3403 - New York - N.Y. 10165 - Phone: (001212) 557-5990/ 5993 - Telex: (00) 237670 - Fax: (001212) 983-0972
Paris: 33, rue de Miromesnil - 75008 - Paris - Phone: (00331) 42.66.31.18 - Telex: (0042) 660731 ABRILPA - Fax: (00331) 42.66.13.99

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: Espaço Com. Int. e Consult. Ltda. - SDS Ed. Venâncio, III - sala 202 - CEP 70300 - Brasília/DF - Tel.: (061) 223-2134 - Fax: (061) 226-3644
Campinas: CZ Press - Com. e Representações Ltda. - Rua Antônio Cesarino, 967 - CEP 13015-291 - Campinas/SP - Tel./ Fax: (0192) 32-7975
Minas Gerais: M.A.M. Publicidade e Repres. Ltda. - Rua Timbiras, 1560 - sala 1904 - Ed. City Center - CEP 30140 - Belo Horizonte/MG - Tel.: (031) 224-9534 - Fax: (031) 226-2059
Paraná: M.L.C. - Representações Comerciais - R. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604 - Bloco B - CEP 80530-905 - Curitiba/PR - Tel.: (041) 253-4048 - Fax: (041) 252-2844
Rio Grande do Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502 - cj. 206 - CEP 90060 - Porto Alegre/RS - Tel./Fax: (051) 223-9528
Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 9 - Cond. Village II - Florianópolis/SC - Tel.: (0482) 32-0519

A maior novidade da BiZZ é a própria BiZZ.

Tudo sobre o disco do titãs.
Porque os programas jovens são uma droga.
Os piores discos de todos os tempos.
Os anos dourados dos Rolling Stones.

Com A BIZZ Você Vai Mais Longe. Antes Que Tudo Aconteça.

Já nas bancas

EDITORA AZUL

A Mão da Discórdia

Venho através desta seção repudiar o comentário sobre o filme *A Mão que Balança o Berço* na seção *Videolançamentos* da edição nº 3, ano 7. A crítica simplesmente desmanchou o bom trabalho do diretor Hanson sem considerar o público que proporcionou a oitava maior bilheteria de 1992 nos EUA.
José Edgar dos Santos
Iguatu - CE

Sou leitor e assinante de SET por dois motivos: 1) por creditar a esta revista os mais contundentes elogios no que diz respeito à minúcia de detalhes na confecção das matérias, recheadas de fotos, às vezes verdadeiras relíquias; 2) por utilizá-la como instrumento de trabalho, pois como proprietário de videolocadora dedico especial atenção à seção *Videolançamentos*. Devo confessar que venho me decepcionando com a seção. Além de trazer filmes lançados em diferentes meses, todos sob o mesmo "teto", nos coloca ainda à mercê de uma cotação feita por críticos cuja capacidade começo a questionar. Querem exemplo? Então vamos lá: a edição nº 3, ano 7, dá três estrelas para o breguíssimo *Gaiola da Morte* (duvido que mais alguém da equipe, além do resenhista, tenha assistido ao filme). Enquanto isso, duas páginas à frente, *A Mão que Balança o Berço* estampa sua minguada estrelinha, na visão de uma crítica que "cresceu sentindo calafrios na espinha". Concordo que o filme não é nenhuma obra-prima do cinema, mas colocar seu elenco e direção abaixo de *Gaiola da Morte* é no mínimo falta de respeito para com aqueles que levam a sério as matérias desenvolvidas nesta revista. Posso até afirmar que não me decepcionei com Deborah Peleias; muito ao contrário, deveria parabenizá-la pela fórmula utilizada para sair do anonimato. Mas, uma coisa me intriga: como SET deixou passar atitude tão irresponsável? Digam-me que foi brincadeira de mal gosto e perdoarei vocês por isso, continuando assim a acreditar que este é um veículo informativo sério e digno instrumento de apoio no cotidiano das videolocadoras, e não apenas um espaço para divertir e treinar críticos/jornalistas principiantes às custas de nossa confiança e, principalmente, nosso "money".
Vinicius Vieira Pereira/
Video Mix
Campo Grande – MS

Deborah Peleias responde: Confesso que fiquei mais chocada com a malhação para cima de mim do que vocês com (como mesmo tacharam) minha atitude irresponsável ao escrever mal e cotar com apenas uma estrela a oitava maior bilheteria americana de 92. Se vocês bem se lembram, era assim mesmo que começava o texto, cuja função, por opção editorial, foi "alertar" sobre um filme que fez bilheteria (sim) mas que (vamos lá!) deixa a desejar. Talvez meu erro tenha sido escrever em primeira pessoa; quem sabe não chocaria tanto aos leitores se não tivesse feito assim. No entanto, não me arrependo e acho que a polêmica saudável vale a pena.

Imprevistos de Novos Filmes

Não poupo elogios ao trabalho que SET desenvolve, mas estou descontente com a seção *Novos Filmes*. Eu como muitos outros cinéfilos inveterados curtimos muito as fichas técnicas e sempre fico de olho nos lançamentos. No entanto, tenho observado que os filmes desta seção nunca coincidem com a data de lançamento nos cinemas. Isto sem falar nos títulos em português, como *Strictly Ballroom* e *A Mulher do Soldado*. Aliás, por que vocês não publicam um índice de SET? Sou assinante há três anos e para consultar a coleção é sempre um trabalhão.
Sílvio Fernandes
Rio de Janeiro – RJ

O negócio é o seguinte: as distribuidoras de cinema no Brasil são completamente imprevisíveis. Nunca sabemos ao certo se a data de lançamento que elas nos passam será realmente cumprida. Quanto aos títulos que você citou, ocorreu que Strictly Ballroom *ia ser lançado, segundo a própria distribuidora, com o título original. No final das contas, titularam* Vem Dançar Comigo. *Quanto a* The Crying Game, *a Look (responsável pelo filme) fez uma enquete com os jornalistas da área para saber qual seria o melhor título dentre três alternativas. Venceu, na época,* A Mulher do Soldado. *Para nossa surpresa, ele chegou aos cinemas como* Traídos pelo Desejo. *Você não pode imaginar a labuta desta redação para conseguir uma informação... Às vezes, não há mais tempo para parar as máquinas. Certo?*

Mais Malhação

Venho aumentar a lista (que não é pequena) de leitores revoltados com a péssima qualidade da revista atualmente. E o pior é que a maioria das cartas são só reclamações e mesmo assim a revista continua inabalavelmente ruim. Há um ano e meio vocês ouvem essa malhação toda e não tomam uma atitude. Por isso, não acredito que minha carta vá mudar algo. Só falta o enterro, pois a SET já morreu.
Eduardo Simeão Duarte
Rio de Janeiro – RJ

Bem, se publicássemos todas as cartas elogiosas, ou apenas elas, vocês leitores nos escreveriam dizendo que somos pretensiosos. Se publicamos as que malham, não temos vergonha na cara por não fazermos nada. É duro agradar a gregos e troianos...

Van Damme, Não!

Já está dito e provado que Jean-Claude Van Damme é uma imitação de ator, desprezado pelo público americano porque é uma imitação fajuta de Rocky Stallone. Só não rasgo as páginas de SET (nº 4, ano7) para não estragar a entrevista com Sam Raimi e a matéria sobre *Sommersby*. Pelo amor da mãe de vocês e também da minha, não publiquem mais sobre este ator.
Francisco Teixeira de
Oliveira Maceió – AL

Schwarza Agrada

Parabenizo SET pela maravilhosa edição de abril (nº 4, ano 7). A começar pela capa, que está de deixar as concorrentes no chão. Nota 10 para as matérias com Van Damme e *The Last Action Hero*.
Paulo Francisco
Jales – SP

A cada novo exemplar SET vem se superando. Por exemplo a edição nº 4, ano 7. As super-reportagens com *The Last Action Hero*, *Sommersby* e as seis deslumbrantes páginas com o maior ator de todos os tempos, Al Pacino – espetaculares. Afora a cotação dada ao vídeo *Madonna Live – The Virgin Tour*, SET está perfeita.
Cecília Melo da Silva
Fortaleza – CE

SET nº 4, ano 7, está estupenda. A capa magnífica e as seções, extraordinárias. A nota "Nos Bastidores do Oscar" foi o melhor da edição, a matéria sobre o novo Van Damme, melhor impossível e fora as informações quentíssimas sempre em primeira mão, como as do novo filme de Arnold Schwarzenegger, que promete!
Jadir Marcos
Recife – PE

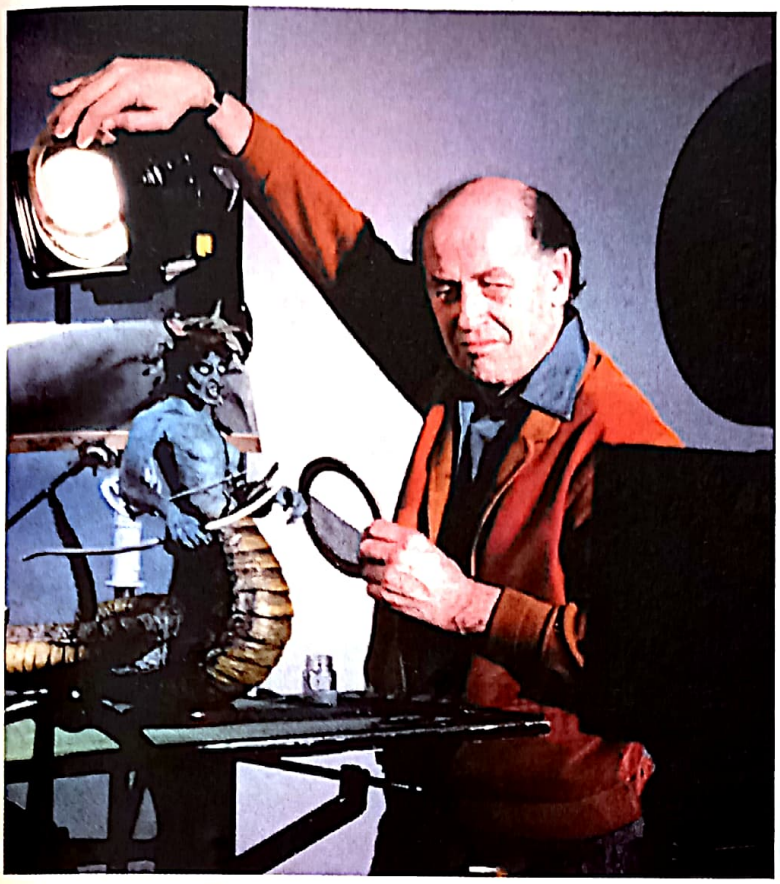
Oscar na Cabeça

Parabenizo SET pela edições de nºs 3 e 4, ano 7, pela idéia genial de publicar toda a história da maior festa do cinema, o Oscar.
Rogério S. Costa Jr
Candeias – BA

Quero manifestar minha satisfação com os últimos exemplares de SET, porque senti uma melhora acentuada principalmente pela matéria "Oscar Histórico" (edições nºs 3 e 4, ano 7).
Valdemir Franchini
Porto Alegre – RS

Errata

Na entrevista com Sam Raimi às páginas 26 e 27 da edição nº 4, ano 7: leia-se "o ser humano não consegue ser mais simpático do que ele" e não "o ser humano não consegue deixar..." (primeiro parágrafo); e na penúltima pergunta, leia-se "Acho *A Hora do Pesadelo 3* o último 'Pesadelo' decente" e não "Acho *A Hora do Pesadelo 3* e *Pesadelo Final – ...*" Estes erros foram cometidos pela redação na digitação e, como mudam o sentido da frase, o autor pediu que retificássemos.



MGM

RAY HARRYHAUSEN

Animador, criador de efeitos especiais e produtor, nascido em Los Angeles, em 1920. Ray Harryhausen animou inúmeros filmes de horror e ficção dos anos 50 aos 80, criando monstros enfurecidos para *Mighty Joe Young*, exércitos de esqueletos de batalha para *Jasão e o Velocino de Ouro* e bestas pré-históricas ameaçadoras para *Mil Séculos Antes de Cristo*.

Efeitos Especiais: 1949: MIGHTY JOE YOUNG (de Ernest B. Schoedsack) ■ 1953:O MONSTRO DO MAR (*The Beast From Twenty Thousand Fathoms*, de Eugène Lourié) ■ 1955: O MONSTRO DO MAR REVOLTO (*It Came From Beneath The Sea*, de Robert Gordon) ■ 1956: EARTH VERSUS THE FLYING SAUCERS (de Fred S. Sears); THE ANIMAL WORLD (de Irwin Allen) ■ 1957: A VINTE MILHÕES DE MILHAS DA TERRA (*Twenty Million Miles to Earth*, de Nathan Juran) ■ 1958: SIMBAD E A PRINCESA* (*The Seventh Voyage of Sinbad*, de Nathan Juran) ■ 1960: AS AVENTURAS DE GULLIVER (*The Three Worlds of Gulliver*, de Jack Sher) ■ 1961: A ILHA MISTERIOSA* (*Mysterious Island*, de Cy Endfield) ■ 1963: JASÃO E O VELOCINO DE OURO (*Jason and The Argonauts*, de Don Chaffey) ■ 1964: OS PRIMEIROS HOMENS NA LUA (*First Men In the Moon*, de Nathan Juran) ■ 1966: MIL SÉCULOS ANTES DE CRISTO (*One Million Years B.C.*, de Don Chaffey) ■ 1969: VALLEY OF GWANGI (de James O'Connelly) ■ 1973: THE GOLDEN VOYAGE OF SINBAD (de Gordon Hessler, também co-roteirista) ■ 1977: SINBAD AND THE EYE OF THE TIGER (de Sam Wanamaker) ■ 1981: FÚRIA DE TITÃS* (*Clash of The Titans*, de Desmond Davis)

GEORGE A. ROMERO

Diretor, produtor e roteirista nascido em Nova York, a 4 de fevereiro de 1940. George Romero é o inventor dos zumbis e tornou-se o mestre do terror com o filme *A Noite dos Mortos Vivos*.

1968: A NOITE DOS MORTOS VIVOS* (*Night of The Living Dead*) ■ 1971: THERE'S ALWAYS VANILLA (direção, fotografia e edição) ■ 1973: HUNGRY WIVES (direção, roteiro, fotografia e edição); O EXÉRCITO DO EXTERMÍNIO* (*The Crazies*, direção e roteiro) ■ 1978: MARTIN*; ZUMBI, O DESPERTAR DOS MORTOS* (*Dawn of The Dead*, direção, roteiro, edição e ator) ■ 1981: CAVALEIROS DE AÇO* (*Knightriders*, direção, roteiro e edição) ■ 1982: CREEPSHOW* (direção e edição do episódio "Something to Tide You Over") ■ 1985: DIA DOS MORTOS* (*Day of The Dead*, direção e roteiro) ■ 1988: COMANDO ASSASSINO* (*Monkey Shines: An Experiment in Fear*, direção e roteiro) ■ 1990: DOIS OLHOS SATÂNICOS* (*Two Evil Eyes*, direção e roteiro do episódio "The Facts in the Case of Mr. Valdemar"); CONTOS DA ESCURIDÃO* (*Tales From the Dark Side, The Movie*, roteiro de "Cat From Hell"); A NOITE DOS MORTOS VIVOS (*Night of The Living Dead*, produção executiva e roteiro) ■ 1991: THE DARK HALF

Como ator: 1988: LIGHTNING OVER BRADDOCK: A RUSTBOWL FANTASY

STEVEN SPIELBERG

Nascido em Cincinnati, a 18 de dezembro de 1947, Spielberg é um dos mais talentosos *filmmakers* de Hollywood: seis dos filmes que dirigiu estão na lista das maiores bilheterias de todos os tempos. Fez seu primeiro longa-metragem aos 16 anos, uma ficção científica intitulada *Firelight*. Em 1969 conseguiu entrar para a unidade de televisão do estúdio Universal ao apresentar seu curta *Amblin* (também o nome de sua produtora), onde posteriormente dirigiu episódios das séries *Night Gallery*, *Columbo* e *Marcus Welby, M.D.*

Filmes e minisséries para TV: 1969: NIGHT GALLERY ■ 1971: COLUMBO: MURDER BY THE BOOK ■ 1972: SOMETHING EVIL ■ 1973: SAVAGE ■ 1985: HISTÓRIAS MARAVILHOSAS (*Amazing Stories: Ghost Train*); HISTÓRIAS MARAVILHOSAS (*Amazing Stories: The Mission*) n 1991: TINY TOON ADVENTURES – FÉRIAS ANIMADAS* (produção executiva)

Como diretor: 1971: ENCURRALADO (*Duel*) ■ 1974: A LOUCA ESCAPADA* (*The Sugarland Express*) ■ 1975: TUBARÃO (*Jaws*) ■ 1977: CONTATOS IMEDIATOS DO TERCEIRO GRAU* (*Close Encounters of the Third Kind*) ■ 1979: 1941 – UMA GUERRA MUITO LOUCA* (*1941*) ■ 1981: OS CAÇADORES DA ARCA PERDIDA* (*Raiders of the Lost Ark*) ■ 1982: E.T.–O EXTRATERRESTRE* (*E.T. –The Extra-Terrestrial*, também produção) ■ 1983: NO LIMITE DA REALIDADE* (*Twilight Zone – The Movie*) ■ 1984: INDIANA JONES E O TEMPLO DA PERDIÇÃO* (*Indiana Jones and the Temple of Doom*) ■ 1985: A COR PÚRPURA* (*The Color Purple*); HISTÓRIAS MARAVILHOSAS* (*Amazing Stories*); HISTÓRIAS MARAVILHOSAS 2* (*Amazing Stories 2*) ■ 1987: IMPÉRIO DO SOL* (*Empire of the Sun*) ■ 1989: INDIANA JONES E A ÚLTIMA CRUZADA* (*Indiana Jones and the Last Crusade*); ALÉM DA ETERNIDADE* (*Always*) ■ 1991: HOOK*

Como produtor: ■ 1980: CARROS USADOS* (*Used Cars*) ■ 1981: BRINCOU COM FOGO, ACABOU FISGADO* (*Continental Divide*) ■ 1982: POLTERGEIST – O FENÔMENO* (*Poltergeist*) ■ 1983: NO LIMITE DA REALIDADE* (*Twilight Zone–The Movie*) ■ 1984: GREMLINS* ■ 1985: A COR PÚRPURA* (*The Colour Purple*); O ENÍGMA DA PIRÂMIDE* (*Young Sherlock Holmes*); OS GOONIES* (*The Goonies*); DE VOLTA PARA O FUTURO* (*Back to The Future*) ■ 1986: IMPÉRIO DO SOL* (*Empire of The Sun*); FIEVEL – UM CONTO AMERICANO* (*An American Tail*); UM DIA A CASA CAI* (*The Money Pit*) ■ 1987: UM HÓSPEDE DO BARULHO* (*Harry and the Andersons*); VIAGEM INSÓLITA* (*Innerspace*); BATTERIES NOT INCLUDED ■ 1988: UMA CILADA PARA ROGER RABBIT* (*Who Framed Roger Rabbit?*); THE LAND BEFORE TIME ■ 1989: DE VOLTA PARA O FUTURO II* (*Back to The Future II*); MEU PAI, UMA LIÇÃO DE VIDA* (*Dad*); TUMMY TROUBLE; ALÉM DA ETERNIDADE* (*Always*) ■ 1990: ARACHNOPHOBIA* ; DE VOLTA PARA O FUTURO III* (*Back to The future III*); GREMLINS 2* (*Gremlins 2: The New Batch*); ROLLERCOASTER RABBIT; JOE CONTRA O VULCÃO* (*Joe Versus The Volcano*) ■ 1991: UM CONTO AMERICANO II - FIEVEL VAI PARA O OESTE* (*An American Tail: Fievel Goes West*)

* *disponível em vídeo*

SET

GIGANTE ASIÁTICO

Meio tiranossauro, meio qualquer coisa, Godzilla arrasa Tóquio no filme de 1954, dirigido por Inoshiro Honda

STEVEN SEAGAL

OSCAR
©AMPAS©

2 INDICAÇÕES
- MELHOR SOM
- MELHOR EDIÇÃO DE EFEITOS SONOROS

UM NAVIO DE GUERRA É SEQUESTRADO POR TERRORISTAS, SOMENTE UM HOMEM É CAPAZ DE UM PLANO DE ATAQUE...

A FORÇA EM ALERTA

"UNDER SIEGE"

WARNER HOME VIDEO

THE ONE

Uma nova era em imagem e som.

CÂMERA

VHS-C
NV-S500 PN(*)
NV-G200 PN

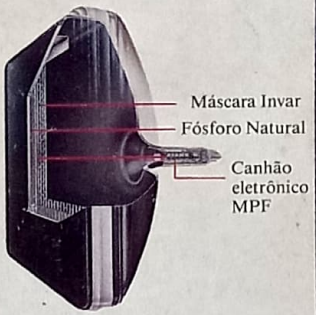
MULTI LASER DISC PLAYER

LX-K700(*)
LX-101

VIDEOCASSETE
NV-J48BR(*)

TELA SUPERPLANA

A tela de THE ONE é 30% mais plana que a dos modelos convencionais. Isto permite que você tenha um maior campo de visão e possa apreciar imagens nítidas de qualquer ângulo.



TELA NEGRA

Com mais de 750 linhas de resolução, a série THE ONE consegue um grande realismo nas imagens. Graças aos pigmentos negros no vidro da tela, a reprodução dos tons escuros também é mais realista, com uma melhora de 46% no contraste.

SISTEMA DE SOM DE ALTA QUALIDADE

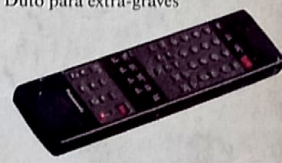
No exclusivo New Dome Sound Stereo System/Surround System, as caixas acústicas estão dentro do gabinete e envolvem o tubo de imagens. Isto proporciona um som ambiente mais rico, como no cinema, com graves mais profundos, médios e agudos cristalinos.

OBRA DE RITA QUEIROZ

Modelo TC-33V2L
(com sistema "PinP")

A Panasonic produz seus televisores como quem cria uma obra de arte. Ela busca expressar todo o seu talento para emocionar uma pessoa verdadeiramente especial: você. THE ONE reúne uma série de características que o fazem único no mercado. Ele possui um design arrojado e os mais sofisticados recursos de áudio e vídeo. Conquiste este privilégio.

THE ONE



CONTROLE REMOTO MULTIFUNCIONAL

Para operar, ao mesmo tempo, o televisor e a maioria dos videocassetes Panasonic.

THE ONE
TC-29V2L (29")
TC-33V2L (33")

Panasonic

(*) À venda na Zona Franca de Manaus

Produtos Importados